

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUCSP**

Marcelo Alberto Massano

A escrita, enfim: Da carapuça midiática ao Zero de artifício

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo/SP

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUCSP

Marcelo Alberto Massano

A escrita, enfim: Da carapuça midiática ao Zero de artifício

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob a orientação da Professora Doutora Suely B. Rolnik.

São Paulo/SP

2011

Banca Examinadora

Profa. Dra. Suely B. Rolnik (Orientadora)

Prof. Dr. José Amálio de Branco Pinheiro

Profa. Dra. Rosane Preciosa Sequeira

Suplente:

Prof. Dr. Peter Pál Pelbart

Para Elaine B.;

Para quem tem medo e pressa;

Para os que tem fome, os que seguem famintos;

Para os que seguem.

Agradecimentos

Elaine Bortolanza, nossa loucura.

Suely Rolnik, agenciadora.

Fabiana Faleiros, que me deu bala, me deu bolo.

Os que me socorreram, Patrícia Camelatto, Daniela Patrícia dos Santos, Rosana Marcondes, Daniela Pinheiro, Fátima Neide Freires, Julio Minoz, Nei Zigma, Lorene Soares, Cecília Negrão, Karina Araújo, Patrícia Zapletal, Filipe Ferreira, Heloísa Franco, Suzy Powidzer, Rosane Preciosa.

Os que pontuaram, Fabiane Borges, Mariana Marcassa, Lucélia Zamborlini, Maíta Assy, Nara Vieira, Kelton Gomes, Filipe Ceppas, Jeane Félix, Beatriz Rodrigues

Os que insistiram comigo, me deram comida, me deram abrigo; os que me ouviram e falaram, beberam, xingaram a minha mãe, olharam na minha cara; os que desligaram o telefone, quase disseram o que eu queria ouvir, estraçalharam minhas esperanças; os que me amaram, os que não me amaram, os que me amam; os que não tem medo da breguice, os que cantaram no Bar do Zé; os que se deixaram ser sacos de pancada; os piscaram para mim de dentro de seus automóveis; os que comeram da minha comida; os que nunca duvidaram.

Obrigado.

Resumo

A dissertação parte da experiência do próprio autor para problematizar a relação entre a sociedade midiática e a subjetividade, especialmente em sua potência pensante. Tal relação encontra-se no coração do capitalismo contemporâneo, regime que, não por acaso, é qualificado de cognitivo, informacional, cultural. Escrito num misto de teoria e ficção, o texto divide-se em duas partes. Na primeira é abordada a instrumentalização esterilizadora do pensamento por sua captura pela máquina midiática. Na segunda parte é apresentada uma modalidade de resistência a essa captura na ação de uma escrita que se desnuda do artifício imposto pela cultura de massa e chega ao ponto zero de um inominável, ponto em que o corpo se confronta à incontornável exigência de criação.

Palavras chave: mídia, subjetividade, sexualidade, escrita, sociabilidade

Abstract

Based on the author's experience, this dissertation questions the relation between a media-orientated society and subjectivity, especially the thinking potency of this relation. Such a relation is at the heart of contemporary capitalism, a regime which not by chance is described as cognitive, informational, cultural. Mixing theory and fiction, the text is divided in two parts. In the first, the sterilizing instrumentalization of thought as it is captured by the media machine is broached, while the second treats a modality of resistance to this very capture by means of a writing activity which undresses itself from artifices imposed by mass culture, reaching an unnameable degree zero, a point in which the body is confronted with the unavoidable exigency of creation.

Keywords: media, subjectivity, sexuality, writing, sociability

Sumário

Introdução	9
PRIMEIRA PARTE: O programa	13
A coisa em si	17
Um dia na vida	46
Um encontro	55
Mana	57
Ana	68
Um limite	70
SEGUNDA PARTE: Zero de artifício.....	73
Anexo	144
Bibliografia / Dispositivos	166

Introdução

“As palavras e as pessoas estão aí para serem usadas, e não faladas.

Sim, é cruel. Mas é assim que funciona: fazer o quê?”

(Marcelo Mirisola)

Ana, a personagem, surgiu do meu trabalho como roteirista de um programa de TV¹: escrevendo um quadro que durante quatro anos foi exibido de segunda a sexta, totalizei cerca de 800 roteiros, exibidos na sua maioria. A lógica desses roteiros era sempre a mesma, uma personagem feminina, narrando em primeira pessoa dramas e conflitos que resvalam no imaginário popular: com uma linha editorial limítrofe, os temas abordados quase sempre atuavam na égide "poder / amor".

Para realizar seus desejos, Ana não deve medir esforços, passando por cima de tudo e de todos: amores impossíveis, cobiça, ganância, dinheiro, fama, poder, reconhecimento, inveja, ódio, golpes, tramóias, conspirações, perversidades; eis a seara da personagem. Inserida no capitalismo robopata, exerce suas tramas no vale-tudo onde, em nome disso ou daquilo, se pode qualquer coisa. A cada história Ana tem um contexto diferente, uma idade diferente: como o nome da personagem nunca é mostrado, uma vez que é ela quem narra, convencionei usar esse mesmo nome, sempre. Ana deve ser muitas, já que a cada semana, cinco novas histórias (sem correlação, nem continuidade episódica) devem ser criadas.

Não há punição para Ana que dure, ela precisa renascer todos os dias. Mais jovem, mais experiente, mais velha, mais malandra, mais escrota, mais, mais e mais. Virada no cabelo do cão, carcomida nas entranhas, esmaecida em transfusões, drogada e prostituída, meretriz e cafetina, montada na sua loucura, purgada de cerimônias, dilacerada e dilacerando.

¹ O programa *Mércia*, exibido pela TV Bandeirantes, mostrava histórias de vida e dramas de pessoas que estão em busca de solução para seus problemas. Criticado pelo tom excessivamente sensacionalista, utilizava-se de linguagem agressiva ao ressaltar a espetacularização da miséria humana. Ao longo do texto, o programa *Mércia* será referido apenas como *Programa*, com P maiúsculo.

Criar as histórias, inventar as sinopses (que precisavam ser submetidas ao diretor antes de serem escritos os roteiros) e ter que criar tramóias, trambiques, forçando o tom moralista, mesquinho, normativo, eis a mola mestra do desgaste: quando parecia que tudo já havia sido feito, eis que mais uma vez os clichês eram requentados, remodelados; os mesmos ingredientes, os mesmos aprisionamentos. Ana sempre foi ao encontro da tradição trágica das telenovelas, e apesar da circunscrição de uma subjetividade mutante, a ocorrência de atrocidades deve resultar num final moralizante. O crime não compensa, ou antes, a frase clichê repetida no final,

“Se eu pudesse voltar atrás...”

Dos anos de convívio com essa personagem nasce a proposta aqui desenvolvida, os questionamentos, dúvidas e cansaço onde a criatividade foi sendo pouco a pouco tragada por uma espécie de linha de produção. Este trabalho propõe uma jornada cartográfica², partindo da relação redator-personagem como processo de produção de um escritor que deseja migrar da redação televisiva para a literatura. Do árduo processo da obrigatoriedade de produzir, aquém de qualquer inspiração, cem páginas semanais, a repetição de fórmulas e clichês desse imaginário resultam num esgotamento - um *caso de devir*³.

Sendo mentalmente braçal e subjetivamente insalubre, o trabalho de redator parecia destituir-me de potência: a TV não surgiu como um plano de carreira, um querer, uma seara; mais um acidente de percurso, um desvio de rota daquilo que realmente interessava, a literatura e o cinema. Estando ocupado com os roteiros de Ana, escrevendo cerca de 20 páginas por dia, eu ia gradativamente perdendo o

² “O que o cartógrafo quer é envolver-se com a constituição de amálgamas de corpo-e-língua. Constituição de realidade”. In: ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental – Transformações Contemporâneas do Desejo** [1989]. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 3ª edição 2006, p. 231.

³ “Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrever estamos num devir-mulher, num devir-animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir-imperceptível.” In: DELEUZE, G. **Crítica e clínica. A literatura e a vida**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997, p. 11.

interesse pela escrita, e se havia o desejo de escrever um livro, esse havia ficado no passado. Cria-se um impasse, onde a personagem ganha corpo e comando: Ana manda no redator, ele trabalha para ela, ele a fortalece e ela suga sua energia como uma aranha traiçoeira, ocupa sua casa, usurpa seus bens. Instala-se um processo vampiresco, esgotando as forças da escrita: para salvar-se, o redator precisa tornar-se escritor e romper com os impedimentos que lhe parecem os mesmos de Joubert. Nas palavras de Maurice Blanchot,

“(Joubert) Nunca escreveu um livro. Apenas preparou-se para escrever um, buscando com resolução as condições justas que lhe permitiriam escrevê-lo. Depois esqueceu até mesmo esse propósito. Mais precisamente, o que ele buscava, a fonte da escrita, o espaço para escrever, a luz para circunscrever no espaço, exigiu dele, fortaleceu nele disposições que o tornaram impróprio para qualquer trabalho literário comum, ou fizeram com que o evitasse.”⁴

Da superposição de imagens do redator que precisa se libertar da personagem, seus medos, seus ensaios de uma escrita autoral, tentativas exaustas de aprender outro tema qualquer, idas e vindas, se faz a primeira parte desse trabalho. O processo de um livro que deve vir, e que virá na segunda parte.

⁴ In: BLANCHOT, M. **O livro por vir**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Sulina; Editora Martins Fontes, 2005, p. 70.

PRIMEIRA
PARTE

O Programa

Era 2003 e o amigo do amigo veio com a solução mágica: “Você não gostaria de escrever um roteiro de ficção, coisa pequena, 6, 7 minutos, para o programa em que eu trabalho?”. Eu precisava de grana, e quando ele disse o nome do programa, letras em néon piscaram: num *flashback*, o ano de 1996.

No tédio sertanejo da Unesp de Assis, longe demais de tudo, antes da internet e da pornografia *free*, haviam as drogas e a TV, ou seja, as drogas. Meus companheiros de tédio, Natália e Edinei, vinham à minha casa para nos drogarmos frente a tv. Havia a biblioteca da Unesp, o que aqui não vem ao caso. Era mais um dia de telenovela, e entre uma zapeada e outra, surge a chamada para o Programa: pessoas que expunham seus conflitos, e com suas picuinhas terminavam se engalfinhando, rugindo, cacarejando, imitando a língua dos animais, resolvendo as coisas na porrada, se agarrando pelos cabelos. A plateia ensandecida, a audiência no teto: trágico, perverso, *trash*, jocoso. Naquele ano de 1996, tivemos a impressão que as nossas noites de quarta-feira nunca mais seriam as mesmas.

Ríamos já antes do Programa estreiar: a apresentadora era feia, falsamente simpática, uma legítima representante do mundo que mostrava, mas com uma camada grossa de tudo o que um *personal stylist* podia fazer para torná-la uma estrela em ascensão. A estréia do Programa não nos decepcionou, os convidados falavam “pobrema”, em unísono; a apresentadora era uma cobra, pérfida, e a porrada comia solta. Rimos com aquilo durante uns 3, 4 programas, e depois perdeu a graça. Havia outras drogas mais interessantes e enriquecedoras.

A proposta que o amigo do meu amigo me fazia era clara ao tentar me dar uma direção do que escrever, o tipo de enredo, o que eles queriam. Eu ouvia atentamente, minha experiência com escrita de roteiros vinha de um curso que fiz com o diretor de cinema Carlos Reichenbach, e a escrita de um roteiro que ele tinha em mente que não deu em nada: sempre odiei a ideia de adaptar “Empédocles” de Agrigento, mas fizemos alguns progressos. Outros cursos vieram, mas me ficava a figura do Carlão fumando seu cigarro de madeira na ânsia de abandonar o vício do

tabagismo, contando pérolas e causos do cinema novo. Aceitar a proposta tentadora - por causa da grana - não era questão de escolha, mas de sobrevivência.

Meu primeiro roteiro para o Programa foi reescrito cinco vezes, pois se eu havia entendido a proposta, o lance era sangue, queria juntar Tinto Brass⁵ e Tarantino⁶, um *softcore* trágico para deleite do Ministério Público, que na época andava bombando com a ONG TVer, numa cruzada contra a baixaria na TV⁷. Havia até um ranking, e na primeira época do Programa, comumente eles estavam no pódio.

Lembro-me que o primeiro roteiro continha ingredientes como cinco quilos de cocaína, um amante bom de cama, uma prisão em flagrante, um aborto na cadeia feito com um agulha de tricô: nascia Ana. Foi preciso abrandar a história, reescrever, desistir da agulha de tricô, substituir por uma de crochê...

Quando vi aquilo no ar, tive uma estranha sensação: os atores eram péssimos, e não havia nenhuma sutileza, nenhuma nuance do texto; tudo mais como um trabalho feito por estudantes sem técnicas de cinema ou teledramaturgia. Uma estética *youtube*, por assim dizer. E o close na agulha de crochê não apareceu: a voz em off que narrava era apelativa, monótona, um chororô sentimentalóide que massacrava e nivelava por baixo o que ainda podia haver de possível naquele texto pentaformatado. Entre a decepção e o dinheiro no bolso, o fato era que a minha história estava sendo transmitida para todo o Brasil.

Foi um sucesso de audiência. Logo pediram outras histórias; passei quase um ano escrevendo, como *freelancer*. Nessa fase eles se lixavam para a classificação indicativa: era um vale-tudo de crimes, espancamentos, revólveres, cocaína, magia negra, assassinatos, perversidade, mas sem assumir o *trash* sinceramente. Havia um limite, e era essa barreira que impedia, desde já, um certo gozar com a criação. O tempo no ar foi aumentando, e depois de um ano as histórias ocupavam 40 minutos da programação. Os processos se acumulavam, e o programa, mesmo

⁵ Tinto Brass, diretor de cinema italiano. Trabalhou com Rossellini e pouco a pouco trocou a vanguarda pelo rótulo de diretor 'erótico': cada vez mais vulgar, tornou-se cult.

⁶ Quentin Tarantino, diretor e roteirista norte-americano. Com histórias não-lineares carregadas de violência, foi tornado mestre do cinema.

⁷ Lançada em 2002, a campanha "Quem Financia a Baixaria É Contra a Cidadania" divulgava listas de programas considerados de baixo nível e pressionava seus anunciantes.

sendo sucesso de audiência – a única maneira de aferir um produto rentável em se tratando de TV – foi tirado do ar.

Quatro anos depois me chamaram para ser redator do programa, agora com uma nova roupagem, mais *clean*, *soft*, inspirado em Oprah Winfrey, chupado completamente dos programas telebarraqueiros norte-americanos. Tive que reinventar Ana, circunscrevendo-a nas patifarias do poder, amores impossíveis, traições e derivados. Uma Ana menos bandida e mais Scarlett O’Hara: limitações para enquadrar a moçoila num programa de censura livre, exibido às 16 horas.

Depois de 150 histórias, consegui me afastar daquele ambiente: a produção do programa era um espaço onde todas as forças do telebarraco se operavam, um microcosmo-simulacro (ainda que sem o olho cínico das câmeras), desfilando toda a sujeira dos bastidores onde ficava claro que ali, as pessoas eram gado: discriminadas pela cor da pele, confinadas em cubículos conhecidos como “camarim de pobre”, elas aguardavam horas pela gravação, e na maioria das vezes, adentravam o estúdio sem saber o que aconteceria. Todos eram trucidados pela apresentadora, ela sim, uma Ana sem limitações.

Livre daquele teste de nervos que era a produção, fui incumbido de escrever em casa, desde que escrevesse um roteiro por dia. Cada roteiro com cerca de 20 páginas, uma história diferente a cada dia: parecia um bom negócio. Eu não gostava do Programa, sentia certa vergonha e via na cara das pessoas o espanto quando me perguntavam o que eu fazia da vida, evitava falar sobre, e quando falava os olhos arregalados me pesavam: durante um tempo justifiquei isso dizendo que estava sobrevivendo da escrita, e que isso era uma oportunidade rara.

Aos 11 anos quis escrever um livro, era uma história boba que talvez um dia eu consiga contar: ninguém validou a tentativa, e eu precisava de algum apoio, além da Biblioteca Pública que me emprestava dois livros por semana. Aos 13 tentei novamente, mas por excesso de autocrítica, deixei de lado. Depois dos 17 volta e meia fiz minhas tentativas, sempre inconclusas: trechos, sinopses, ideias que me consumiam por dias, meses; cartas antes da internet, uma máquina de datilografia, guardanapos de bar, nada ia para a frente, não progredia, havia um ponto onde eu me traía e a coisa acabava caindo num artificialismo de quem quer se proteger.

Lia o que me caísse nas mãos, e escrevia fechando os olhos, sem caneta, papel ou computador. Ouvia do meu pai que os escritores morrem de fome, dos meus amigos que esse lance de ser escritor era pura ilusão: essa crueldade para com meu ingênuo e romântico sonho de, ainda adolescente, ser um clone de Rimbaud, acabou me levando para mais leituras. Os livros não me criticavam, e lendo eu aprendia a escrever, ainda que não escrevesse. A dúvida até hoje persiste, mesmo com tantos trabalhos no submundo do texto: projetos para o terceiro setor, projetos para editais, roteiros para TV, institucionais, correções, relatórios, e-mails, correspondências, anúncios, encartes de Cds evangélicos, tarjas, créditos. Tive alguns trabalhos, mas nada perto daquilo que eu desejava aos 11 anos: muitas vezes, desisti.

Nos anos em que escrevi os roteiros de Ana para o Programa, isso foi ficando claro: minhas mãos doíam e eu pensava em DORT⁸, não no livro que gostaria de escrever. Eu queria descansar, preferencialmente na Bahia, e isso passava por não escrever nada.

Minha história com o Programa se encerra em dezembro de 2010: do que resisti, para não desistir, trata essa primeira parte.

⁸ DORT, sigla para Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho.

A coisa em si

*“Eu ainda não havia adquirido desespero suficiente...
não para atravessar as ruas às cegas”*

(Marcelo Mirisola)

Ma

Ninguém é um cu. Também é. Mas não só. A ilusão da permanência da beleza permeando tudo, valorizando cus belos em detrimento de outros nem tanto. Quem vê cara vê cu? Ana não é apenas um, mas sai pelo meu cu. É quase Natal e quase vomitei ao atravessar o shopping: garotinhas de cinco anos vestidas de rosa dos pés à cabeça apontando para vitrines de grife. Papai Noel era um cara com uma barba de verdade: um cu com barba branca. Mini-cus vestidos de rosa fazendo birra por uma camisetinha de R\$ 200. Fila no McDonald's para provar o novo sanduíche que tem o mesmo gosto dos outros.

Não há relógios no shopping, mas sabe-se que é Natal. É tempo de festas, presentes e laçarotes vermelhos que não servem para nada. Celebrando os laços familiares, laços de sangue, bosta e mijo. Criancinhas cagando em suas fraldas descartáveis com flocgel, olha, “é cara porque protege o seu bebê e o elástico não aperta”. Mamães jovens tiram de suas bolsas *Gucci* compradas à prestação lenços umedecidos para limpar toda essa bosta, enquanto papais cheios de remorso estendem seus cartões de crédito para pagarem por mais fraldas, bolsas e subcomidas do McDonald's que são cagadas em novas e limpas fraldas. O cu sempre. Ana não é um cu, mas vive cagando na minha cabeça. Mais de dois anos. Cagadas que às vezes me aquecem, noutras apenas fedem. Cada um faz o que quer com a sua bosta, não é mesmo?

Por todos os lados luzes piscando em coqueiros, prédios, fachadas, vitrines: um simulacro de Las Vegas pró-capitalismo. Alguns cus piscam também, imersos em sua escuridão. Tenho saudade de mim mesmo. Só porque é Natal e a pseudocordialidade de pessoas carregando sacolas cheias de presentes dentro do metrô ocupa o lugar da mediocridade nossa de cada dia. Uma nova hipocrisia, limpinha como um Ano Novo. Talvez exatamente por isso, porque é Natal: não tenho a quem presentear, e me ocorre que eu devia comprar um presente para Ana, mas

algo que servisse para mim também. As adagas estão muito além das minhas posses.

Onde está Jesus? Ele que permite que o mundo tenha se tornado isso? Esse mero amontoado de cus palpantes? Ainda tenho um cu. Hei de lavá-lo bem com uma escova de dentes. Colocar um laçarote vermelho para meu encontro com Ana: meu diretor exige que eu passe a semana de natal e ano novo produzindo quinze roteiros sobre o mais do mesmo de Ana.

Sigo andando na chuva fina depois do sol de rachar asfalto. Calor insuportável. Ali na esquina da Desembargador Eliseu Guilherme um moto-entregador-de-pizza caiu. Há sangue no asfalto, mas ele parece mais preocupado com a pizza. As azeitonas devem ter saído do lugar. A mussarela talvez tenha grudado na tampa de papelão quando a moto caiu. Ele pede que uma curiosa segure a pizza para que a embalagem não se manche com o sangue que ele tem nas mãos. Que mundo porco, meu Deus...

Foi o último dia que saí de casa antes de.

Para colocar meu cu na cadeira definitivamente.

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Eu nunca tive sorte no amor, o que não me privou de viver grandes paixões: aos 20 anos eu já tinha dois filhos de relacionamentos que não deram certo. Os pais dos meus filhos não quiseram se casar, e depois que eu engravidei esses relacionamentos acabaram afundando: eu morava com meus pais, e apesar deles reclamarem, eu sabia que eles tinham razão quando diziam que sobrava para eles. Como eu não trabalhava, eram eles quem sustentavam os meus filhos, minha mãe cuidava muito bem deles, e por isso eu deixava as crianças com ela: eu era jovem, não ia deixar de frequentar as baladas que gostava para ficar cuidando de criança à noite. Meu pai era muito autoritário, até porque minha outra irmã era um exemplo de virtude, casada, fez tudo certinho e tinha também dois filhos com o marido. Eu não aguentava ouvir tanta reclamação, e isso era mais um motivo para eu cair na farra toda noite. (...)

Ma

Não consigo já me deparar derradeiro de olho aberto viciado em imagens que não foram o que deveriam: o olhar epicêntrico tu-fetichê-carne, escapulário de todo meu senso, o que não anda em ti nem se move em mim depois de lembrar das tuas mãos. Unhas tão cortadas, rentes à carne, roídas deveras lixadas, um brado-desespero que nem você ouviu.

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Na verdade, essa é a história da minha mãe, que assim como tantas mulheres, sempre viveu um inferno com o marido, no caso, meu pai: eu cresci num ambiente onde o meu pai mandava e minha mãe obedecia sem nunca questionar as decisões que ele tomava, não importava se era o melhor ou não, o que ele falava era lei. Minha mãe dizia que sempre quis ter um filho homem pois esse era o sonho do meu pai, e eu detestava ouvir isso, era como se eu e a minha irmã não existíssemos, pois para ele nós não servíamos: conforme fui crescendo comecei a perceber o quanto era horrível essa submissão da minha mãe, e não entendia porque ela se prestava a esse papel. Ela dizia que era louca por ele, mas eu não entendia como uma mulher pode aguentar viver sendo humilhada, tendo que ouvir as coisas que ele dizia para ela durante 30 anos: meu pai sempre se achou muito melhor que todas nós, dizia que nós éramos um atraso na vida dele, três mulheres que não prestavam para nada. Por sorte eu e minha irmã nos casamos e fomos embora. (...)

Ma

Eu disse o anátema? Não, ele travou minha garganta receosa em escarlate agonia, plúmbeo gozo de quase dizer em surdina, para depois gritar um pedido de desculpas, desculpe-me, desculpe-me Ana, desculpe-me, eu não queria te ofender, eu só queria tomar suas mãos por um longo instante e colocá-las sobre meu peito

curvo, talvez elas acalmariam a fúria desse câncer que creio consumir meu pulmão, ou o desatino desse enfarto que só dói – tarda e falha. Cure-me, ajude-me a achar os sorrisos alheios menos hipócritas, me ajude a encurtar esse calvário de desmerecimentos, cimente minhas arregimentações de morte, de morrer, de despedaçar-me múltiplo, multífluo como essa vomitança incessável, essa não-podência ao acordar, essa dor no peito indagnosticável pelos doutores.

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Quando minha mãe morreu eu entrei em desespero, tinha apenas 17 anos e não tinha mais ninguém no mundo, a única pessoa que me restava era minha avó, que morava em outro estado e isso era muito longe da minha casa: eu acabei indo para lá e ela me recebeu de braços abertos; eu estava desesperada, sentia falta da minha mãe, dos meus amigos, da vida que tinha deixado para trás. Não conseguia pensar no futuro, não sabia o que seria da minha vida, até a escola eu tive que abandonar: minha avó, que eu tinha visto poucas vezes na vida por conta da distância, me acolheu e foi muito carinhosa, ela tentava me tranquilizar, dizendo que mais hora menos hora eu ia me encontrar, arrumar novos amigos, recomeçar a minha vida. Eu sabia que a situação financeira dela era delicada, ela era aposentada, e com esse dinheiro que era tão pouco ainda pagava aluguel: eu nunca tinha trabalhado, mas acho que havia chegado a hora de procurar um emprego, isso ia me ajudar a esquecer todas essas perdas que me deixavam tão pra baixo... Minha avó estava doente e eu tinha que fazer alguma coisa por ela, afinal ela estava me acolhendo na sua própria casa. (...)

Ma

Seu altar arrumado, minha escrivanhinha: não paro de limpar o meu mac com um desses paninhos para lentes dos óculos, como se pudesse remover suas impressões digitais. Se pelo menos eu pudesse foder você, como seria isso? Trepas metafisicamente? Rezas salve-rainhas ao dedilhar a cova sagrada? Cometerias

sacrilégios orais em fétidos buracos? Sussurrarias orações-oráculos de gozo-regozijo?

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Acabei entrando para o mundo da prostituição pois essa foi a única opção que tive para não passar fome, vinda de uma família desfeita, onde tanto meu pai como a minha mãe bebiam e faltava de tudo em casa. Por isso vim parar nas ruas, como garota de programa eu pagava as minhas contas, tinha uma casa para morar, ia levando a minha vida, mas não estava feliz, pois acho que nenhuma mulher fazendo o que eu fazia deve estar feliz. Eu tinha que aguentar cada homem horrível, não era fácil ter que estar sempre sorrindo, tendo que lidar com gente que só quer te usar para depois descartar: meu sonho era abandonar essa vida, ter um trabalho digno, um marido, filhos, poder andar de cabeça erguida nas ruas, ser respeitada: quando eu falava isso as meninas que trabalhavam comigo riam da minha cara, diziam que eu era uma sonhadora, que eu estava marcada e que homem nenhum ia querer casar comigo, não se ele soubesse qual era a minha profissão. De certa forma eu acreditava nelas, sabia que essa vida não me levaria a lugar algum, e tinha medo de ficar velha e não poder mais vender o meu corpo. Foi quando o Carlos apareceu, pensei que era só mais um cliente entre tantos, mas não foi bem assim... (...)

Ma

Outrora tenho tendenciosamente dúvidas, dúvidas com o teu sagrado, e assim vou continuamente me banhando em néctares, Lancômes, me esfrego com Madame Rubinstein, escovo os dentes, tiro a camada brilhosa da sujeira espontânea dos meus poros, passo condicionador nos pêlos pubianos, enfio uma velha escova de dentes no cu com lisoform para que tudo esteja divinamente limpo, divinamente imaculado para quando dê. Rezo um pai-nosso, duas ave-marias, uma salve rainha e uma glória ao pai, e ofereço tudo a São Thomas, Nossa Senhora do Desterro e

Nossa Senhora da Conceição: eu nem acredito em deus, mas preciso de forças para escrever mais um pouco de Ana.

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Meu maior sonho era ser uma advogada de sucesso, cursar uma boa faculdade, crescer na carreira e ser reconhecida: infelizmente minha realidade era muito diferente, e depois que eu me terminei o ensino médio, não havia mais o que fazer. Minha família era muito pobre, eu tinha 12 irmãos, e meus pais mal davam conta de sustentar todos: para ajudar nas despesas eu lavava roupa para fora, ficava com as mãos doloridas de tanto me esforçar no tanque. Todos os meus professores diziam que eu tinha potencial, e força de vontade não me faltava mesmo, mas onde eu morava, além de não ter faculdade, não tinha emprego. Eu tinha muitas dúvidas, às vezes achava que a única coisa que o destino me reservava era casar e ter filhos, naquela cidade perdida, tão distante de onde eu achava que as coisas aconteciam. Foram anos nessa vida, nessa miséria que acabava até com os meus sonhos: será que eu devia me conformar? (...)

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Desde que nasci moro com os meus avós: a minha mãe devia ser uma louca, pois eu nunca a conheci, e depois que eu nasci ela me entregou para os pais e sumiu no mundo. Quando eu era pequena morria de curiosidade de conhecer a minha mãe, mas os meus avós que eram pais dela diziam o diabo sobre a filha, eles nunca aceitaram a gravidez, e jamais a perdoaram por ter me abandonado. Conforme fui crescendo, aos poucos fui percebendo que eles descontavam a raiva que tinham da minha mãe em mim, e por isso a nossa relação era um inferno: eles viviam querendo controlar a minha vida, pois tinham medo que acontecesse comigo o mesmo que aconteceu com a minha mãe. Acho, que se eu ficasse grávida, para eles seria o fim... (...)

Ma

Você quis tanto, mas e agora, o que quer? Penteia os cabelos evitando olhar-se no espelho: acredita no seu senso de direção, um pente vermelho, quisera que esse fosse seu único bem, um pente vermelho. Carregaria o mundo no bolso, se livraria de toda a tralha comprada à prestação. Em algum momento essa tralha fez sentido: plástico, circuitos, ferro, algodão, madeira, couro e pedra, basicamente. Ah o design. O que faz tudo isso custar os olhos da cara, os olhos que você vendeu para hoje ter tudo isso que não quer ver.

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Sempre fui uma mulher insegura, sempre me achei feia, nunca estive satisfeita com a minha aparência, e isso influía em todas as áreas da minha vida: eu parecia não ter força para tomar decisões, me sentia deprimida, sozinha, não conseguia estar inteira em nada. Meu trabalho era apenas uma fonte de renda, porque eu não era feliz naquele escritório: eu sempre sonhei em trabalhar como executiva, mas para isso eu sabia que devia estudar mais, me dedicar com afinco à minha formação, coisa que eu não fazia porque não tinha ânimo. Depois que eu terminei a faculdade entrei nesse trabalho e sabia que lá eu jamais iria crescer, ia ser isso para o resto da minha vida: no fundo eu sonhava em encontrar um homem que mudasse a minha vida, um cara lindo que fizesse despertar em mim a força que eu sabia que tinha, mas que não encontrava. (...)

Ma

Os planos não mudavam quando se colocava os óculos escuros: num mundo acinzentado por lentes *Bausch & Lomb*, um não desejar, para o zero de tensão. Hoje

se vai trabalhar não porque o deseja, mas porque acredita que o automatismo do ato, o exercer desse não desejo, possa enfim desembocar no zero de tensão.

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Minha vida mudou quando eu conheci o Bruno: foi a Aninha, minha velha amiga, quem me apresentou ele, na verdade nos conhecemos na casa dela, sem ter combinado nada. Minha primeira impressão não foi das melhores, eu achei ele abusado, exibido, não era o meu tipo de homem mesmo, parecia que ele queria se aparecer, pois ficava falando de si mesmo, sem nenhuma modéstia, que era bom no futebol, que era isso e aquilo, como se eu estivesse interessadíssima em saber. Quando ele saiu acabei comentando com ela que tinha achado aquele rapaz um chato, na verdade nem a minha amiga conhecia ele direito, e eu fiquei sem entender muito bem a relação deles, mas isso não importava, eu estava ali para falar com ela. (...)

Ma

Ah, *suerte* maldita. Ampliar para reduzir. Dê uma volta em cinco anos, encontre Travis no deserto, o fantasma de Nastasja Kinski. Se fora a vergonha, a cara no espelho. Se fora o espelho, a vergonha mesmo. Quantos cronogramas você tem, meu bem? Cento e dez reticências... Impedâncias. Leis da Física em complexos e assombrosos anagramas...

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Eu tinha 20 anos quando conheci o Felipe, até então nunca tinha namorado, já havia me apaixonado por

alguns rapazes mas como sempre fui muito tímida, nunca consegui lutar pelos meus amores. Ele era lindo, o típico rapaz que eu achava que nunca ia olhar para mim: popular, bonito, querido por todos, cheio de amigos, era a alegria por onde passava. Foi ele quem tomou a iniciativa, e eu mesmo achando ele o máximo não conseguia ter certeza sobre qual era o interesse dele por mim: quando a gente ficou junto e ele disse que estava gostando de mim de verdade, eu pensei ter realmente tirado a sorte grande. Eu estava louca por ele, e foi nesse clima que começamos a namorar: éramos as pessoas mais diferentes do mundo, mas dizem que os opostos se atraem, e talvez isso fosse verdade, pois eu sentia que ele me completava em muitas coisas. (...)

Ma

Algo que se desmancha tinge a borda de verde. Quantos nãos e ensaios de um preparado desespero? De um não dar conta, de um nojo crescente do que os dedos digitam, a disenteria de moralismo e pequenez que a tudo emerdeia? Se quer precipitar-se, pontes móveis e redes de proteção. Equilibra-se numa insondável acrobacia da carne, como se o discurso e o enunciado se sustentassem num código que não o mesmo do cartão do banco.

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Quando eu me casei com o Valter pensávamos em ter uma família grande, mas por eu ter tido complicações no parto tivemos apenas um filho. O Caio era a minha vida, por ser filho único nós fazíamos tudo por ele: ele sempre teve do bom e do melhor, estava na faculdade e era a alegria da minha vida. Meu marido achava que eu o mimava demais, eu sabia que isso era verdade, mas que mal tem em se dar tudo para um filho? Eu não media esforços para ver o meu filho feliz, e em troca recebia todo o amor que uma mãe pode sonhar em receber de um filho. (...)

Ma

Quanto há de covardia, de arrivismo ao não conseguir lidar com o você real, despido do personagem, tornado possível? Um sussurro ao pé do ouvido, uma voz que repete: A REALIDADE É IMPOSSÍVEL! O medo que paralisa, medo de ser içado a esse gelo do não, ouvir própria boca que sim, é impossível. Já se protegendo da prerrogativa: só na fantasia te faço possível, pois creio que nosso desejo jamais se encontrará. Coitadifico sem vitimizar-me. E te perco mais uma vez.

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Eu sempre soube muito bem onde queria chegar na vida, desde cedo não me contentava com pouco: mesmo sendo a primeira da classe, eu queria mais, e meus pais me incentivavam nessa empreitada, mesmo tendo poucos recursos. Eles sempre tiveram orgulho de mim, e a minha mãe me apoiava em todas as minhas decisões: a Diana, minha única irmã, não gostava tanto de estudar, até repetir de ano ela repetiu, e vivia tirando sarro da minha cara porque eu não saía muito de casa, não tinha um monte de amigos como ela. O que eu queria era estudar numa boa faculdade, de preferência pública, que me colocasse no topo. Meus pais viviam preocupados comigo, eles achavam que eu precisava de uma válvula de escape, precisava sair um pouco, arejar as idéias, mas comigo a coisa não funcionava assim: aquele era o ano do vestibular e eu estudava o dia inteiro, chegava a dormir em cima dos livros, a minha mãe vinha me chamar, sempre carinhosa comigo... (...)

Ma

Uma coisa mole, viscosa, um muco infeccioso tomando as paredes, melecando os móveis, produzindo remelas, o catarro da impossibilidade, que

impede movimentos e faz querer matar os pássaros que cantam lá fora contra mim. Por que as guerras não dão certo? Quando o fim do mundo? A cama com seu alento paposo, a única arma, um edredom. Me enfronho, me enrolo, o telefone toca, não atendo, insiste, desisto. O lusco-fusco desse muco metafísico vai se impregnando, meu arrote indigesto, me agarro aos travesseiros, deixo a coisa vir, fecho os olhos.

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Eu tinha 19 anos quando conheci o Wilson, nunca acreditei em amor à primeira vista, mas assim que o vi tive um pressentimento, primeiro porque achei ele muito bonito, e isso me deu um pouco de medo, eu mal conseguia olhar para ele, sentia vergonha, não queria ser denunciada pelo olhar. Eu estava começando um novo emprego, era uma excelente empresa e eu tinha planos de crescer lá dentro, apesar de estar sendo contratada como estagiária sabia que, com esforço e com a faculdade que eu estava cursando, logo poderia chegar onde eu sempre sonhei. O Wilson era chefe de setor, não sei se ele reparou que eu gostei dele, mas desde o começo ele vivia me olhando, eu ficava toda encabulada, e tentava ao máximo me concentrar no trabalho. Ele sempre puxava conversa, chegou até a perguntar se eu tinha namorado, e quando eu disse que não ele perguntou se eu queria sair com ele. Eu não sabia o que fazer, tinha medo de que aquilo pudesse influenciar no meu trabalho, mas acabei aceitando. (...)

Ma

Do que deve ser lavado, a casa, as roupas, a louça, a cara; da sujeira acumulada e daquela que não sai, esse alvejante incapaz de acabar com os germes; esse cansaço remelento, ressaca de cigarro, de sono induzido por medicamentos; afazeres e links se acumulam, nada importa, é preciso satisfazer as necessidades trágicas dos entediados que assistem TV: eis o que realmente não pode esperar. (...)

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Eu me casei muito jovem, e sempre achei que esse foi o meu maior erro: o Paulo mudou muito com o passar do tempo, e a situação com ele estava insuportável. Ele já estava desempregado há mais de um ano, e como se não bastasse, começou a beber, chegava em casa super agressivo, e descontava toda a sua frustração em mim. Nós morávamos na casa da minha mãe, de favor, e isso envolvia todos, meus filhos muitas vezes presenciavam os acessos de agressão do pai, e eu não sabia mais o que fazer. Quando ele estava sóbrio era uma coisa, ele conversava, se mostrava preocupado, mas depois que bebia, e isso acontecia todos os dias, ele se transformava. Eu não suportava mais, parecia que o Paulo não queria mudar, e ficava cada vez pior: eu já não sabia o que falar para as crianças, para os meus pais, não sabia mais como contornar essa situação. Olhava e via que o sentimento que um dia eu tive por ele estava indo embora, porque ele estava acabando com a minha vida. (...)

Ma

O corpo cozido por todos os “ismos”, acumulando resíduos nesse eterno torpor de cansaço, a tendinite é o de menos, quase um orgasmo, uma dor localizável e nomeada. Páginas e páginas de preconceito, brutalidade, um mundo canhestro, um chefe gritando querendo mais, mais, a gaveta, a gaveta que precisa estar cheia. Oito sinopses de uma vez, sobre o que então, clichê assado-frito-grelhado-no vapor, sem molhos. Esse arroz e feijão de Ana e Anas, relativizando meu mundo, arrastando para o bueiro o que havia. O que havia antes, o que havia aqui? Se tudo arranha, os dedos, autoviolência digital, oco da barra de espaços, pastiche de vilãs mexicanas, gibertobragueanas, sem aforismas, sem poesias, sem remendos, sem revisões de texto, sem palavras – segundo meu chefe – difíceis. Como a palavra “óbvio”, por exemplo. Nosso público não sabe o que isso significa. Segundo o meu chefe, é óbvio que. “Tá na cara” serve? Óbvio!

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Eu conheci o Leo ainda na faculdade, ele estava fazendo um curso técnico, e eu estudava administração apenas por que a minha mãe me obrigou, porque não tinha nenhum interesse pela área. Nós pertencíamos a universos completamente diferentes, mas isso não foi motivo para nos afastar, pelo contrário: além da atração física que nos uniu desde o começo, eu admirava o caráter dele, o jeito realista que ele tinha de resolver as coisas. O Leonardo era bem pé no chão, um cara que teve que correr atrás, veio de uma família muito pobre, e conseguiu o pouco que tinha através de muito esforço. A gente já estava juntos há mais de 3 anos, e o meu amor só aumentava a cada dia: eu já tinha terminado a faculdade mas não trabalhava, não me sentia preparada para isso. A minha vida com ele era perfeita, mas infelizmente nem tudo eram flores... (...)

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Eu não sei explicar ao certo quando isso realmente começou, mas eu passei a prestar mais atenção no meu cantor preferido, o Rafael Mendes, quando ele lançou uma música nova que acabou se tornando a música da minha vida. Eu havia acabado um relacionamento naquela época, e andava bastante triste com isso, pois ainda amava o meu namorado, e ele me trocou por outra. Quando ouvi os primeiros acordes de *A dor que nos unirá para sempre*, tive a sensação de que finalmente alguém havia conseguido traduzir tudo o que eu sentia: depois disso, acho que acabei transferindo a paixão que eu tinha pelo meu ex pelo Rafael, que passou a ser meu cantor preferido. Eu sonhava com ele e podia sentir sua presença, mas ele era famoso, e eu, coitada de mim... (...)

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Sempre tive uma vida muito pacata, e depois que a minha morreu eu passei a ficar ainda mais tempo dentro de casa: não estudei porque nunca me interessei por nada, e sentia que muito disso vinha pelo modo como fui educada. Meu pai sempre foi muito linha dura, ele controlava todos os meus passos, eu era filha única, e fui criada para casar e ter filhos, mas meu pai nunca gostou dos rapazes que eu cheguei a conhecer. Tive apenas um namoro desde então, me sentia sozinha, desconectada do resto do mundo: minha vida era cuidar do meu pai, limpar aquela casa, cozinhar, e ainda assim nada deixava ele feliz. Às vezes eu pensava em sair, tentar romper com essa situação e viver a minha vida, encontrar um homem, casar, arrumar um trabalho, mas eu não acreditava no meu potencial, meu pai era o primeiro a me colocar para baixo, falando que eu não servia para nada, sempre foi assim... (...)

Ma

Há sempre a possibilidade de ter uma depressão, procurar um psiquiatra, se esbaldar no mundo dos inibidores da monoaminoxidase, necas de sentido, mas com o laudo na bolsa, pra quando perguntarem o porquê de tanta merda, desse cheiro de cu amanhecido, do sumiço e das olheiras, poder dizer que estava em depressão. Sempre no passado. Fiz aquilo porque estava em depressão, o referente que conserta qualquer desmazelo social. Peguei o telefone de uma psiquiatra. Ligo?

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Eu podia dizer que tinha uma vida muito boa morando com meus pais: eles me mimavam, faziam tudo por mim, era como se eu fosse filha única. Na verdade eu tinha um irmão, o Leandro, que morava fora do Brasil já há uns três anos: apesar de ser mais novo do que eu, ele sempre quis ir embora, viver sua independência, sempre disse que precisava conhecer o mundo. Eu fazia faculdade, essa era a minha única preocupação, estava

estudando Economia mas não sabia se isso me levaria a algum lugar: hoje vejo que eu era muito alienada, não estava nem aí para o futuro, o que mais me preocupava era ter as coisas que eu queria e poder sair com meus amigos: uma vida fútil, mas que me fazia muito feliz. (...)

Ma

Quero escrever sobre o cu. Cu vende, sei que há uma demanda reprimida. Cu vende mais que esse lixo moralista-melodramático de Ana. Posso ver nos olhos do meu proctologista que ele sabe de algo que ninguém sabe. Um períneo de suposições. Deitar na maca e virar de lado como se nada estivesse acontecendo, o procto não olha na minha cara, o recomendado é fazer de conta que nada está acontecendo, mas ele sabe que, até ali, marcara a vida de muitos. Aquele consultório deve custado um dinheirão...

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Desde pequena sempre tive minha mãe como melhor amiga, ela sempre esteve comigo em todos os momentos, e ela era a minha maior referência: meu pai morreu quando eu era muito nova, de modo que eu nem me lembro dele, tudo que sei é pelas fotos e pelo que a minha mãe me conta. Ela sempre foi muito jovial, e desde que eu comecei a sair para as baladas nós passamos a sair juntas: ela sempre me deu a maior força, e ao contrário da maioria das outras mães, achava o máximo que eu tivesse uma vida agitada: para a minha mãe a gente tinha mais é que aproveitar, e muitas vezes essa animação dela me contagiava! (...)

Ma

Não quero escrever. Tudo menos escrever. Jogo buraco comigo mesmo, preparo litros de molho de tomate, vinho já não faz mais efeito e odeio destilados. Canastra suja com molho de tomate. Cerveja. Com os novos remédios para ansiedade e depressão e síndrome do pânico, deve cair bem. Há sempre os obscuros sites de pornografia alemães, muito mais seguros que a literatura. Pena que minhas mãos doem muito. E já preciso digitar novamente. Hoje sinto que se trata apenas de digitar: será que os remédios estão fazendo efeito?

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Desde muito nova sempre dei um duro danado: fui obrigada a trabalhar desde cedo porque a minha mãe arruinou a minha vida. Quando eu tinha 10 anos ela se separou do meu pai para ficar com outro homem, um homem que acabou abandonando-a logo depois que conseguiu tirar todo o dinheiro que ela tinha. Por causa dela meu pai foi embora e nunca mais apareceu, por causa dela passamos necessidade, e, depois que ela ficou doente, fui obrigada a trabalhar para sustentar a casa, que era a única coisa que nós ainda tínhamos. Nunca aceitei essa separação, por causa da inconsequência da minha mãe a família toda se afastou da gente e eu sempre a culpei pela nossa ruína. Enquanto ela ainda estava boa ela vivia se defendendo das minhas acusações, mas nada como um dia atrás do outro... (...)

Ma

O fim, o começo disso, o que importa? As ruas e as gentes me enjoam. Como terminam essas histórias, se tudo devia ser apenas técnica, mas não é? O que me fode são os começos, e mais um, e mais um comprimido, mais um efeito colateral de começos que acabam no papel, enquanto aqui nesse apartamento o efeito prolongado me afasta de todos, me cobre de medo e vergonha, me tinge de invisível, esburacando ainda mais o que não consegue nunca ser preenchido.

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Nunca tive objetivos na vida, sempre tive a sensação de que para mim não havia escolha, porque eu não tive oportunidades, não tive força para correr atrás: sentia que não tinha sonhos como todo mundo. Minha vida sempre foi difícil: fui criada apenas pela minha mãe, nunca soube quem era o meu pai. Ela acabou se casando de novo e teve mais dois filhos, essa relação não durou muito: eu cuidava dos meus irmãos para minha mãe poder trabalhar, ela trabalhava em casa de família, cozinhava, passava roupa, não era de negar serviço. Mesmo ela se matando de trabalhar, o dinheiro nunca era suficiente, eu havia parado de estudar por pura falta de interesse, preferia mesmo ficar em casa, cuidando de tudo. Eu era como uma mãe para meus irmãos menores, gostava de cuidar deles, mas ao mesmo tempo me sentia aprisionada naquela vida sem graça e sem perspectiva de futuro: eu não queria acabar como a minha mãe, que chegava em casa tarde da noite, cansada depois de trabalhar o dia inteiro por pouco dinheiro. A vida dela era muito sofrida, mas conforme fui crescendo comecei a questionar algumas coisas: ela não tinha um homem há muito tempo, mas não me saía da cabeça que ela havia sido irresponsável em botar filho no mundo e depois não dar conta de cuidar. Por que eu tinha que fazer a parte dela? (...)

Ma

Na maior parte do tempo, se trata de fazer outra coisa, quanto ao tempo gasto com a vida; isso que não está nas propagandas de cartão de crédito, nem nas suaves facilidades do “Minha casa, minha vida”⁹. Parece que segunda-feira foi ontem, e hoje é sábado: ok, a morte como única certeza, mas antes uma boca seca, um rim que não funciona e aquele velho problema do dinheiro. Contar uma história não tinha que ser mais uma coisa, uma outra coisa, além da técnica, do digitar, do sonho da casa própria.

Ouçõ gritos pela janela, sabe, as coisas estão se movendo, se ampliando no fim do túnel, é isso, sem ninguém para segurar a minha mão. Pode-se sempre criar

⁹ Programa Habitacional do governo.

factóides, inventar, e se não der, mentir. Toma um copo d'água e vê que não é nada disso. Não sabe do que falar, porque viveu o quê? Por isso inventa.

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Acho que quando alguém chega na situação em que cheguei, fica muito difícil manter a dignidade: nada pode ser mais catastrófico na vida de uma pessoa do que perder a casa onde vive, e no meu caso isso aconteceu por causa do desemprego e da miséria. O Carlos foi perdendo o gosto pela vida de uma forma tão terrível que eu vivia o horror de achar que ele acabaria fazendo uma besteira para tirar a própria vida. O horror acabou vindo de outro lado, e para mim foi muito difícil ter que me adequar a essa nova situação. Ser moradora de rua é algo de uma humilhação tão grande, pelo menos para mim, ter que pedir dinheiro para comer, dormir na rua, sob caixas de papelão, isso meio que foi me colocando numa incapacidade de reagir, de achar que poderia mudar isso: era assim a minha vida, eu me sentia um verdadeiro zumbi, sem força nenhuma para dar o salto que eu precisava. (...)

Ma

Queria palavra onde só havia imagem, e imagem onde só havia um vazio impossível de ser preenchido. A vida, essa coisa entre uma sessão de cinema e outra, esse barulho mais atordoante que musical; cantarola uma música no iPod, aquela nova da velha banda que ouve há mais de 20 anos, novelhonovo, arrastando um corpo moribundo para uma adolescência de sentidos.

Era Travis, era ele Jim Reid¹⁰, Morrissey¹¹, experimentava os óculos de Dorian Gray, avivava-se com tudo que não era real, realizava o mundo no quarto trancado, a mãe batendo à porta enlouquecida, pedindo para baixar o som, o pai pedindo que

¹⁰ Vocalista da banda escocesa *The Jesus and Mary chain*.

¹¹ Steven Patrick Morrissey, mais conhecido por Morrissey, é um cantor e compositor inglês.

parasse de ler, que desistisse dos livros e visse um pouco mais de televisão com a família.

Agora ele tem uma TV imensa e uma saudade de uns dias que não viveu, quando estava quase morto assistindo à TV e tudo, o passado, o antes o depois o talvez, cada vez mais realidade, aquela das unhas sujas e crescidas, das vergonhas do não saber, dos circundantes, os enrodilhados, os apalpamentos.

Uns sonhos às vezes em *technicolor*, às vezes esquecidos, um acordar de medos, vitamina C, linhaça, culpas pelas frituras anteriores. Olhava o telefone como se ele pudesse se personificar naquilo que lhe faltava. Sabia, há coisa de uns 4, 5 anos atrás, muito bem o que lhe faltava. Agora, já não o sabia, nem quem era, nem quem fora, era tudo esse esgarçamento de uma memória falha, consertada pela ficção, pelo delírio; ora delírio ora apenas uma intermitência. Suja nos arredores, presa nas ilhas. Vingando-se de um passado esquecido, metralhando a si mesmo no reflexo dos óculos escuros.

As ruas o enojavam. As gentes no geral. Sabia como se portar, como sentar, a mãe o fizera durante alguns anos andar com um volume da Barsa sobre a cabeça, a postura, dizia ela, é tudo na vida. Via sim a arrogância desse andar de pombo, o rosto mirando os céus, quase inatingível.

Tudo se misturava, e já não sabia se esse era um condicionamento da infância ou um desejo inventado.

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Aos 35 anos eu havia conquistado mais do que respeito na minha carreira: era uma profissional de sucesso, estava estabilizada financeiramente, meu escritório não dava conta de atender a todos os clientes que nos procuravam, e eu gostava muito de ser uma advogada. Por causa de toda essa procura, eu só atendia a casos com os quais me identificava, nunca gostei de mentir, de trambique, tramóia, isso não era comigo: eu só defendia casos em que acreditava, o que me dava certa paz de espírito, coisa difícil de se ter nessa profissão. Apesar de todo meu sucesso, eu me sentia

frustrada, pois minha vida amorosa era o oposto da minha vida profissional: eu tinha poucos amigos, era tímida, não tinha um namorado há mais de 5 anos, via as pessoas que conhecia se casando, tendo filhos, e infelizmente tudo me levava a crer que seria melhor me conformar que tudo isso não era para mim. (...)

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Eu namorava o Mateus há quase dois anos quando descobrimos que eu estava grávida: eu era louca por ele e ele por mim, mas nós éramos imaturos, sonhávamos em nos casar. Eu tinha 19 anos, ele tinha 20, não tínhamos uma estrutura, ele trabalhava mas ganhava muito pouco, não dava para bancar uma família. Quando o filho veio, nós decidimos que iríamos nos casar, era a coisa certa a fazer, se eu não estivesse grávida teria esperado mais um pouco, mas já que veio esse filho pela vontade de Deus, nós decidimos fazer tudo nos conformes. Eu estava feliz, mesmo sentindo medo de um futuro incerto: o Mateus me tranquilizava, dizia que tudo ia dar certo. O que me angustiava era saber que teríamos que morar com a mãe dele: ela nunca foi com a minha cara, mesmo sem eu ter feito nada para ela. (...)

Ma

Um personagem que não sabe por onde começar. O que já começou ainda não o é, nunca foi, nem passou perto do que seria começar, mais um clichê dentre tantos consumidos nas prateleiras do mercadinho. Hoje talvez abortos, sempre os abortos movidos por paixões. O público anseia sempre por ter suas esperanças espatifadas.

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Posso dizer que cheguei aos 50 anos de idade sem ver nenhum sentido para minha vida: um casamento de quase 30 anos onde não havia mais amor, uma vida dedicada aos filhos que nem sequer ligavam para mim, um marido bruto, que não se importava comigo. O João nunca me deixou faltar nada, homem bem sucedido, grande empresário, mas que nunca se importou com o afeto, com o carinho. Ele nunca me valorizou, e não adiantava reclamar, exigir: isso ocasionava tantas brigas que fui deixando de lado e acabei me acostumando com as migalhas de afeto que ele me dava. Com o passar dos anos fui me tornando uma mulher triste, e depois que meus filhos se formaram e foram embora de casa, eu me vi completamente sem rumo: eu havia dedicado a vida inteira a essa família e no fim acabei sozinha. (...)

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Eu tinha muitos sonhos, havia acabado de completar 18 anos e queria poder fazer uma boa faculdade, mas minha família não podia bancar isso: nós estávamos passando por sérias dificuldades por causa da irresponsabilidade do meu pai. Num passado não muito distante nós tínhamos uma vida muito diferente daquela: meu pai sustentava a família num alto padrão, tinha terras, nós sempre estudamos nas melhores escolas, fizemos curso de inglês no exterior, usamos as melhores roupas, nunca houve miséria em casa. Mas por causa da bebida ele começou a jogar, e tudo foi resumido a pó: as propriedades, a fazenda, o dinheiro no banco, tudo foi embora, até a casa em que morávamos, e mesmo as casas que ele tinha de aluguel, não sobrou nada. Em pouco mais de dois anos nós passamos de uma vida de riqueza para uma vida miserável: o problema era que meus pais estavam velhos, ele tinha 70 anos, e minha mãe 65. (...)

Ma

Depois de todo o engodo, a *mea culpa*, os cabelos brancos, não vamos falar de ética, coisinha mais fora de moda. A imagem é sempre a mesma e sigo repetindo na falta de melhores ideias: Ana sentada no banco da praça, dizendo a si mesma “se eu pudesse voltar atrás”. Atolada, com o rabo que lhe nasceu entre as pernas, depois de ter causado o mal e o ter experimentado: Pollyanna não morreu e tudo continua como sempre, o que você faz volta pra você. No mesmo bolo entra “O pequeno príncipe”, e a responsabilidade por aquilo que cativas. Um privilégio para Ana, estar livre, sentada na pracinha, pensando nas cagadas que fez, nas ilusões que a moveram; minha segunda saída usual era colocar Ana na cadeia, atrás das grades, com seu “se eu pudesse voltar atrás” perpétuo. Para mim nunca funcionou, mas para Ana e para o público sim.

Todo mundo faz as suas cagadinhas, mas tem sempre um bom ar, um artefato da casa do Pedrinho, alguma coisa para esconder o cheiro: para além dos perfumes de ambientes, da chuca, do suborninho, da perversão, todo mundo está se dando bem. Todo mundo tem, porque Ana não pode ter? Cada um luta com as armas que tem, quando não tem a grana tem a xana, mas tudo muito família, padre Marcelo Rossi, sempre juntos.

Sentar na pracinha e falar para si que, se pudesse voltar atrás, faria tudo diferente...Por que essa desgraçada não morre?

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Eu tinha 32 anos quando a minha vida deu essa virada, e nessa época já me encontrava casada há 13 anos: era muito jovem quando decidi me casar com o Paulo, nosso namoro foi um namoro relâmpago, mas nunca me arrependi, pois ele era um marido perfeito. Ele era 5 anos mais velho que eu: nós tivemos dois filhos, o Leandro, meu mais velho, tinha 12 anos, e o Tiago 10 anos. Eu vivia para a casa e a família, nunca trabalhei, não tínhamos uma vida com grandes luxos, mas não nos faltava nada. Havia os

probleminhas de sempre, mas muitas vezes eu achava que era mais o meu jeito de lidar com as coisas do que problemas de verdade: sempre fui muito perfeccionista. (...)

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Me casei com o Homero ainda jovem, sempre fui dona de casa, não posso dizer que eu conhecia bem o mundo lá fora, além do que eu via na TV: sempre fui muito caseira, e vivi minha vida me dedicando à família e aos meus dois filhos. O Luiz, meu filho mais velho, nunca me deu problema, sempre foi um menino normal, teve aquele período bravo na adolescência, as rebeldias que todo adolescente tem, mas nada de grave: ele se casou aos 22 anos, e estava muito bem com a esposa, tinha um trabalho decente, sustentava a família e ia tocando a vida dele. A minha preocupação era com o mais novo, o Gustavo: para mim havia algum problema com ele, eu não conseguia entender o que era, mas de uma coisa eu tinha certeza: ele era diferente. (...)

Ma

Um ano e meio e estamos aqui, vou sair de férias, vou te deixar aqui. Não quero mais, sei que as férias acabam, passam, sei que ainda terei que inventar histórias que não sei mais sobre o quê. O que inventar, do que falar nesse mundinho podre de Ana? Há tanta coisa lá fora, há sol e eu tenho um chapéu, as malas estão prontas, K me espera no aeroporto em Salvador logo mais. Ouvirei histórias, elas me chegarão, não vou fazer pesquisa de campo. Uma separação de corpos, um talvez a outra coisa. Tudo menos escrever, e isso é pra qualquer coisa.

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Quem não me conhecia e via as aparências achava que eu era uma mulher realizada: como arquiteta eu havia conquistado certa fama e respeito, e trabalho não me faltava. Eu precisei ralar muito para chegar onde cheguei, mas quando eu estava no topo, aos 40 anos, descobri que a minha vida, tirando o trabalho, não tinha sentido nenhum. Eu era uma mulher sozinha, amarga, não havia me casado e tive poucos namorados, acho que nem um amor de verdade eu tive: eu só via fracasso, e por trás daquela personagem bem sucedida, moderna, havia uma mulher frágil, que não tinha com quem desabafar. A única coisa que dava algum sentido para a minha vida era o trabalho, mas ainda assim haviam dias em que eu não tinha vontade nem de ir para o escritório... (...)

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Sempre me dei muito bem com o meu marido, para mim o Roberto era um homem exemplar, trabalhador, não bebia, sempre ao meu lado para tudo. Nos conhecemos na minha casa, ele era amigo da minha mãe, e eu acabei me casando aos 25 anos. Desde então eu deixei de trabalhar para cuidar da casa exclusivamente: eu queria muito ter tido filhos, mas o Roberto não gostava de crianças: ele dizia que se tivéssemos filhos não teríamos mais a liberdade que tínhamos. Todos os anos nós viajávamos nas férias dele, ele prezava muito isso: no começo da nossa relação eu bati o pé, queria porque queria engravidar, nós discutimos muito, até que eu acabei desistindo. Agora, com quase 40 anos, eu sabia que as chances de engravidar diminuía: eu dizia para mim mesma que não se pode ter tudo, eu tinha um ótimo marido, e devia me contentar com isso. (...)

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Eu morava numa cidade pequena e estava cansada de correr atrás de um bom emprego: depois de meses desempregada, decidi vir para a capital. Minha tia Cleide já havia me oferecido a casa dela, e foi por insistência dela que acabei deixando a minha cidade para tentar uma vida melhor. Sempre me dei muito bem com a minha tia e especialmente com a minha prima Adriana, pelo menos uma vez por ano elas iam visitar a minha avó onde eu morava, e sempre nos divertíamos. Elas me receberam com festa e disseram que me dariam a maior força, que eu não devia me preocupar pois logo conseguiria um trabalho: eu estava bastante ansiosa, e sinceramente não sabia o que esperar, eu era meio caipira, vinha de uma cidade pequena, mas sempre tive os pés no chão. Meu tio apareceu, eu não o via desde que era pequena, pois ele nunca ia para a casa da minha avó: ele estava diferente, estava bem, parecia que os anos não passaram para ele. (...)

Ma

Nunca estava no mundo, podia ser testemunha ocular, podia se locomover muito bem com o bilhete único e os táxis depois da meia-noite, geralmente se embriagava, porque nunca tinha vontade de estar no mundo que não na sua casa, no recolhimento dos filmes em .avi. Então havia o sol, os amigos queridos, o acolhimento, a cidade, esse tempo dedicado para festinhas em si mesmo. E eu não estava ali, eu não estava aqui, eu estava no “sou o que faço”, no caso, eu escrevo essas histórias aí pra TV. Escrever todos os dias uma história de 20 páginas era o que fazia, uma história pra emocionar velhotas e empregadas, crianças e psicanalistas da PUC. Temos audiência, isso é fato. Mas isso, fazer isso, eu não faço mais nada da minha vida, sabe?

- Eu queria ser rica, porra! Rica e famosa! Foi o que ela disse.

Meus amigos tentavam me manter na linha, era fácil, só abrir mais uma garrafa. Mas onde eu estava, tudo estava tão borrado apesar dos meus óculos

novos, quase sempre embaçados pela oleosidade da vida. Batia uma brisa no Rio Vermelho, havíamos tido uma semana na praia onde quase morri de saudade de tudo que não deu certo. Faltavam ainda 20 dias para a volta, e eu não sabia se queria voltar para a velha vida de sempre.

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Desde pequena eu nunca tive dúvidas quanto a minha profissão, sempre quis enfermeira, sempre achei bonito o jeito delas cuidarem das pessoas, me encantei pela profissão quando tive que passar uma temporada no hospital, ainda criança, para retirada das amídalas. Haviam pacientes e pacientes, com alguns era muito difícil tratar, mas com outros eu me dava bem, chegava a ter uma relação de carinho. Com a dona Maria era assim: após passar por uma cirurgia de retirada de um tumor, ela permaneceu um longo período no hospital, e confiava muito em mim. Eu gostava muito de poder cuidar dela, via o sofrimento daquela mulher, e a luta dela para sobreviver a uma doença que mais cedo ou mais tarde acabaria tirando sua vida: eu sabia bem o que era essa dor da dona Maria, porque vivia isso na minha casa. (...)

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Decidi relatar meu caso pois agora percebo meus erros, mas antes disso sofri muito, e o meu principal problema era a minha filha. A Kelly era uma menina pacata, caseira, que sempre ficava comigo, e que do dia para a noite decidiu mudar da água para o vinho. De repente ela começou a querer sair à noite, vivia ao telefone com as amigas, e pouco falava comigo. Eu sabia que ela era uma adolescente que estava descobrindo o mundo, tinha 16 anos, seria natural, isso se ela não fosse uma desmiolada, que não tinha nada na cabeça. Eu deixava ela sair, mas colocava limites, ela tinha que chegar cedo em casa, pois eu ia esperar por ela acordada: eu queria saber tudo que ela faria, com quem iria, para onde iria, e ela não gostava de falar... (...)

Ma

O que se pode esperar dos psiquiatras senão, na melhor das hipóteses, que lhe receitem os últimos lançamentos dos antidepressivos de terceira geração? Claro, sempre é possível entabular uma conversa sobre os inibidores da monoaminoxidase, mas todos parecem muito limpinhos para se irmanar com a dor dos seus pacientes. Já havia tentado a natação, as drogas, o catecismo, o álcool, a solidão, o (des)amor; talvez os comprimidos, os neurotransmissores, enfim, talvez facilite um pouco as coisas, empurrar com a barriga, não é mais ou menos assim que fazemos? Se pode haver algo brando, porque não programar o celular para tocar na hora de tomar os comprimidos? Sim, um horizonte.

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Aos 22 anos eu sentia que minha vida estava péssima, pois as minhas responsabilidades acabavam me desgastando demais: depois que meu pai morreu, eu fiquei responsável por colocar dinheiro dentro de casa. Minha mãe não trabalhava, e ainda que quisesse, ela nunca trabalhou, não tinha estudo, e não sabia o que fazer. Eu não me incomodava de ajudar minha mãe, mas a minha irmã sim, me incomodava. A Daniela era dois anos mais velha que eu, e não queria saber de trabalho: a única coisa que ela pensava era nas baladas e nos namorados. Foi nessa vida louca que ela acabou engravidando, ela não quis dizer quem era o pai da criança, ele não quis registrar o filho, e a responsabilidade caiu sobre a minha irmã. Quer dizer, a responsabilidade era meio que minha, pois era eu quem comprava tudo para o meu sobrinho, fraldas, comida. Todos naquela casa dependiam de mim, e eu me sentia cada dia mais amarrada... (...)

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Foi com muito sacrifício que eu consegui sair da minha cidade e vir estudar em São Paulo: eu e minha mãe vivíamos brigando, e quando passei no vestibular, decidi vir para a capital. Para custear meus estudos eu trabalhava o dia todo numa empresa de informática, tinha somente os finais de semana para estudar, morava num pequeno apartamento, vivia com pouco dinheiro, mas estava certa de que conquistaria uma carreira e que todos os meus sonhos iam se realizar. Nunca fui de balada, também nem tinha dinheiro para isso: nos finais de semana ficava trancada em casa, estudando, vendo TV, às vezes alguma amiga minha aparecia. Eu era feliz assim, aquele era meu último ano de faculdade e eu estava certa de que subiria na empresa quando me formasse... (...)

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Das poucas coisas que me orgulhava na vida, meus filhos certamente eram a principal: fui mãe e pai deles, já que, quando o menor tinha apenas um ano de idade, cansada de aguentar os porres e as brigas com o meu marido, saí de casa levando as crianças, pensando em dar um susto nele. Quando voltei ele já não estava mais lá, e nunca mais deu sinal de vida: tive que me desdobrar para criar os meus meninos, pegava qualquer trabalho, fazia bicos, e tentava passar os valores corretos para eles. Meu mais velho, o João, estava com 17 anos, ele era muito responsável, estudava à noite e havia pouco tinha arrumado um trabalho num supermercado; já o meu mais novo, o Felipe, tinha 15 anos e estudava. Eu queria que eles se formassem, mostrava para eles como era importante que tivessem uma boa formação, para não terem que se sujeitar a trabalhos tão sacrificantes como eu. (...)

Ana

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Eu namorava o Mauro há seis anos quando ele decidiu me pedir em casamento: nós já havíamos conversado sobre isso antes, ele queria casar, e eu achava que nós devíamos esperar. Naquela época eu ainda estava na faculdade, sempre fui muito ambiciosa, queria ter uma carreira da qual me orgulhasse, estudava administração de empresas, e gostava muito dessa área. O pedido de casamento surgiu numa época em que nós já vínhamos discutindo isso, nossa relação estava desgastada, hoje eu acho que ele tomou essa atitude para salvar a nossa relação, e acabou dando certo, pois eu era louca por ele, e pensei que se não me casasse logo ele poderia muito bem me trocar por outra. Aceitei me casar, mas tinha medo que isso pudesse atrapalhar meus sonhos. (...)

Ma

Esquecer do essencial, já não há por onde voltar à coisa em si, aquilo dos sorrisos sem o artifício do alcoolismo, a carolice de acreditar no amor, no futuro e de tudo que tentam nos vender. Esquecer de si, essa vida é mais de Ana do que minha. Dormir é a única forma de viver a vida sem Ana: sonhando tudo se torna mais real. Tirando o bafo de jacaré, a tendinite, o tesão reprimido, está tudo aí, a vida, ali na esquina. É preciso escrever outra história.

Um dia na vida

Tenho que escrever. Não há escolhas nem melhores condições, é preciso escrever, é preciso criar mais uma história: o que ainda merece ser escrito sobre Ana? Haveriam tantos outros assuntos não fosse a limítrofe linha editorial "*mulher filha da puta fode com todo mundo e se fode no fim*".

Sonho com palavras, um texto como dos gibis saindo da boca das pessoas, palavras que massacram, ameaçam, uma profusão de vogais e consoantes que me ferem e me acertam em cheio. No sonho quando estou só as palavras andam atrás de mim, letras ora garrafais ora miúdas e insistentes; se viro uma esquina dou de cara com uma palavra, todas com muitas letras, uma chuva de letras me gripando, e quando afinal acordo espirrando me lembro de tudo, menos de que palavras eram essas. Palavras de tantas letras, o que diriam afinal? O que querem de mim as palavras?

Não tenho como descrever o sonho com palavras, e ao acordar, ao abrir os olhos para um novo dia, elas estão ali, à espreita, me esperando para massageá-las. Palavras enchem o quarto ainda na penumbra, mal abri os olhos; fecho-os e há ainda o frescor do sonho: ali já sei que preciso de mais um roteiro de 20 páginas, 20 idiotas cenas sobre o que há de pior no mundo. Sem me levantar pego um cigarro na mesinha de cabeceira e me lembro de Nina Simone, todo santo dia, cantando *Don't smoke in bed*: mando ela se fuder e fumo um cigarro, repassando os clichês de sempre, limando-os na fúria e na necessidade. Sei que estou acordado por causa do barulho dos carros e do leve torpor do primeiro cigarro do dia: um câncer de pulmão viria bem a calhar, desde que a morte fosse instantânea.

Levantar, a cara amassada no espelho do banheiro, o cheiro podre que emana do ralo, a ânsia ao raspar a língua: o dia precisa começar. Vejo poeira onde não há, eu poderia limpar a casa, eu poderia ligar para alguém e dizer que estou me sentindo mal, mas me diriam que estou sempre me sentindo mal. Louça na pia, encaro pensando que se houvesse louça para lavar durante 8 horas e se esse fosse o meu trabalho eu estaria melhor: que outras palavras eu precisaria além de detergente, esfregar, raspar, saponáceo? A mísera cafeteira italiana é do tamanho da minha solidão, faz apenas um café, enxugo-a antes de abastecê-la com mais pó

e é a palavra café que bebo, não o quente líquido negro. Pão não há pois não quero descer para ir à padaria, mas não poderei sustentar isso por muito tempo, já que preciso comprar cigarros. A Catherine Deneuve disse em algum lugar "Me tirem tudo, menos o cigarro", e em tempos de leis antitabagistas fico com as palavras dela, imagino-a ali fumando um cigarro comigo, intacta, sem dizer uma palavra.

O telefone toca, não quero atender, pode ser da emissora. Quando eu era adolescente, li em algum lugar, um jornal talvez, uma declaração que dizia que "a única coisa que não podemos voltar atrás são as palavras".

Penteio os cabelos, e a mesma insegurança de sempre, *bad hair day*, nenhuma roupa parece bem, vejo um corpo cansado, vejo preguiça, vejo fracasso. Só preciso descer para comprar cigarros, mas eu queria estar bem, eu queria que alguma coisa acontecesse nesse breve trajeto, que algo me tirasse desse calabouço.

O COPAN¹² é um microcosmo forjado na solidão, 5 mil pessoas e eu não conheço ninguém, ou conheço duas ou três pessoas que não me dizem nada, que emanam ou se esforçam para convencer da alegria de viver, das benesses do *single way of life* numa grande metrópole: meu porteiro é sempre um alento para que a vida possa seguir em frente. Tantos anos e sei pouco sobre Edson, mas sei que nunca o vi num mau dia, nunca o vi destratar ninguém, nem incapacitado para um sorriso, ainda que breve: ele passa o dia ali naquele hall a esquadrinhar correspondências, falar com quem (mal/ pouco) conhece, sempre se fazendo útil. O que será que ele sente, de onde vem, quantas horas dentro de um ônibus para chegar aqui todos os dias? Por que sorri se seu salário é baixo, se tem filhos para sustentar, se precisa usar esse uniforme que é pelo menos dois números maior que o seu tamanho? Do que se orgulha, e porque haveria de se orgulhar de algo? Sei que ele sabe que não estou bem, há uma grave inflexão na sua corriqueira pergunta, e sei que ele não se refere às minhas olheiras, sei também que qualquer resposta será prontamente aceita.

A padaria fica bem na saída do bloco, e haviam outras opções, sem sair do prédio: há locadoras para aqueles que não acreditam em *torrents*, há cultos evangélicos para aqueles que acreditam em salvação, há restaurantes para os que

¹² Edifício projetado por Oscar Niemeyer, onde morei de 2005 a 2009. O COPAN fica no centro de São Paulo, e acho que todo mundo sabe disso.

tem com quem compartilhar uma refeição, e também para os solitários famintos. Quisera eu me sentar sozinho num restaurante sem me sentir minimamente patético, pedir meu prato sem a sensação de que ali sou o único que está só. Se eu quisesse andar mais alguns metros poderia comprar cigarro no bar da esquina, no conveniente posto 24 horas, mas eu não quero andar, não quero ver o mundo, não quero esbarrar em palavras e pessoas: só quero meu Marlboro light. Há fila no caixa da padaria, e decido comprar rosquinhas para logo mais, entro na fila e peço 3 maços: até que chegue a minha vez, serei brindado com imagens, palavras, placas de preço, propagandas, conversas alheias no celular, casais que se beijam, aqueles que almoçam, aqueles que parecem ter um momento especial do dia tomando um café, garçons bonitos que não olham para mim, manchetes de jornal, cardápios, cartões de débito e a voz da mocinha do caixa, meus três Marlboros, e na saída o indefectível pedido de um morador de rua, um real, ele quer um real.

Tudo isso dura dez minutos mas, no elevador, subindo de volta para minha casa, sinto um alívio, um expurgo que se mostra falso assim que entro e tranco a porta: a sala range atulhada de palavras, fuligem e o barulho dos carros; vejo pontos de interrogação, afinal, do que se tratará a história de hoje?

Não, Ana não é Catherine Deneuve. Ela está ali e não posso ver seu rosto, ela quer saber de mim, ela me inquire num inaudível balbuciar, um medonho barulho da multidão de Anas se sobrepondo ao espaço vazio da sala. Posso arrumar a cama, posso cozinhar algo para o almoço, mas nada mudará o chamado para o cumprimento da tarefa: mais um roteiro, antes que meu chefe tenha um ataque, antes que ele comece a me ligar pedindo mais sinopses. Havia uma época em que eu criava 5 sinopses de uma vez, uma lauda para cada, com um resumo tacanho bem no estilo do programa, para a apreciação do chefe: ele sempre recusava uma para manter sua fama de mal, e eu me contentava por ter 4 sinopses aprovadas. Era bom saber que, por 4 dias, eu não precisaria inventar muito, apenas recheiar o clichê com um certo psicologismo e técnicas de roteiro. Um método que cada vez mais se assemelhava a uma psicografia ao estilo Chico Xavier: depois do calvário, do estresse da procrastinação, era sentar e escrever 20 páginas em duas horas. Como todos os dias, sei que até lá, até que isso se faça inevitável, falta muito.

As coisas estão meio desconexas às 3 da tarde. Olhar da janela nunca me faz pensar em nada, talvez na propaganda que fizeram na janela do COPAN para uma

campanha com crianças, o que mesmo? Como pesquisar isso no Google, *tags*? Olhar pela janela me faz pensar em *tags*, prefiro não olhar. A enrolação enfim, desfiar o terço da tarde carpideira. Ronda então um calorzinho de concreto dessa cidade, fumaça na cara, é inverno? é verão? é peste bubônica?

Apareceu um rato aqui e eu tive nojo. Um rato escalando a parede do COPAN, por quantos microsegundos consegui encará-lo? Reduzido a nada, falei com os porteiros e fiz pesquisas no Google sobre desratizações; mandei matar o rato e chamei a faxineira que viu trilhas de cocô por sobre a estante da cozinha. O rato se foi e aprendi a trancar as janelas.

Aí eu poderia falar do bueiro porque me falam, "fale do bueiro", como se o bueiro da esquina fosse o covil do de dentro atravessado por todos os esgotos, as dores e fracassos e incapacidades. Quem sabe? Eu e os ratos, as baratas, as tantas Anas que me prenderam no bueiro do qual não quero falar. Falar do bueiro, como alguns bem querem, seria escrever um livro, significa "Escreva algo sobre o bueiro". Não quero escrever.

Na tarde bueiro há sol pela janela de vidro, poeira e ônibus em demasia, barulho e mp3 mal amplificado. *Keep me in mind*, Amarante, *Hold the feelings which are crossing the brain / strips the chord of a sensible word / and what's worse?*¹³. Um rato entra na minha cabeça, como entrar na cabeça das pessoas? Ana tem sua ética rato, e assim como se pelos crescessem em minha pele e meu nariz e meus dentes se projetassem, como se eu passasse apenas a roer e infectar, fecho os olhos para retornar ao clichê.

Não mais desejo a escrita, há sempre outra coisa melhor a fazer, ler ou ver um filme ou olhar para o teto. Ou fumar um cigarro ou cozinhar ou dizer não. A capacidade de comunicação parece sucumbir. Ou não. E as palavras tomam vulto como hologramas de sombra na janela do Niemeyer e não há bossa-nova nessas horas. Vinícius e Tom e os fanfarrões coadjuvantes estão mortos. Não consigo ler ou decifrar essas palavras que se intercalam rapidamente em letras que rodam e rolam como bolas de fogo que me invadem, meus dedos tremem e tenho que digitar

¹³ "Keep me in mind", música da banda Little Joy, cantada por Rodrigo Amarante. Com Marcelo Camelo, esteve anos à frente dos Los Hermanos: Litte Joy é o seu projeto com Binki Shapiro e o bateirista dos Strokes, Fabrizio Moretti.

rápido, sempre. Ler para esquecer é sempre o mais eficaz, são palavras que não as minhas.

Ana hoje poderia esfolar um cão em Higienópolis, dentro do shopping, puta porque derrubaram seu marmitex de luxo do Ráscal. E podia rolar polícia e mídia. Bombada no youtube, ela termina *cybercelebrity* decadente. Alienadamente feliz. Capa do Guia da Folha.

E sobram, sobram palavras tristes sempre.

E eu queria fazer nada numa jangada no mar.

5 da tarde ainda é cedo quando se acorda ao meio-dia, não sei mais que horas são, o tempo todo é medido em caracteres, sinopses, lamúrias e tentativas de colocar as lições de moral no seu devido lugar: o exemplo do que não pode ser feito por moças cheias de amor pra dar, donas de casa, executivas entediadas, professoras universitárias, eu você todos nós e a Miranda July. Sim Miranda, a gente sempre pode fugir da literatura quando há um pouco de amor¹⁴, você estava certa. Mas isso não é literatura, escrever roteiro *trash* para um canal que espetaculariza a desgraça alheia como se rega as plantas da audiência, uma apresentadora vaca que gritara comigo durante anos até que eu gritasse mais alto que ela, que lhe lançasse um tom que não era meu; não quero me lembrar disso. Ainda há tempo para esquecer, sempre há tempo para esquecer, filmes para serem vistos, livros para serem lidos.

Comer e cagar e lavar roupa, são 2 minutos apenas separando as roupas brancas das coloridas, e apertar o botão e colocar o sabão e o amaciante na gavetinha: do vaso sanitário posso ver a máquina rodando a roupa pela portinhola, assim como giram os ponteiros do relógio contra a história do dia, mais um dia, um cigarro e mais dez minutos se eu fumar bem devagar, e aí posso ouvir alguma música em islandês que eu não entendo para esquecer que o Jónsi canta palavras, ali na sala, o som da caixa estourada, Sigur Rós me transportando para um mundo

¹⁴ “Nem todos tem que ser literatos, há algumas excelentes razões para resistir à linguagem, e uma delas é o amor.” In: JULY, M. **É claro que você sabe do que estou falando.** *Fazendo amor em 2003.* Tradução de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 116.

onde há asas, onde crianças se jogam de despenhadeiros e flutuam¹⁵; não tenho asas e minha vida não é um clipe do Sigur Rós, Ana me lembra disso.

É hora dos cacos, da velha e conhecida sensação de que a felicidade alheia é uma fonte, afinal qualquer desgraçado tem uma história boa para contar, seja um fim de semana em Boiçucanga uma foda sem camisinha um sapato novo um diploma uma garrafa de vinho barato um índio queimado e sempre, sempre uma música que faça com que se lembrem de tudo.

O tempo não passa e os dedos doem, minhas mãos estão sempre doendo porque são a única coisa que ainda funciona nesse corpo, além do cérebro. Será que o cérebro funciona? Ele tem que funcionar, ele tem que encontrar uma nova aventura para a vespertina Ana: devo apoiar as mãos sobre a mesa ao digitar, foi o que disse a moça do RPG. Computador no colo, fica difícil. Ler baboseiras na internet faz o tempo passar, tenho que me manter informado das tendências, é o que meu chefe diz: hoje parece natural ler notícias sobre celebridades descerebradas, mas não foi sempre assim. Quando o tempo fazia algum sentido, eu não o desperdiçava dessa forma: a fama é um lugar a se chegar e muitos a almejam, Ana mesmo já viveu algumas aventuras desse naipe. A boa vida das celebridades, tirando os *paparazzi* que infernizam suas vidas, pode servir de consolo?

Descubro que o Justin Bieber está pegando a Selena Gómez, que há um novo vídeo engraçado no Youtube do qual não acho a menor graça, que o prefeito toma mais uma atitude polêmica, que a previsão do tempo prometia chuva, mas até agora nada. Leio receitas em *blogs* e não me empolgo. Há livros pela sala, há o jornal e filmes para assistir, há cinemas perto de casa, eu poderia nadar na academia, eles continuam debitando meus cheques. Não. O melhor seria dormir, mas acordei há pouco...

Ana quer, ela deseja, ela é um poço desejante, ela pode, ela vive o que deve ser a vida: sou tomado de assombro por imagens desagradáveis, me lembro que posso ligar a TV para não pensar e lá está ela, Ana. Bem a tempo. A apresentadora pede que acompanhemos essa história, da qual poderemos tirar uma lição de vida. A coisa começa, com a repetitiva e indefectível trilha sonora de sempre: MEU NOME É ANA E HOJE VOU CONTAR A MINHA HISTÓRIA.

¹⁵ Sigur Rós, banda islandesa conhecida pelo som etéreo e melodioso. Me refiro ao clipe de *Glósolli*, presente no disco *Takk*, de 2005. http://www.youtube.com/watch?v=4L_DQKCDgeM

Tudo está errado, para começar a entonação na narradora, que fala rápido demais, carregando na voz de choro, manhosa, aumentando o tom gradativamente, rumo à histeria. Devo ter escrito esse roteiro há cerca de 40 dias, e já não me lembrava dele, como não me lembro da maioria: uma espécie de esquecimento pró-saúde. Dessa vez Ana tem seus 50 e poucos anos e se apaixona loucamente pelo noivo da filha: os cenários em nada se parecem com aquilo que imaginei. Há toda uma inviabilidade técnica que me foi colocada desde o começo: nada de grandes efeitos, explosões, cenários, atores ou movimentos de câmera. Não há dinheiro para isso, não há tempo, a reduzida equipe deve produzir e gravar. Não há direção, pelos comentários que ouço dos produtores, pouco é dito aos atores. A narração em *off* isenta de diálogos, eles mexem a boca e tentam fazer o que lhes foi pedido, algo como “nessa cena Ana está deitada na cama de motel com o noivo da filha, ela diz que é louca por ele, ele está confuso, culpado, mas acaba se entregando”. Para compensar a ausência de diálogos eles gesticulam e gesticulam, como se o roteiro estivesse sido escrito em Libras. Não há emoção, e sim, ainda posso fechar os olhos e ouvir o que a narradora conta; algumas frases foram limadas tirando o sentido de certas cenas; como de costume nunca me consultam. Os atores foram garimpados em agências de modelo na periferia da cidade, oferecendo 30 reais por dia de gravação, um lanche e a grande e imperdível oportunidade de aparecer na televisão, o que será muito bom para o *portfolio* de todos, e talvez o ponto alto de suas carreiras.

Esses defeitos me são antigos, por isso há tempos deixei de assistir as histórias de Ana. *Desabafo*, o nome do quadro, pouco me diz quando televisionado: se é que havia alguma intensidade na história, alguma nuance que justificaria as motivações da personagem, algum traço de humanidade, tudo parece diluído na intrépida cadeia produtiva dessa equipe de gravação. Não deve ser fácil para eles, assim como não é para mim: eles não precisam pensar tanto, até poderiam, buscando certo rigor técnico, mas como me disse certa vez o diretor de externa, quando falei sobre isso, movimentos de câmera, ritmo, pausas: “Isso não é televisão”.

Cinema para eles é o cinema de Hollywood, o cinema de massa, ninguém quer pensar: a coisa toda deve ser vista como entretenimento. Antropologia, neorealismo italiano, dogma 95, oi? Das vezes que tentei entabular um assunto

seguindo por aí me olharam com uma cara estranha, riram e fizeram piada. Isso é televisão! Desligo a TV depois de 8 minutos, certo de que ter 8 pontos na medição do Ibope tem seu preço.

Por isso decido ver um filme. O cinema, com sua possibilidade de esquecimento, me atraía para que eu esquecesse dessas escolhas mal feitas: entrando em outras peles, outras vidas, eu vivia o que potencialmente não tivera oportunidade. Com o tempo fui desistindo da experiência social de ir ao cinema, e me concentrei nos sites e fóruns especializados em *torrents*: cheguei a traduzir algumas legendas, estava tudo ali, os filmes raros, os clássicos, os lançamentos que nunca entrariam em circuito comercial no Brasil. Com um HD e uma tela grande, eu poderia ser meu próprio Leon Cakoff¹⁶. No entanto, as desgraças do Afeganistão de Mohsen Makmalbaf já não me interessavam tanto quanto antes: haveria decerto uma experiência humana mais feliz nos independentes a la *Sundance Festival*, um certo tipo de desencanto mais possível e próximo, ainda que não exatamente feliz.

É como se Ana, consensualmente, topasse ver o filme comigo. Ela está ali a cada *pause* no controle para ir ao banheiro: há um esquematismo no roteiro do filme e em 90% dos filmes que vejo, o que faz com que aos 20 minutos eu já tenha ideia do desfecho. Seria a contribuição de Robert McKee¹⁷?

O filme acaba e são ainda 20h15, sinto fome. Enquanto cozinho e engulo a comida penso que nada do filme pode ser aproveitado em um roteiro para Ana: considerando que os filmes que assisto pertencem a uma *cinematografia obscura* (dita pelo meu chefe em outras palavras), é sempre possível plagiar. Aparando as arestas, carregando no coeficiente Brasil, maniqueísta ao extremo, mudando o desfecho e carregando nas tintas, consegui fazer isso com alguns filmes, mas aquele não era o caso: as motivações de Ana são sempre mais mundanas. Ela quer fama. Ela quer grana. Ela quer ser amada; e quem não quer?

A noite cai anunciando seus clichês, me sento para escrever uma sinopse, já passei do prazo, sei que logo mais meu chefe irá embora da emissora, e que ainda

¹⁶ Leon Cakoff é mentor e *front leader* da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo.

¹⁷ Robert McKee é professor de escrita criativa e roteirista. Seu livro **Story - Substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro** (Ed. Arte e Letra), tem sido usado como bíblia por roteiristas mundo afora.

espera pela sinopse. E então escrevo a tal sinopse, escrevo um título, “Bebendo todas”.

Não é nada do que eu me orgulhe, pelo contrário: é tudo o que eles acreditam. Quem bebe não presta, quem faz sexo fora do casamento idem, quem é irresponsável tem mesmo que se foder. Mas hoje, pelo menos hoje, ela não se foderá no fim.

E eu só posso dormir, mesmo que sem sono, para adiar tais palavras. Não sem antes uma mensagem do chefe com um *OK* para a sinopse. E o pedido de mais, mais e mais sinopses.

Um encontro

Ana

Veja meu filho, você tem preguiça de escrever porque você não sabe escrever, não quer escrever nem leva isso a sério. E eu não tenho nada a ver com isso.

Fala com Ana

Não vale a pena escrever isso, *you know*, eu quero cair na resistência pela inércia, por me tornar alheio a tudo. Fugir para dentro do casulo intra-uterino de uma escrita que não é feita de palavras, quiçá por essa necessidade de ter uma vida cheia de fatos. Atribulada? Entregue às paixões? Ah sei, Ana, quantos tens que matar, amar desesperadamente, anos de cadeia, ilusões com o poder e dólares, golpes da barriga, facadas no bucho. Isso não é realidade, talvez por isso venda. E lá onde não se sabe, uma mulher assistindo tudo na TV, chorando com as suas desgraças. O que haveria de errado com a vida dessa telespectadora, Ana? Ela deve curtir a cena do aborto com agulha de tricô, sua vida deve ser muito boa perto dessa história.

Ana

EU sou uma subficção que precisa ser encenada. EU dei dez pontos de audiência em 2009. Foi a primeira vez que o programa deu dez ponto de audiência? Ou foi 9,8? Alguma coisa assim. Disseram até que ia rolar um churrasco, mas... EU sou a paixão sempre levada à tragédia, um substrato subproduto do rock axé tecnobrega, EU sou. EU sou. EU sou.

Você só consegue escrever sob pressão, assim faltando duas horas para ser o máximo do prazo máximo que você já negociou, renegociou, etc e tal. Esse discurso Carola-Candinha-Caras no qual está tentando me enquadrar, você acha que estou preocupada se estão me enquadrando ou não? Quando tudo não está sendo enquadrado em insofismáveis ondas, intenções...

Isso não é você Ana, sou eu.

Isso não é você, Ma, somos nós.

MAna

Por que não Anam, Anma, Nama? “Ria, ria de mim”, diria a Dama da noite¹⁸. Não sei se sangue ou sede ou o que é que veio primeiro, meio aquilo do ovo e da galinha, relatividade. Um cigarro e um barulho, o trânsito na janela e um aspirador ligado ao longe, uma música, e o tempo e ponteiros girando sobre pensamentos em camadas, subgrupos, links, referências bibliográficas (onde?), preguiça e medo. Diria a apresentadora do Programa que “Você tem que ser proativo, não pode ser reativo”. Somos reativos, somos o mal, estamos aqui e lá para servir de exemplo do que não pode ser feito na vida, veja até onde essa coisa de querer se dar bem a todo custo nos levou ou nos trouxe, não sei. Quando há tudo ou quase tudo para fazer, a casa caindo na cabeça, é quando a coisa se intensifica: o resto do tempo é uma desjustificação. A resistência pela inércia: claro que somos reativos, diante do bueiro eis que é preciso se preparar para vestir a armadura.

Quantas histórias não fomos e fomos nos separando nessa de eu querer te deixar mais lisa e lynchiana, menos torturada, menos kamikase, menos vaca, menos preconceituosa, menos estereotipada, menos canalha, porra, seja pelo menos humana! E não é porque no fim, fodida, na cena clássica do banco da pracinha balançando a cabeça e repetindo *ad aeternum* “Se eu pudesse voltar atrás”, não baby, não é por isso que você será perdoada; fodam-se suas motivações, as situações que você cria são sempre repugnantes, ser o exemplo do mal, o que não pode ser feito. Para ao fim a apresentadora fazer comentários, de quem sequer viu a história, antes do gancho para o próximo assunto:

“Eu disse, não foi? Pois é!”

“Mas que situação!”.

“Eu avisei? “

Aqui a gente aprende com essas histórias que a vida é outra coisa!”

¹⁸ “Ria de mim, mas estou aqui parada, bêbada, pateta e ridícula, só porque no meio desse lixo todo procuro O Verdadeiro Amor.” In: ABREU, C.F. **Caio 3 D – O essencial da década de 1980**. *Dama da noite*. Rio de Janeiro: Agir, 2005, p. 88

E segue-se outro merchandising, a iogurteira Top Therm e o milagre dos lactobacilos, o Cogumelo do Sol e um *up* para o velho corpinho tombado, a rede de implante dentários para que você sorria depois de tudo: é a vida.

No fim ela é referendada por 580 mil domicílios na cidade de São Paulo¹⁹. Chegam cartas e histórias que não podem ser aproveitadas porque pode dar processo. Ana antes, quando podia, na primeira fase, onde? Antes, quando se envolvia com o crime e o sangue; antes quando levada pelo melífluo que lhe corria garganta abaixo; antes quando ainda cantava somente para mim *I'm bloody and totally bound / I don't know what to do with my hands now / I surrender / I give in / I'll kick down your door if you don't let me in / And I lost myself completely / I look to you my shooting star...*²⁰

Não que eu acredite em heroínas nem na Gwyneth Paltrow, mas Ana sempre pertenceu a uma linhagem mais rock, mais *hard*, com vontades de ser *fresh*, só que com a mordada de quem acaba sempre se fodendo no fim, essa imposição. Algumas vezes eu a livrara da repetição, mas se não era no fim, era no meio, ou qual a outra tentativa de desfecho? Ah sim, ser vítima da tragédia alheia, ou assistir a tudo de camarote e se foder no fim. Quem conta a história tem que se foder sempre. E ouve a Courtney Love como numa roda-gigante, vertiginosa e arrastada ao mesmo tempo, um carrossel de camadas, de clichês, eu já disse isso; e tudo volta e vai e vem num solo de guitarra, numa vertigem de palavras que fazem barulho e fazem, rangem e raspam e a única coisa que se pode fazer é fechar os olhos e passar as mãos nos cabelos oleosos.

Mas quando você fará alguma coisa que presta, Ana? São tacanhos esses mesmos enredos, essas mesmas soluções e clichês lavados e esticados ao sol todos os dias. E agora esses comprimidos, veja bem, é uma tentativa de sair dessa repetição que você me força, quero sentir que sou normal, o equilíbrio dos químicos, onde? Eu, você e meu computador, ou só eu e meu computador, ou só o computador e você. Eu não. Fantasias de escapismo, sequência de *torrents*, filmes em *.avi*, tradução de legendas, fóruns obscuros. Livros e revistas e jornais e o *celebrity star system*, afinal

¹⁹ Para cada ponto de audiência medido pela Ibope, infere-se que 58 mil domicílios vejam a mesma coisa. Dados que se referem à cidade de São Paulo.

²⁰ Trecho de "Pacific Coast Highway", composta por Courtney Love.

enquanto resisto (resistimos?) pela inércia, a Lindsay Lohan está aprontando alguma por aí. A Courtney, que seja.

Que a palavra como suporte não sirva, que eu diga ainda que, apesar de que eu tenha as imagens e o *Google images*, o cinema enfim, a arte: nada é capaz de comunicar o incomunicável. A gente, eu, você, essa coisa eu-você, você-eu, esse denso-contínuo, esse esgar de silêncios, essa sobreposição de hipóteses e perguntas sem sentido, um burilar entre letras e cacos de frases: para ter o domínio da palavra é preciso desistir dela antes de tudo.

Quero o silêncio profundo da inércia, o barulho brutal da natureza, o sepulcral silêncio da ausência de civilização, sem clichês ressonantes nem bumbos existenciais. Veja, se nós fizéssemos isso ou aquilo, nada mudaria. Não, entre essa palavra e a outra, ninguém entenderia nada do mesmo jeito. E pensar que nem o teclado ergonômico nem o *swype*²¹ trouxeram a agilidade necessária, nem as conexões WSPA: para se livrar das palavras ainda não inventaram nada mais eficiente que a mentira. Mentir é falar, é contar e luzir os peixes não pescados das histórias de pescador, arrotando escamas; são aqueles 3 centímetros que fazem toda diferença; um jeito contemporâneo de se vingar das ditaduras. Aquilo não foi dito, não há como dizer, a palavra não ajuda porque não é algo do dizer, e não me venha você-eu, as revistas e esse povo da qualidade de vida me dizerem que _____ . Enquanto o mundo gira e todos fazem o que tem que ser feito porque é assim desde que o mundo é mundo, temos vinte laudas diárias de nada, um estresse linguístico, pouco prático, nada metafísico. Para que não encontrem a palavra que não quer calar, para isso precisam de outras tantas palavras; que elas preencham todo e qualquer espaço que possa haver entre as pessoas, que hajam novos suportes tecnológicos, e que hajam imagens, que possam filmar tudo e colocar na rede, em tempo real, que possam mentir e perpetuar essa massaroca sonora de egos e erros. O tempo e o último minuto do prazo, em cima da hora, nas coxas, *well*, você sabe o que isso nos exige. A gente lava o dicionário desbotando cada vez mais as emoções, deixando tudo cada vez mais branco e radiante, coisa que só o clichê pode fazer por você: estar aqui há uma semana trancado num apartamento não deixa de ser um clichê, e ter um clichê

²¹ O Swype é uma versão alternativa de teclados para celulares que utilizam o sistema operacional Android, do Google. A idéia do software é aumentar a velocidade de digitação, sem que o usuário precise tirar o dedo da tela: basta arrastar de uma tecla a outra.

funciona como o contrário do medo; não, não é coragem, isso é para poucos (e nós estamos bem longe de chegar lá, onde quer que seja – esqueça os filmes de John Wayne), é só o sentimento de pertencer à mesmíssima merda, essa que jorra e que enobrece o homem. Os noticiários não podem parar, nem os blogueiros, nem o Facebook, nem a sujeira que recobre o aparador que nada apara: a palavra sujando e esquematizando tudo para o entendimento falso de um balançar de cabeça, ã-hã, claro, lógico, você tem razão: toda a compreensão esbarra no falso quando ultrapassa os limites do eu. E ninguém está nem aí, desde que a máquina de fazer dinheiro esteja azeitada e notas jorrem para que possamos mais uma vez comprar algo que enfeite e amenize o vasto vazio desse cenário de ruídos. Os fins interessam e sempre interessaram mais que os meios, os e-mails estão morrendo e de repente nos tornamos anacrônicos e velhos porque um dia acreditamos no Outlook. Eles não querem saber o que temos a dizer, eles querem factóides, fofocas, eles querem saber quem estamos comendo, quem chupou e quem pode ser ridicularizado, o sucesso esse suprassumo da massaroca, esse oco de possibilidades: a gente acorda e fala um com o outro, a gente fala, a gente usa das palavras para acordar, para ter a certeza de que a vida não é um sonho ou uma punheta. E quando nos calamos elas estão lá, as imagens, os filmes, os enredos e roteiros, as sinopses, os movimentos de câmera, as possibilidades de edição nesse *Final Cut*²² mal-ajambrado que, mesmo cheio de recursos, não nos permite transformar a fita bruta da vida: ninguém domina as ferramentas, eles dizem que sim, mas tudo não passa do feijão com arroz. E Hollywood ou o menino Dolan²³ ou qualquer outro do cinema não servem aqui de parâmetro, não estamos falando de cinema, estamos falando de eu e você, de vida real, do que devia ser a coisa toda que não é, desse imbróglio, indigesto repasto salpicado com a farinha seca das palavras e da ditadura da comunicação. Eles não nos ouvem, mas dizem que o nosso grito alcança uma frequência apenas perceptível aos cães. Os cães não nos ouvem, preocupados com a infinidade de sabores de ração, os cães hoje assistem televisão, os cães assistem o Programa. O nosso programa. Me dói dizer que esse programa é nosso e eu queria nessa hora não ser você e não estar assim tão abduzido de contornos, mas ainda que eu possa latir, os cães não ouvem, afinal eles

²² Final Cut, programa de edição de imagens, o mais utilizado entre profissionais de edição.

²³ Referência a Xavier Dolan, jovem cineasta canadense, diretor de *Eu matei minha mãe* e *Os amores imaginários*.

também sonham com iPads. Eles sonham com uma vida melhor, onde todos poderão ascender a uma vida como a vida da Vida, a cachorrinha *celebrity* da Gisele Bündchen. Os cães querem ser amados e dentro em breve com a ajuda da tecnologia e do Steve Jobs eles poderão falar, assim como as paredes, os tapetes, as painéis elétricas e tudo que possa ser ligado a uma tomada ou contenha em si uma bateria de íon-lítio.

E você sabe, a gente pode muito bem fingir que está tudo bem, a gente tem um passado que remete ao condicionamento de toda merda, mas a gente tem a tecnologia e dinheiro para tê-la, a gente tem a pornografia e uns contentamentos idiotas de que tudo isso é um filme, de que podemos sorrir e almejar um *happy end* ainda que estejamos a léguas e léguas de Hollywood, e aquele povinho de Sundance que é meio fudido que nem a gente, que nem sempre tem *happy end* nem dinheiro, nem sempre tem aplauso e reconhecimento... Porque se a gente fosse o Lars von Trier era só inventar uma depressão, não aquela das fluoxetinas e antidepressivos de terceira geração, antes aquela de não ter lugar, sem dogma (95), sem dobra, sem sobressalto de saudade de um tempo outro: não há outro tempo, não há saudade, nem lembranças belas. Dessa dor a sensação de roteiro, parece um filme, vinte anos atrás e uma estrada na boleia de um caminhão, nenhum puto no bolso, Holden Caulfield²⁴ no coração: decididamente, Sallinger não combina com os anos 90, minha filha. E você pode até se ater aos detalhes, ter uma memória de elefante e arrastar toda essa tralha estrada afora, veja, você percebe a música das frases, ou sou só eu? Haveria então uma rítmica, um refrão para o bolero torpe desse dia-a-dia nefasto? Não me diga que há cigarros, eu sempre soube deles, da fumaça e do efemeridade da companhia do tabagismo, assim como há Marlboros há o câncer de pulmão. E o amanhã, do jeito que tudo está, do jeito que tudo vai, é só um tiro no escuro. O nosso fatalismo, essa fatalidade: pega mal né, veja só os sorrisos no *Fashion Week*, as pessoas na fila do shopping para comprar o iPad2 antes de todo mundo. O Steve²⁵ é um cara que sabe das coisas. Alma é algo que não vende, e ainda que a gente se defenda com as palavras, são elas que realmente nos ameaçam, que nos reduzem a algo desprovido de uma história pra contar que valha a pena. Nada disso pode ser convertido em dinheiro nem em sexo,

²⁴ Holden Caulfield, ícone da rebeldia adolescente dos anos 1950, protagonista e anti-herói do romance **O apanhador do campo de centeio**, do escritor norte-americano J. D. Sallinger.

²⁵ Steve Jobs, CEO da Apple Computers.

e tirando isso, o que sobra então? Bonitinho o Angarano sofrendo em “Ceremony”²⁶, o Travis vagando o deserto 5 anos enquanto Nastasja Kinski se prostitui e Hunter espera pelo improvável²⁷, “La vache qui ri”²⁸, e não estamos falando de manteiga de amendoim. Bonita a dor na tela, veja bem esses casais, depois de “Dancing in the dark”²⁹ eles saem abraçados do cinema como se nada tivesse acontecido. Uma vez encontrei o Leon Cakoff na Mostra, e ele me chamou de filho, me disse que eu era um filho da Mostra, tomamos até um café no Cinesesc, enquanto eu falava de Kieslovskis e Greenaways e Jarmushs e Kiarostamis: eu estava bêbado, baby, eu olhei bem na cara do Leon, eu estava emocionado, ele falava e falava e eu sabia que ele sabia que o cinema arruinou tudo na nossa vida, essa vida de *takes* e movimentos programados de câmera, até que chegasse o Tsai³⁰ com sua onipresente câmera parada, mostrando esse parado em nós, como um criadouro de mosquito da dengue, como se esperássemos pela salvação. Agora no Google a gente pode fazer *upload* de imagem na seção de busca, em vez de escrever qualquer coisa, para ter um resultado. E em breve (cadê o Steve?) talvez um dia quem sabe, talvez talvez: a gente não precise mais falar. Teremos *apps* da *applestore* ou do *androidmarket* ou talvez o *windowsphone* venha a ser algo com a ajuda da Nokia³¹, para além dos nerd-rumores. Trafegar pelo riacho raso da futurologia dá sempre nisso, é sempre amanhã, um dia quem sabe, você ainda

²⁶ Em **Ceremony**, filme de Max Winkler, o ator Michael Angarano interpreta Sam Davis, jovem escritor apaixonado por uma mulher que não pode ter.

²⁷ Dirigido por Wim Wenders, **Paris, Texas** conta a história de Travis (Harry Dean Stanton), um homem que, depois de estar desaparecido por mais de quatro anos, é reencontrado pelo irmão Walt num hospital na região desértica do Texas, próximo à fronteira com o México. Maltrapilho e com amnésia, é levado por Walt para a sua casa em Los Angeles, onde reencontra Hunter, seu filho de sete anos que foi abandonado pela mãe, Jane (Nastasja Kinski).

²⁸ “La vache qui ri”, o sanduíche preparado pela tia de Hunter como merenda para a escola, em **Paris, Texas**.

²⁹ **Dancing in the dark**, filme dirigido por Lars von Trier, estrelado pela cantora Björk.

³⁰ O diretor malaio Tsai Ming-Liang ganhou o Leão de Ouro de melhor filme e o Prêmio da Crítica no Festival de Veneza em 1994 por **Vive l’amour**. Os longos planos com câmera parada do filme consagrariam o estilo do diretor.

³¹ A Nokia, maior fabricantes de celulares até o advento dos smartphones, firmou em 2011 parceria com a Microsoft: ambas tentam emplacar novos aparelhos e um novo sistema operacional móvel, respectivamente. Mais informações em <http://www.gizmodo.com.br/conteudo/microsoft-e-nokia-oficializam-parceria>

pode, veja, invista e arregace as mangas, mas não é agora, apesar de ser pra hoje: calma, contenha-se.

Falar e falar de nada adianta, calar a boca menos ainda, o Facebook está aí pra espiar a nossa vida e sinceramente, quantos troféus e fotos de perfil com a torre Eiffel ainda? Posso ser o Vincent Gallo³² na minha foto de perfil, posso ser o Louis Garrel, o Angarano, o Shia LaBeouf. Basta olhar minha cara no espelho para ver que jamais me farei tão desejável quanto eles, mas claro, há toda uma indústria que os vende assim, como astros, o inatingível. E quando foi a última vez que podemos olhar tanto para a cara de alguém como olhamos para a cara do Angarano, entre pausas de 5 minutos e 45 segundos e suspiros idiotas pela nossa diferença de idade? E você acha que esse cara existe? E se existisse, acha que ele não passaria com seu carrão por sobre nossas cabeças se ousássemos nos colocar no seu caminho? Porque então gostamos tanto deles, e colocamos a cara deles nos nossos sonhos eróticos desprovidos de qualquer compromisso com a realidade? Que realidade essa nossa, da qual tanto precisamos fugir?

Aprendemos a fingir desde sempre, nossas mãezinhas ainda com o susto do parto e aquele choro de susto, a encenação indefesa de quem não pode dizer que ela, elas, as mães, foderam nossas vidas. Não tinham nada que trepar e fazer filhinhos, que trepassem e se reganhassem e engolissem mas ninguém merece esse estorvo de ter que dar sentido à vida de outrem. E ali naquela maternidade a vida já se mostrando essa sequência de aporrinhações: éramos então nada mais que um joelho e fomos direto para a UTI infantil, ou que outro nome tenha isso. Nossas mães ocupadas com hemorragias, não puderam nos abraçar: e quem poderia? Essa falta de amor se anuncia e então a vida, entre cueiros e fraldas que naquele tempo eram de pano, nada dessa descartabilidade emverdeando o planeta. Era então um mundo se anunciando, e a gente querendo um abraço, um olhar mais demorado, um Angarano também neném sorrindo com seus indefesos olhos apertados. Temos o cinema e essa realidade paralela, essa realidade inventada, a dos cacós e restos de histórias, de mentiras bem nutridas no leite com pêra, no mingau de maisena, desde sempre nos entupindo sem nos alimentar, o retrogosto da fome que nos fez e nos faz miseráveis perante essa imensidão dos que desejam sem alcançar. Mijados no mundo, arrancados a fórceps, rasgados, assim viemos de encontro a nada parecido

³² Vincent Gallo , ator e diretor de cinema norte-americano

com os seriados norte-americanos. Raquíticos fomos crescendo, enquanto riam da nossa cara e apontavam nossa magreza com o dedo, não, *bullying* naquela época não existia, era só um terno recurso higienista, um complexo sistema educativo. Uma fome de abraços não dados e de ursinhos de pelúcia que não tivemos porque, você sabe, isso é coisa para garotinhas. A fome que na tenra idade era abraçar um urso sintético, olhar nos seus olhinhos de plástico bem lá no fundo, e ter a certeza de que alguém estava ali te olhando: não éramos do tipo que acreditava em monstros debaixo da cama.

Isso é tão retrospectivo e sinceramente me enoja, pensar em toda aquela gororoba católica, do ranço geriátrico de avós oleosos assombrados por reminiscências de uma Europa vindoura e abandonada por puro cagaço da guerra. Tantos anos perdidos e culpas e poucos sorvetes, menos do que merecíamos. Quando de fato pudemos fazer alguma coisa, eis que o mundo vocifera e instaura a nossa insignificância assim, de chofre: cala-te, queridinha, tire o seu rabinho do meio das pernas e corte-o em tiras, sal, pimenta, frite-o na manteiga com cebolas e sorria, exiba o rombo que ficou no lugar do rabo alegremente, tente se passar por mais uma, disfarce, eles vão acreditar que não há nada de errado com você, faça uma receita *gourmet*. O cachorinho vira-lata pode, você não. Na escola, em casa, na rua, na chuva na fazenda ou numa casinha de sapé. Um pouco mais de compostura, uma palavra tão esquecida mas tão eficiente. E se você fala e sabe falar e fala tão bem e pode até ser bonitinho mas essa boquinha não se cala, fale, coração, fale mas fale baixinho, fale para si até se cansar e durma e ao acordar não faça barulho, se puder no dia seguinte falar um pouco mais baixo seria melhor, os vizinhos não teriam mais do que reclamar, aliás, o que os outros podem estar pensando disso tudo? Dez anos de idade e aparências nada mais, sustentaram nossas vidas: se nós tivéssemos descoberto o cigarro mais precocemente, talvez assim tudo teria sido mais brando. E as crianças do cinema, nossos preferidos, os desgraçadinhos, ou você acha que o Hunter estava mesmo preocupado com seus lindos cabelos? E o Antoine Doinel³³, que nos trouxe tanto conforto com a sua desgraça? Desgraça *nouvelle vague*, mas desgraça: ninguém sabe se ele se jogou no mar, se a morte era então a única saída: assim como ele, começamos a pensar nisso muito cedo, e todos esses anos estamos querendo botar as mãos naquele livro esgotado “Suicídio:

³³ Antoine Doinel é personagem central do clássico do diretor francês François Truffaut, **Les 400 coups**.

modos de usar”. Na tela a coisa funciona, e então, o que pode a desgraça alheia fazer para tornar a todos mais profícuos? Aqueles com endereço e cartão de crédito, porque precisam tanto que estrebuchemos?

Há algo em jogo, e isso demanda uma coragem que eles não tem: matar, trepudiar, arrancar cérebros com os dentes, jorrar o mel do mal e untar todas as possibilidades com esse néctar pegajoso, estuporar o que chamam de caráter e rir com isso uma risada de bruxa de desenho animado, socar o dedo bem fundo na ferida alheia e gritar para todo mundo (ou colocar no Facebook): tudo para que nos ouçam, que levem os nossos desejos e sentimentos em consideração, que acreditem e nos dêem o direito de ser piegas, patéticos, que legitimem o nosso tesão e que saciem a nossa sede de paz e silêncio. Mais respeito!

O nosso mundo não é esse, por mais que ignoremos mendigos e tenhamos medo de nos tornarmos um deles, o nosso mundo explode dentro de casa, dentro dos nossos ouvidos e só temos as pontas dos dedos para nos defender, mas as palavras, as palavras não mais. Tentamos nos ocupar sonhando o que não temos, treinados pela Disney no mundo da imaginação, e quanto vale o show, quantos caracteres ainda para a redenção? As facas dessa casa estão cegas e não há ninguém, é sempre mais do mesmo, bar e conversas de pé de umbigo e ressacas solitárias, pautas, e amanhã esfolar um feto e depois cheirar cinco quilos de cocaína e as madrugadas, com seu falso silêncio rondando, a televisão sempre ligada, exibindo o que não queremos ver, aquele chiado onipresente, *poltergeist* de nós, não há nada do outro lado da tela. Há circuitos eletrônicos onde deveria haver um coração, há essa mala pedindo para que joguemos o que couber dentro e que possamos ir embora sem nada nem ninguém, sem mais e-mails, *posts*, atualizações de perfil: o que você está pensando?

Precisamos nos livrar das palavras e para que isso enfim se inicie precisamos nos livrar das pessoas, dos acessórios e falsos sorrisos, da ilusão de sermos amados e admirados, do falso floreio da fama, do “um dia, quem sabe”: sabemos, eu e você sabemos que *never, no more*. Eu e você não somos mais eu e você, viramos uma coisa só, somos muitos, tantos, e insistir em fracionar e botar a culpa nos outros nos tira dessa unidade personal. Persona personagem, eu Mana, Ma + Ana, Anam, eu que não posso voltar atrás, que choro eternamente nos bancos das praças enquanto as crianças brincam ao longe, os filhos que não tenho nem poderei ter porque meu

útero é podre, eu que fiz tanto mal e que inevitavelmente preciso me arrepender, não há ninguém na praça, não há ninguém na esquina, e aqueles ali não sabem de nós, eles não são alguéms a espera, eles não me esperam, eles me ferraram tanto e eu, porra, eu só queria reagir, seja proativa e não reativa, não era isso que a vaca falava? Desde quando há um plano, até quando você vai repetir que esse plano existe e que realmente sabe o que quer, para onde ir? Tem que ser longe, tem que ser rápido, tem que ser ontem e tem que ser sozinho, porque não há ninguém que possa ir junto: para cada quilômetro um caractere que vai ficando, voltas ao mundo e o homem, já foi a Mercúrio?

Pode-se sempre comprar uma arma no mercado negro e acabar logo com isso, mas não há contatos nem traficantes solícitos, há lá um dinheirinho na nossa conta que mal dá pro gasto, e a vida pede o que não pode: todas as tardes eles, as gentes, se refastelam com a nossa desgraça, enquanto vertemos sangue e palavras jorram desse corpo constituído de letras e dedos, nada mais. Reagir para reger o que ainda resta, mas para restar deveria ter havido algo um dia, uma epifania, um rastro perdido de beleza que não essa do consumismo, da promessa da tecnologia. Nunca amanhece nem anoitece nem clareia nem se apaga, apenas paira o fétido, apesar dos carros continuarem andando e lá fora haver algo com o que se parece a vida. Vida não dita, amor não verbalizado, nada é. E a linguagem, essa que nunca dominamos, que usamos para nos vingar da ditadura da comunicação, nos encadeia mais e mais na triste sela da solidão. Eu, eu já não é; nem você, nada distingue; nós como dois: é tudo a mesma coisa, estamos assim abduzidos, rindo quando uns poucos acreditam que choramos, chorando quando deveríamos nos gabar do alcance do nosso mal.

Naquele cantinho ali da sala, perto da janela, as palavras parecem não chegar perto: é preciso se dobrar para caber, e pensar na nossa psiquiatra, o que ela poderia fazer além de assinar receitas controladas? Os inibidores da monoaminoxidase não nos ajudam, e essa palavra paira, ameaça, monoaminoxidase, i-mao. Querer que nos deixem em paz não é mais um querer, não se trata de um desejo, tanto faz agora, agora não se pode mesmo voltar atrás, nem seguir adiante, agora é insuportável e os tempos se maculam uns nos outros, expondo nossa realidade: não estamos sozinhos, baby, temos um ao outro, ainda que sejamos menos reais que uma

invenção descartável. Não temos balas nem revólveres nem a audácia de Timothy McVeig³⁴: só temos um ao outro.

E agora é tarde, ou cedo, depende do seu ponto de vista: é preciso produzir.

³⁴ Timothy James McVeigh, terrorista norte-americano condenado à morte pelo ataque de um prédio público em Oklahoma, 1995, com saldo de 168 mortos e 850 feridos.

Ana

Eu não quero voltar atrás, eu cansei de olhar o passado, o monte de merda – e não venha me falar em impunidade, estamos no Brasil – que se acumula nesse currículo marrom, por mais que eu tenha feito, por mais que eu ainda ache que há alguma história para ser contada. Esgotando as possibilidades, torrando os fundos e sampleando as histórias inventadas, não estou presa a nada, meu remédio é a fuga pura e simples. De segunda a sexta ainda tenho meu espaço por vinte minutos, é tudo o que tenho, para que riam de mim, para que as almas se engrandeçam perante minhas fraquezas. Digo de amor e de dinheiro, compro o amor, quando eu posso eu compro tudo, eu compro você, Ma, eu te pago mal, e só calaria a sua boca se entupisse seu rabo com muita grana. Geralmente só me arrependo na última cena, mas é tudo encenação, quando a culpa vem me banhar para que mais uma vez eu ressurja impávida, montada nos sonhos de consumo contemporâneos. O que realmente me chateia é essa miséria técnica, essas intérpretes péssimas que nunca ouviram falar em Antunes Filho, Fátima Toledo, esses galãs desabados, periféricos, mal formatados, esses cenários esdrúxulos, essa falta de sutileza nuance cor, nem cor minhas histórias podem ter: quem convencionou que o *flashback* deve ser em preto e branco? A culpa não é sua, você só escreve as histórias, você sequer as assiste porque no fim tudo sai bem diferente do que essa sua cabecinha doentia inventou pra mim; eu sei, nem o *full HD* vai nos salvar. E não adianta me inventar outros nomes, Odetes Valérias Priscilas Paulas Marinas, sou sempre eu, essa que você não suporta, essa que não é nada mais que um escombros da sua realidade pérfida, essa que você não suporta, que você nega. Que tantos possam passar pela vida incólumes e sequer terem um lapso de revolta, creditando a Deus todos os revezes porque assim ele o quer; que tantos possam querer tão pouco e jamais sonharem com grandes produções, Hollywood, *steadycams*, belos penteados e bocas vermelhas e suculentas; que tantos andem todos os dias em ônibus lotados como bovinos confinados atrás do seu salarinho de merda; que tantos se sentem para ouvir essa baboseira toda da minha vida diariamente e acompanhem e comentem e fundem comunidades no Orkut sobre os meus desabafos: eis do que não me conformo. Sou e quero ser só mais uma, uma que não quer ser passada pra

trás e que cansou de levar porrada, alguém com certos princípios, o do mais forte, eu, a quem foi forjada uma musculatura existencial na base da porrada.

E você bem poderia escrever outra coisa nesse tempo em que olha as paredes, o pé direito da sua sala no COPAN. Se você realmente desejasse a literatura, se você realmente desejasse alguma coisa que não a sobrevivência calcada na falta e numa eterna reclamação, haveria de escrever outras coisas: eu posso valer uma tendinite mas lhe custo duas horas por dia, apenas duas horas, e não é problema meu se você passa o dia pensando no que vai inventar para mim. Eu mereço menos importância, e talvez o que eu realmente queira enquanto personagem é ser menos importante, mais passável e anônima, mais qualquer uma, eu você e todos nós e essa tal Miranda July aí que você fala.

Não quero a posteridade, não quero ser *cult cool* ou algo do tipo, se estou viva é nesses 20 minutos, e como tantos sou feita de imperfeições, de más atuações, de drama que vira comédia e vice-versa; sei rir disso tudo, sei me travestir da loucura do outro e nisso incluo a sua loucura, Ma. Ambos sabemos que não há muitos outros temas além do amor, e se eu hoje estava “Bebendo todas”, por que seria se não me faltasse o tal do amor?

O que você tem para dizer que não eu, o que ainda pode ser dito? Por que eu te limito tanto, quando eu e você somos um só? Escreva outra coisa meu filho, não vou morrer se você me colocar de lado por algumas horas; não vou morrer nunca dentro de ti, e é isso que você precisa assumir. Escreva outra coisa, porra!

Um limite

O indistinto não batera à porta, sempre estivera comigo, apesar de manter ainda certa capacidade de apreciar a beleza e querer sorver, covardemente, do mesmo mel com que se banham os felizes. Uma personagem que não sabe o seu lugar quando um escritor não se sabe escritor: ela escraviza, ele redige; ela envenena, ele prova do veneno. Uma pequena dose, colapsos, visões, a lombrina. Doses consecutivas até que esse corpo se adapte ao vício do não.

Essa máquina, a TV, me dera o mal porque ela pode fazer o mal, tem amplitude para. Como um castigo, ali fui pago para escrever sem paixão, pelo dinheiro; era preciso criar e criar, sem grandes envolvimento, sem complexidade, sem inspiração, sem análise, sem desvelo, sem mensagens políticas, sem ética. Era para ser um trabalho como qualquer outro, braçal, digital. No girar da engrenagem, ser mais um dente; no tilintar das moedas, ser espetado por um tridente.

Sabia bem do feitiço da TV, o esquecimento, bebera desse leite desde sempre, novelas séries programas de auditório telejornais vespertinos programas de culinária e outras agruras do entretenimento. Cada vez mais claro que essa classe de programa, os de entretenimento, não tem o pensamento como algo divertido. Pensar é exatamente o contrário, é o que os programadores e diretores artísticos acreditam que pode afastar o público. Contavam sempre uma historinha, dizendo que era uma pesquisa, não tive a curiosidade de checar: se o canal exibisse imagens de filhotes de cachorro, uns filhotinhos bem fofos, serelepes, garantiriam 2% de audiência. Esse era um índice que poucos programas da emissora alcançavam, e nunca entendi porque afinal não transformávamos aquilo num canil televisionado. Seria mais humano.

Ana não era para ser da autoria, era antes da redação. O embaralhamento dos clichês pode sempre resultar, com uma mão de verniz e um elemento da última moda, em uma nova história: o público que se foda com isso. Isso é televisão, eu sempre ouvia... Ana me forçou a ser um telespectador mais desconfiado, e não digo só por ter visto o lado de trás dos cenários com seus tapumes de compensado: não havia lugar para o sonho. Ana vai ocupando essa carcaça e no que eu chamava de

método Chico Xavier, pela rapidez da escrita dos roteiros, era o espírito dela que me tomava, e quando me abandonava restava o cansaço de um corpo ocupado pelo desconhecido. Ana tramando sua rede aos poucos e se instalando nos meus espaços, vou me encolhendo na vida e na escrita e passo a cortejar a morte, que se mostra cheia de sucesso.

Não há um ponto em que seja possível dizer, foi aqui que. Por muito tempo negava, escrevendo sem pulsão, desejando um texto, um outro, menos sodomizado pelo sensacionalismo do Programa, menos tiranizado por Anas e Anas. Foram anos, e esse operar refletia o lugar onde essa escrita sempre estivera, encerrada, encarcerada no calabouço do recalque.

Tornar-se Ana para que essa escrita se autorizasse não era uma estratégia clara, era mais um último aceno antes do fim, o parque de diversões daqueles que não tem mais nada a perder. Parecia simples, um largar-se numa curva mais abrupta e plóft!! Bastaria um golpe de vento para o ponto final da cena principal de toda violência que Ana exercia sobre mim.

Foi quase, e sem notar, sem grandes elaborações, meu contra-ataque se deu na tentativa de uma autoria para Ana. Deixá-la falar, devorá-la com a mesma voracidade que ela me devorava, rindo e chorando, trazendo o pior do espírito vingativo da personagem para dela vingar-me, autorizando-me a agir. Costurando minha boca na boca de Ana, imiscuindo-me em seus interstícios, um dentro que de tão dentro só pudesse dobrar-se para fora. Fazer do algoz a fortaleza que me empurrava para outra escrita, a minha escrita, enfim.

Uma escrita que eu pretendia desde tanto, deixar que Anas e Anas me empurrassem para fora da tela, fazendo por onde ser demitido, rompendo com o sol quadrado, com a surpresa de quem foi envenenado, mas sobreviveu.

Uma escrita que quer se tornar possível, um zero de artifício.

A escrita, enfim.

SEGUNDA
PARTE

Zero de artifício

*“É na relação com o outro que se toma consciência de si,
e é isso que torna insuportável a relação com o outro.”*

(Michel Houellebecq)

Ele tinha o mesmo nome que eu, nasceu em 1981, eu estava tão bêbado que demorei para fazer as contas, mas não era isso o que importava, quando me sentei ao lado dele. Ele fez o que eu geralmente faço, perguntou o meu nome, e na primeira frase falou sobre o nosso nome, falou o que eu costumo dizer quando encontro outro Marcelo com quem quero ter algumas intimidades: meu caô podia não funcionar mas causava algum impacto, algum efeito, senão no outro, sobre mim mesmo. Já isso vindo de outro, o outro ele ali na minha frente, ele que tinha o mesmo nome que o meu, dizendo a mesma conversinha mole que eu tanto apliquei, e que nunca funcionou, comoção? Não, eu não diria; talvez o anúncio de uma epifania, um tiro certo num resto de esperança ressequido, algum último capítulo de novela da Globo. Poderia reparar em detalhes que cabiam direitinho nas minhas fantasias: ele era pequeno mas não muito, talvez poucos centímetros menor que eu; tinha as unhas cortadas muito rentes, o que, pelo menos teoricamente, seria suficiente para me deixar de pau duro; ecos de algo perdido-looser-Kurt Cobain, era bom no operar do que ainda lhe restava de uma inocência que nem ele sabia que estava ali, mas sim, eu via, eu vi na primeira frase do nome e de 1981. Ele sabia sorrir, ele falava baixo e calmamente, ele falava mais do que eu, ele tinha uma desesperança indie fora de moda que me acertou em cheio. Ele fazia um estilo sem pretensão, não que se coitadificasse, mas não era o tipo rei da bola, não sabia driblar, olhava nos meus olhos como quem quisesse sinceramente me conhecer.

Eu

- Que dia é hoje?

Ele

- 19 de dezembro.

Não precisava de tudo isso para atíçar minhas reais fraquezas, a insegurança, a decrepitude anunciada: aquele medo de não ser tão interessante quanto a ocasião, de não estar a altura, de não se deixar iludir o quanto se pressupõe necessário em abismos dessa natureza.

Se ele queria me conhecer, talvez eu pudesse começar dizendo que naquele dia gastei algumas horas tentando bater punheta às custas de www.mike18.com, ele Mike18 o doce russo, a estrela do pornô gay, US\$ 34,95 por um acesso de 30 dias onde é possível baixar 40 Gb de uma putaria não-puta... que eu vivia só e que nunca soubera o que fazer nessas situações, nunca soube como disfarçar o pau duro sem alguma dor (ah, velhos tempos), apesar de sempre conseguir fazer com que não notassem nada, aquendendo pra trás que fosse, usando cuecas justas demais pra segurar a onda. Eu nem queria estar ali, eu não sabia o que de fato havia me levado àquele lugar, mais culpa que desejo, tantos dias sem sair tentando gozar com virtuais garotinhos russos e sua virtual inocência, gastando meu cartão de crédito já comprometido com Moscow e São Petersburgo.

Eu disse algo como

- Há muitos Marcelos, o que talvez nos torne anônimos aos olhos do mundo, já que nunca poderão dizer que temos um lindo nome, por ser um nome banal. Um nome bege.

Ele

- Você não me é estranho, acho que te conheço de algum lugar, e acho que foi do show do Belle & Sebastian...

Eu estive no show do Belle & Sebastian em 2001, talvez isso estivesse escrito na minha testa, ele sabia manipular a coisa rumo a um resultado inerte, e era isso que me prendia, essa era a minha empreitada usual, a que ressaltava minha solidão; era o mesmo jogo, só que era ele quem falava o que eu costumava falar, a abordagem era uma cópia cuspida e escarrada do meus anos de um pseudo savoir faire do vaudeville inútil. A putaria sempre foi muito mais fácil que tudo isso, do cu e arredores.

Uma louca equação que estabeleci desde sempre apesar de ignorar as regras matemáticas, algo como o comprimento do braço dividido pela largura das costas multiplicado pela altura do sujeito ao quadrado. Ou tudo isso numa raiz quadrada

dividida por 12/7. Um coeficiente, o do dilaceramento. Aqui caberiam várias pequenas coisas, que iam tomando todo o espaço a cada frase; a cada pequena coisa que ele me contava, tudo se engrandecia. Por exemplo, ele era canceriano, meu ascendente, e eu já não sabia mais o que pensar sobre o Quiroga e a Bárbara Abramo; há coisa de poucos dias ele havia deixado de fumar, algo pelo qual eu já havia perdido algum tempo; ele não estava se sentindo muito bem naquela festa e não sabia o que estava fazendo ali, havia o tédio e as suas próprias pressões kamikazes para mudar a paisagem, ainda que não desse conta; disse que tinha um relógio bem parecido com o meu só que de outra cor, o qual usou até que quebrasse. Que ganhou de um amigo.

E não, eu não estava prestando atenção no que ele dizia. Era um complô para me desestabilizar, cheguei a pensar nisso, enquanto arregalava os olhos mais e mais, sem nada ao meu redor. Havia ali a festa já no avançado da hora, onde a maioria estava no além-repescagem, apesar da maioria dos presentes serem casais casados no papel que não trepavam mais e no entanto não estavam mortos, e namorados sérios, com um pé na caretice. Os heteros que não pegam ninguém de sempre, as mulheres que já desistiram, além das que insistem, sempre – mas não rolou funk. Uma ou outra carne nova que não.

Quando Marcelo de fato me disse oi, assim que passei para jogar a cinza do cigarro pela janela, já que não encontrava o cinzeiro, olhei para ele, me demorei nisso. Se ele não me dissesse nada mais, ainda assim eu gostaria de chupá-lo, de onde eu estava podia vê-lo de perfil e percebia a curva da bunda, um quase ponto de interrogação invertido, nada comparado às pequenas mãos. Essas mãos pequenas, que engrandecem os caralhos; ele sorria e parecia, se eu acreditasse na Pollyanna, que me convidava para um show do Belle & Sebastian.

Curioso ele achar que nos conhecíamos desse show, eu de pouco lembrava daquela noite: estava ali porque M quis muito ir, ele me comprou um ingresso, M que virava aquela bunda pequena e pedia que eu o comesse sem camisinha; M que tinha amigos inúteis, e eu sempre achando aquele blábláblá todo insuportável; era o cu de M, oferecido entre brindes como belas chupadas e beijos inexpressivos, crises de machismo ferido e saudades da ex-namorada. M e seus amigos inúteis se pareciam muito àquela banda, sim, eu também me emocionei com Fox in the snow e a turminha do Murdoch; M apertava minha mão, eu apertava a bunda dele, M gostava,

M sorria, mais tarde ele pediria que eu o comesse com força. Pediria para estuprá-lo depois de raspar sua bundinha com uma gilete cega. Isso durou pouco; entre pormenores derradeiros e detalhes intangíveis, eu diria que ele não lidava muito bem com a ideia de gostar de dar o cu. Cada um sofre como pode. Anos depois, encontrei M e ele me disse, quando tomávamos um café, que havia aderido ao laser, e que não precisa mais raspar a bunda.

Em 1981 eu gastava o tempo sendo o melhor aluno da classe num jogo de sedução com professoras velhas, mal pagas e mal comidas, acreditando em Jesus e sendo o melhor no catecismo, com nojo de tudo que tivesse qualquer conotação sexual. O pecado e as sessões de batalha naval do Bozo podem ser medidas disciplinares quando lhe despejam açúcar e frituras pela goela: ali ninguém cozinhava bem, e não se sabia porque o menino não engordava. Logo o menino passou a responder com a fome dos quase mortos, bifos de alcatra temperados com salsa. O vizinho era dois anos mais novo, era muito bonito ele na sua bicicletinha vermelha, a boca espichada num choro que pedia pelo azeite. Problemas de intestino e rastros de Olívia Newton John, era no meio disso que nascia a promessa de felicidade. Enquanto Marcelo sugava os seios da sua mãe e cagava deliberadamente em fraldas de pano, eu buscava a beleza que me faltava assistindo TV: o SBT era a promessa de um mundo novo e colorido, com seus desenhos anacrônicos e um palhaço pauzudo de cabelos vermelhos.

Nas oleosidades nossas de cada dia que vovó preparava, eu sonhava com o vizinho, o querubim da bicicleta, que de vez em quando me chamava para dar umas voltinhas, mesmo eu não tendo uma bicicleta e ele não me deixando dar tantas voltas na dele bike. O putinho gostava de me fazer inveja com aquela bicicletinha furreca que não era uma Caloi, nem uma Monark; ele queria me ver querendo aquele amontoado de ferro reluzente sobre rodas, mas era a ele que eu queria, eu queria beijá-lo, eu tinha 10 anos porra, eu não me esqueci disso. Filho da costureira, uma gorda mal ajambrada que tinha no pequeno querubim sua fantasia de beleza, afinal aquela lindeza toda saiu de dentro dela; por enquanto os genes ainda não

tenham se rebelado, o que talvez fosse previsível. No meio de tanta feiúra e desgraceira, aquela gente bronca em pleno agreste de sentimentos, um antro católico, um bairro classe média baixa, 1981, bem ali ele, a coisa mais linda, o menino da bicicletinha vermelha, o vizinho da minha avó. Ele ficava mais lindo ainda com todo aquele lixo em volta, o anunciado aborto de qualquer futuro redentor, era beleza demais para uma vidinha que viria, ah qual era o nome dele mesmo? Isso não muda nada, fazia tempo que não lembrava disso: precisava mesmo de um comprimido. Minha barriga estava doendo.

O zero de artifício talvez fosse o que despertasse algo antes da intenção, findando uma longa espera. Mas a espera de que, se isso é do estrebuchar? Marcelo abrira a boca há exatos 30 segundos, e eu só tinha uma saída: revelar fatalmente a minha vontade de me exilar numa cama com ele. Longe.

Perto de um zero de artifício que buscasse o essencial, um despojar-se de toda tralha conceitual e capitalista, do medo e das pré-concepções, aquela pequena coisa que há por baixo de tantas camadas de cultura, defesas, couraças, diplomas, rendimentos tributáveis, símbolos de status, interesses, inseguranças, cagaços, frustrações românticas e financeiras, exibição de vitórias e ocultação de derrotas. Seus olhos me olhando e fazendo tudo parecer menor, palavras se formam na minha boca, mas não consigo dizer, o grande parece pequeno ou seria o contrário?

Para irmos embora, eu queria dizer, para isso vim a essa festa com essa gente que não me diz nada, eu que não tenho amigos porque desisti de todos eles, eu que não sei me portar nem me apresentar nem me comunicar, eu que abro a boca e nunca digo aquilo que sinto, eu que não sei se ainda quero e se posso querer, me diga, eu gostaria de dizer, me diga você o que é preciso fazer.

Mas não digo, e Marcelo parece viver em outro mundo, parece flunar como quem não se importa com essas coisas: era um lugar a chegar, eu podia ver o pódio de longe, eu queria estar lá com ele, sem pensar em mais nada, sem elaborações nem complexidades, lá onde o quase nada fizesse todo sentido.

A trilha sonora não ajudava mas eu tinha certeza. Um ponto para a cratera, e não se pode parar o tempo. A tensão daqueles segundos de encantamento, antes da revanche vampiresca, e o esquecimento. Se no outro dia eu estaria me lembrando dos scripts que ele repetiu, não: mais real que aquilo era ele, Mike 18. O ator pornô russo. E eu não queria mais isso.

Sarah chega às 6 da tarde com suas malas cheias, prontas para conquistar o mundo, excesso de peso para apenas 3 dias. Ela diz isso, ficará por 3 dias, não sei se acredito. Rimos e falamos dos famosos das novelas, das revistas de moda, das tendências: eu não a esperava mas me esforçava em nome dos nossos 25 anos. Por ter ido embora, Sarah havia permanecido na minha vida, e ainda que ela usasse a palavra amizade, eu tinha minhas dúvidas: o que ela sabia da minha vida hoje? Ela era uma executiva de RH que gosta de beber, que começou como artista visual, artes do corpo? Visionária, propunha a erotização do ambiente organizacional como qualidade de vida, sempre essa palavra, a qualidade de vida, aaaaahhhhhhhh

Ela

- Você não sabe, a coisa estava feia em Dubai, mas eu topei o overbooking porque estava exausta, o hotel era um cinco estrelas nababesco, não havia área para fumante, e aí eu percebi que havia perdido o meu iPhone, comecei a procurar desesperadamente, tive que me ajoelhar e abrir as malas, achei o iPhone, só que não havia conexão. Você recebeu minha mensagem, não?

- Sim, recebi.

- As reuniões foram ótimas, eles foram educadíssimos, mas claro, claro que eu conheci um cara, é, o mesmo tipo de cara de sempre, casado, tivemos 2 ótimas noites.

- Você já conseguiu com que liberassem a putaria geral entre os funcionários – talvez eles teriam que incentivar, não sei – numa dessas empresas onde você presta seus serviços?

Ela acende um cigarro, não sabe onde coloca o iPhone.

- Seu filho da puta, eu te amo, mas você está sacaneando o meu trabalho, você sabe que não é esse oba-oba não...

Ela ri, soltando a fumaça do cigarro em perfeitos anéis, mexendo nos brincos, sonhadora.

- Antes eu tenho que te mostrar as minhas novas aquisições, e te contar uma coisa que me fez pensar muito em ti, foi quando eu perdi meu outro iPhone, lembra? Agora está tudo na nuvem, mas aquele já era. Ah meu, porra, quanto tempo, não vamos tomar nem uma cervejinha?

Dentre as novas aquisições, um colete de pele de panda, que ela comprou de uma mina que havia trabalhado na WWF em Bangladesh.

Ela

- Olha que lindo, repare no toque dessa pele, ai eu fiquei louca, ai, ééé...

- Você acha que vai usar isso?

Um velho assunto nosso. Isso dela ter um orgasmo com o capitalismo. Um silêncio de 30 pesarosos segundos onde ela vai desmontando, vamos nos reconhecendo, nossos velhos rolos...

- Você tem razão. Não. Mas eu comprei o novo anti-rugas da La Roche, porque, você sabe, eu já não sou mais a mesma. Eu sou melhor!

Sarah era sempre a mesma. Horas depois fomos parar num bar teen da Augusta. Havia muita coisa pra contar, apesar dos poucos e-mails nesse tempo, nossos desentendimentos que haveriam de ser resolvidos, diagnósticos a serem comunicados, e aí estávamos naquele lugar, uma coisa pós-emo sertanejo-universitário, os hippies de sempre, mais limpinhos hoje, uns descoladinhos. Ela sempre me levava para esses self-services da carne, era o seu ambiente natural. Eu estava com muita preguiça depois de tudo que aconteceu, mas Sarah julgava saber o que me deixaria feliz. Meus dentes estavam sujos e as olheiras não ajudavam muito: Sarah me iluminava com sua bulimia e silicone. Ela foi uma das precursoras do botox no cu para hemorróidas e desabamentos.

Ela

- Como estão os assuntos do reto?

Eu

- Depois de ter me desiludido com um cara que fez com que eu me iludisse ancestralmente, eu dei um tempo. Fiz um buraco no meu travesseiro e tem sido incrível.

- Lembra de um cara, o Henri, que eu te contei quando estava em Nice, acho que cheguei a te escrever.

- Não.

- Pena que a gente não tinha como se falar, eu queria muito ter falado com você. Mas enfim, foi bem na época do iPhone, porra. Mas o Henri, o negócio dele era cu.

- Xura?

- Não sou uma expert, mas você sabe que eu gosto, né!

Dá um riso lânguido, ou que tenta ser lânguido, mas os dentes escurecidos de cigarro, ruguinhas no canto da boca, que depois do botox ficou meio estranho. Penso em beijá-la. Henri era barriga e muito dinheiro, um comerciante que conheceu na lanchonete, quando voltava de uma conferência de RH sobre modelos organizacionais, em Nice; ele, Henri, leu uma matéria sobre ela no site do pasquim local, sacou que ela era uma safada. Calhou deles se encontrarem, diz que ele era um gentleman. Caído, mais de 50 disfarçado com um implante de cabelo perfeito, ele era tão galante, tinha um porte, uma classe, ela se sentiu uma mademoiselle. Na primeira noite já rolou um cu, ele a comeu e ela havia bebido.

Eu

- Cu de bêbado não tem dono.

Me mostra a língua. Adoro atirar os clichês na cara de Sarah quando ela conta suas aventuras, ela me devolve isso e a gente ri e parece um certo tipo de amor. Ela chama a garçonete, diz que a cerveja não está gelada, que ela já havia falado, que assim não dá, que antes ela podia fumar dentro do bar.

A garçonete

- Senhora, há uma lei do prefeito Kassab, em voga desde...

Ela

- Eu não moro no Brasil, minha filha, eu só passo por aqui, fiquei sabendo sim dessa lei, que hipocrisia. Fica tranquila, se eu quiser fumar eu vou lá fora com o meu amigo, mas troca essa cerveja, me traz um drink bem colorido cheio de gelo, um cosmopolitan, um sex on the beach, uma piña colada, vamos dar uma energizada no ambiente.

Sarah está entre nós, digo isso sem festejar. Eu já tinha visto o menino, pensei que fosse namorado da bibinha, pelo visto não era, porque a bibinha estava logo depois se engalfinhando com um cara lindo, barbudo, meio dinamarquês.

Ela

- Está vendo aquele menino ali, a bibinha? Se eu fosse você eu pegava.

Não minha linda, você sabia de nada, não era a bibinha, eram os caras que pegavam a bibinha. A bibinha devia ser minha secretária, eu esperando que me trouxesse os homens. Eu gostei do amigo da bibinha: contido, notava-se de longe que tinha problemas com uma certa autohomofobia e todo um inconsciente romântico hollywoodiano e de novelas heterossexistas. A culpa me excitava. Eu poderia pagar 200 paus pra ele e não ter que fazer a fita, gastar energia, seduzir, Sarah me exigia um novo comprometimento com o capital erótico, ela que já havia chamado dois caras para a mesa, um deles era uma espécie de gerente, dono do lugar, eu não entendi e nem estava afim. Um deles trouxera a cerveja estupidamente gelada que ela tanto queria para apaziguar aquele calor das entranhas. Sarah estava constantemente nesse estado, eu não mais. Se eu não podia perder a forma em prol do manutenção de certo capital erótico, não podia me deixar levar por qualquer tipo de memória, até porque já não me lembrava mais de nada, quem eu havia amado, se eu havia amado, se Sarah fora um amor uma âncora uma fuga que seja: não há fotos que realmente importa, e as que temos são todas posadas, nada natural, nada real.

Dá uma disfarçada e me puxa pela manga da jaqueta.

- Acho que eu vou levar os dois pra sua casa, meu quarto está tudo OK por lá?

- Sim, tudo preparado para você.

- Amor, é melhor você se agilizar, quem sabe a gente não pega uma carona?
Vai lá então...

Titubeio, é um jogo, eu sei. A cara ensebada, me levantei. Se esse trajeto fosse algo parecido com a cena de OS AMORES IMAGINÁRIOS, do Xavier Dolan, onde Marie e Francis se dirigem para Nico ao som de Bang-Bang, na voz de Dalida: não era essa a música, o clima estava mais para um punk rock chinfrim e velho, um Ramones que tocava no rádio, um electro-lésbico, mas não, tocava algum clone do NxZero, era isso. O riso de Sarah ecoa no bar, entretida com seus dois novos amigos. Tentei um contato visual prévio, ele me olhou sem graça, avancei sem motivação: a timidez do oi dele me excitou. Havia um campo ali, um olhar doce e viril, ele tinha uns ombrinhos interessantes, perguntou o que eu fazia, era um pequeno pônei pronto para ter seus sonhos destroçados. Minha proposta não era essa e eu estava com muita preguiça, era tecnicamente fácil de lidar, eu olhei para Sarah de longe, e fiz um sinal, 5 minutos para irmos para minha casa.

Sarah foi pro quarto dela e eu fui para o meu. Se chamava Jonas.

Eu

- Você conhece os Jonas Brothers?

Ele riu e fez uma carinha de inocente. Devia ter 20 mas disse que tinha 22, via-se a precariedade pelos sapatos velhos e a camisetinha meio esgarçadinha, ele tinha vergonha disso, e isso me excitava um pouco. Quando eu tinha a idade dele, não cederia a um cara como eu hoje, jamais: ele não era assim, e isso me brochava. Pequeno e forte, se enquadrava nos biotipos que eu, enfim. Ele quis tomar uma cerveja, e eu quis tomar uma coca. Comecei tirando a camisa dele, mas ele disse que antes queria conversar, que queria me conhecer melhor. Percebi que teria que mudar os planos e me esforçar um pouco mais: dava para ouvir os gritos de Sarah, a coisa parecia animada por lá.

Ele

- O que você faz mesmo da vida?

Menti que era fazendeiro, que tinha muitas terras, herança: assim, ficava mais fácil dele me dar o que eu queria: o que não deixava de ser mentira, aliás eu jogava a Minifazenda obstinadamente. Com ele dinheiro não rolava, ele ainda tinha um resquício, uma ilusão, um romantismo, uma inocência, chame isso como quiser: eu não tinha saco, eu não ia foder com a vida do menino, eu só queria alguns momentos de prazer e never more.

Eu

- Você podia ser o amor da minha vida.

Frases de novela sempre funcionam: ele me beijou, pareceu não se importar com meus dentes sujos. Em quatro minutos eu trocava isso por uma chupada. Quando ele queria me beijar eu socava mais o pau mole naquela boca grande. Ele tinha uma boca grande. Ele se depilava. Me disse que era virgem e que nunca havia enfiado um pinto no cu, só outras coisas.

Eu

- Que coisas?

- Ah, eu já sofri muito com isso, na minha adolescência.

A cada momento tudo ficava mais insustentável, e nenhuma excitação, nenhuma ereção; era muita responsabilidade, a vaca da Sarah estava se dando bem, enquanto eu estava quase tendo que montar uma ONG pra comer aquele menino. O Jonas.

Eu

- Você sabe o Nick Jonas, o irmão mais novo do Jonas Brothers?

- Não, por quê?

- Ele é um tesão.

Sarah me acordou, eram 7:53 no celular, cigarro na mão dizendo que tínhamos que conversar, ela acabara de voltar da padaria e estava passando um café. Ela me beijou e estava nua da cintura pra cima. Um mundo amarelo e eu estava cansado.

Aquela data cagada de ano novo, e depois de tantos anos eu sozinho de novo, com a minha roupinha branca prontinha pra sujar de merda. Tantos artifícios mein Gott, tanta vergonha e culpa. Tentei fazer um revival tantos anos depois, dez anos depois, hoje, daquele raio de sol maldito que bateu no dia 31 de dezembro de 1996 sobre ele, sentado na poltrona. Naquele dia eu já sabia da tal métrica, a equação, a fórmula matemática das proporções: relutava em dizer que, não - mais uma vez de carcomeção, de anúncios do bueiro... O bueiro, esse covil da carcomeção: onde nos untamos de merda e gordura, da amizade das baratas, do confabular das ratazanas...

Esse quentinho dos esgotos, dos resíduos e restos, dejetos de desejos abjetos, do torpe, esse caldo grosso que entorna e banha de vida o escuro recôndito: cada um que descubra a sua boca de lobo por si. Ou não, pode-se assistir TV, sempre.

Como amar o tempo? Alguém está agora mostrando a bunda no show da virada: é ano novo, cadê a champan?

Olho para os lados, não tem champan, digo “não tem ninguém aqui com você, baby”, avivo os ouvidos, presto atenção, vem vindo uma música muito baixa, de onde está saindo? Isso não é “Shape of my heart” dos Backstreet Boys? De onde vem esse som? Abaixo o volume da TV, checo o iPhone, vou até a janela, nada. Demoro a identificar, o som vem de dentro, vem de mim. O som vem do meu cu.

Talvez minimamente o Nick Carter pudesse resolver as coisas. Resolver tudo na base da atitude. Não tenho com quem ir ao show dos Backstreet Boys, verdade seja dita. Eles estarão na cidade em março, cerca de 3 meses, o que pode me acontecer até lá?

Ouvir os meninos me encheu de esperança, era isso que não me ocorria há tempos, esperança, fé, essa coisa de que no fim vai dar tudo certo, afora o condicionamento

no sou brasileiro, não desisto nunca. Essa esperança-nostalgia do começo do século, dez anos atrás, antes dos iPhones: nada de novo, mas tudo traçado, crispado de certezas. Eu sabia para onde estava indo, eu dançava na sala com Nick, Howie e AJ, tomando uma champan imaginária. O ano estava começando e eu balançava o cu, eu amplificava o som dos meninos, eu voltava a sentir alguma coisa finalmente, aquilo que um dia me fez gostar do Nick e achar que ele seguraria minha mão, estaríamos na praia como no clipe de “I got you” e cantaríamos juntos “They say I'm looking for / Something that can't be found / They say I'm missing out / My feet don't touch the ground”.

Já não estou só, e ainda que os outros saiam, sei que Nick está comigo.

Se o som saía do meu cu, e eu tinha lá algumas dúvidas, eu me recordaria então desse que me daria a felicidade pela égide porrada / sexo anal sem camisinha / golden shower. O sexo anal nos filmes brasileiros me deixa decepcionado, prefiro os russos, eles estão numa vanguarda do mecânico, da forma pura e simples: cuzinhos rosas que sentam com doçura, e rebolam com absoluta propriedade, completamente alheios. Ontem mesmo encontrei mais um vídeo de mike18.com que não havia visto: Mike, o garoto que tem que mostrar que tem mais de 18 anos com os documentos, está numa banheira brincando de fazer espuma com shower gel; depois chega o outro, sem nenhuma vontade de meter; well: me diria Sarah que ali não tem tesão. Ela assistiu o vídeo no meu computador, antes que eu acordasse.

Ela

- Falta pegada nisso, olha a cara deles, parece que estão sendo obrigados a trepar porque são miseráveis, lembra daquele documentário, “All Boys”? Isso é miserável.

Sim, era isso, e aí entrariam as porradas, nada que nos levasse para a delegacia. Será que não poderíamos ir para a delegacia? Será que não era esse o problema? Que umas piabadas na delegacia pudessem ser o cume de uma história de amor, um dos momentos supremos de união? Era naquela falta de vontade dos russos,

naquela infantilização do sexo em jogos de uma negação do sexo, era. Como um boneco, Mike sorri um riso de macaquinho, seus braços curtos e a largura do punho quase a mesma da mão: as proporções da beleza e dos abismos. Sem golden shower.

Hoje 06 de janeiro, estou com preguiça do mundo, com preguiça de Sarah e ela sabe disso, por isso fala, fala e fuma e levanta as mãos e gesticula enquanto venta e a cortina esvoaçando sobre nós. Na TV sem som, mulatas e subcelebrities balançam a bunda ao som do carnaval que é só em fevereiro, mas na prática já começou.

Ela

- Eu jamais teria uma bunda assim, veja que vulgaridade, essa aí não é aquela da novela?

Eu

- Nossos corpos estão secos e túrgidos.

Sarah não gosta disso, não concorda, e faz um monólogo e um strip-tease na frente do espelho afirmando (para quem?) o quanto está gostosa, o quanto sente tesão com os homens, o quanto se joga na loucura.

Nessas horas eu achava que sabia porque estava sozinho há tantos anos, desde sempre; porque eu podia comer baratas vivas na santa paz do meu lar na hora que bem entendesse. Podia esfarelar a alma e olhar durante horas para facas, para a sacada lá embaixo, sem falação.

Ela

- Vamos viajar, a gente precisa viajar!

Eu

- Mas você acabou de chegar, Sarah!

E aí haviam as história a contar da última viagem.

- Eu conheci o Henri na internet, esse tempo sozinha fez com que eu voltasse pros fóruns que eu frequentava, enfim, eu estava em Nice e dei uma entrevista pro pasquim local falando sobre a exposição do meu trabalho no Congresso do RH. Eu não precisava ter dado aquela entrevista, mas sempre assumi o élan midiático do meu trabalho, né? E eu estava entediada, haviam sido dias horríveis antes em Paris,

antes em Barcelona. Dubai então nem se fala. Meu quinto aborto foi o pior de todos, mas isso é outra história. Enfim... (ela agora estava com essa mania de enfim, o que denotava pressa, ela queria contar, falava, falava e parecia não tomar contato, Sarah era puro espelho).

Ela

- ... O que eu venho falando, o meu trabalho, a minha pesquisa, você sabe, sustentar esse discurso do prazer nesse ambiente tão perene que é a corporação, a empresa, vai me deixando exaurida. A sorte é que ainda estou bonita e gostosa, mesmo que na menopausa, tomando meus hormoninhos, nos treinos de hipertrofia, etc...

Eu

- Na cachaça, fumando desbragadamente, tomando tarja preta, sem dormir.

- Opa, peraí!

Eu bem estava careca de saber que ela nunca foi de se cuidar, e não sei, depois dos 40 ela começou a ficar bonita. Seus seios praticamente sumiram, e seus dentes ficaram mais amarelos, ela secou no tronco, mas a bunda, já flácida e caída, se avolumava com o tempo. Ou seria o contrário, o tronco se avolumava? A maquiagem sempre impecável, os melhores produtos gastos em muito tempo frente ao espelho. Numa coisa ela não mudava: a necessidade de afirmar seu capital erótico.

Ela

- Eles me ligaram, e eu já mandei um material pelo iPhone. Nada acontecia naquela cidade, uma sem-graceza, eu vagando pelos bares e tentando puxar conversa no congresso, mas esse povo de Rh é, você sabe... Nessas horas eu tenho saudade de quando meu métier era com o povo das artes. Sei que depois de uns 3 dias sem nada, aquele congresso chato que eu não estava afim, enfim, haviam uns que me olhavam querendo me comer, mas eram na sua maioria asquerosos e sem sex appeal, a travação, o que você chama de cagonismo, enfim. Nos bares da cidade, nada demais rolando, acabei caindo numa festinha de rock de uma galerinha que devia ter no máximo 20, foi um erro e eu estava bêbada e dancei com a molecada, era a tia legal, loucona: um monte de delícias desfilando na minha frente e eu louca, querendo agarrar todos eles, deslocada. Beijei um dos mais

bonitos na festa, mas quando realmente me empolguei e soquei a língua nele com um suspiro das entranhas, ele se soltou, e em 3 minutos foi embora: foi como se eu tivesse ultrapassado os limites rumo a uma linguagem que ele não dominava, essa da entrega. Tava foda! Eu ia de ressaca para o congresso, de óculos escuros, salto e tubinho preto. E bebi muito para afastar o torpor e o vazio que se anunciava depois que perdi tudo que havia recém deixado para trás. Marquei a entrevista com o jornal e me aparece na hora marcada uma mocinha, uma ninfeta, um projeto nazista de beleza e delícia, uma coisa que atçou o que poucas mulheres me atçaram, na hora me veio a lembrança das primeiras e intensas gozadas com a minha prima, na nossa adolescência. Na verdade eu era um pouco mais velha que a minha prima, mas você sabe dessa história.

Eu

- Como será que está a Luize?

- Há muitos anos que tive notícias, aquela notícia, de que ela se casou com um cara rico e foi morar numa fazenda longe demais de tudo. Mas não era isso, depois a gente volta na Luize; era a moça, a jornalista, que se chamava, acredite ou não, Emanuelle. Ela entrou e em dez minutos eu já havia tomado 3 doses de gim, eu estava nervosa, estava querendo me acender e ela me fazia queimar, ela era comedida, técnica, usava uma chemisé florida, pequenos miosótis amarelos sobre fundo branco, com contornos pretos e finos, seus olhos azuis quase violeta, os seios do tamanho das minhas mãos em concha, ela devia usar desodorante íntimo. Resumidamente ela meio que me tirou de puta, sabe como são os franceses, se eles produziram um Houellebecq, porque não posso me produzir como maldita? Nessas horas um certo desespero ajuda, you know. Emanuelle realmente havia lido meus textos, deve ter feito uma boa pesquisa no google, a biografia que eu mesma escrevi no Wikipedia. A conversa estava meio chata e eu a chamei para tomar uma fresca na sacada do quarto, décimo segundo andar de um hotel de onde se podia ver o mar, as ondas quebrando num céu cinza, uma areia cinza. O vento assoviava, os cabelos dela revoltos, ela aceitou fumar um cigarro, eu insisti para que tomasse uma dose, ela aceitou, mas pediu para deixar gravando a nossa conversa. Achei deselegante quando ela retirou uma espécie de microfone de lapela, e o ligou no seu iPhone com um app de gravação específico. Ela não recuava um milímetro e eu fui me aproximando pouco a pouco, estava tão tomada por aquela aparição que nem

reparei no que despertava nela, um erro primário, mas sei que você sabe bem desse assunto, os dismantelos do álcool mais o medo. Enfim, ela não me quis e essa parte eu pulo porque eu me humilhei, e ela me disse que eu era velha e algo como ponha-se no seu lugar. E...

Saio. Faço uma pausa, vou até a cozinha preparar duas doses de vitamina C efervescente. Volto com os copos e ela está na janela, fumando, abrindo os braços a cada frase; toma de chofre a vitamina.

Ela

- A matéria que saiu falava bem sobre o meu trabalho, estava na terceira página, e o título era Quem tem medo de Sarah Dellari? Me venderam como uma putona, coisa que eu estou bem longe de ser mas que é a minha meta, you know, enfim... A cada dia eu me desesperava mais, minha fala seria dentro de 3 dias, sim, eu cheguei antes porque não tinha pra onde ir nem o que fazer, fui pra Nice com um fogo de encontrar uma razão pra viver, alguém pra fuder. Se trata sempre disso apenas, alguém pra fuder.

Eu

- Sim, se trata sempre disso.

- No dia seguinte acabei colocando meu melhor vestido, o que eu usaria na noite da minha apresentação no congresso: eu precisava de algum suporte para espantar a ressaca física e moral. Havia encontrado na internet um clube de swing e estava disposta a encarnar qualquer coisa: depois de Emanuelle meu desespero se triplicara. Aluguei um carro, um Peugeot básico, com gps, eu já havia entrado no Google maps, estava certa do meu caminho. Passei numa lanchonete, precisava forrar o estômago, havia vomitado todo aquele gim na noite anterior e não havia comido nada desde então. Eu estava um trapo, mas com o meu vestido fucking special, maquiagem e óculos escuros, dava uma enganada. Fiz meu pedido, e enquanto esperava no balcão, ele apareceu. Ele me olhava fixamente, impactado como que por uma aparição. Quando o vi, ele estava assim, parado, me olhando no meio do salão da lanchonete. Ele se aproximou, me comendo com os olhos, chega meu sanduíche, era muito grande e eu me sentia nua comendo aquele pãozão com grandes salsichas escapando pelos lados: numa tentativa de equilíbrio e de não ser tão voraz quanto a fome que sentia, segurando o sanduíche com as duas mãos, dei

uma mordida mais forte, uma das salsichas escapou e lambuzou minha cara de gordura e maionese. Na próxima bocada, eu mordi a ponta da salsicha com volúpia, arrancando com os dentes quase metade dela, olhando para ele, mas também concentrada no sanduíche. Quando dei por mim Henri estava tão perto que quase podia morder a ponta da salsicha que pendia da minha boca cheia. Antes que você me pergunte, não, ele não era bonito, mas isso para mim nunca foi um problema como é pra você e pra mais de 90 por cento das pessoas. Fiquei excitada porque ele me reconheceu pela foto do jornal, e foi reverente com a minha obra. Citou até o Houellebecq. Aí eu fiquei louca e, enfim, eu quero te contar logo essa historia, enfim, fomos para a casa dele. Ele era peludo e o pau não impressionava pelo tamanho, mas pela dureza. Fiquei sabendo que ele tinha descendência alemã, o que me deixou excitada: ele queria safadeza, não esses papinhos de amor.

Eu

- Odeio beijo na boca em filme pornô.

Ela

- Sei. Mas isso não era filme pornô, era sim a possibilidade de duas pessoas curtidas na pornografia, de onde vieram as técnicas todas, que pudessem se entregar ao prazer. Ele me pegava com muita força, e pedia que eu cravasse minhas unhas nas suas costas, e ali eu vi a descendência alemã, um certo recalque do nazismo: era aí que entrava a minha tara. O cara com quem eu estava em Dubai me tratava como uma lady, e não havia nenhum clima para que eu pedisse que me desse uns tapinhas na cara. Já o Henri era o oposto disso: ele desprezou minha buceta e foi direto ao cu. Eu andava bem enferrujada de dar o cu, me contentando com a parte da frente, e meus amantes de uns anos pra cá tem se revelado cada vez mais travados; eu ando cansada de ter que bancar a puta com esses caras, teve um uma vez que ficou talvez feliz porque eu o chupei, chegou a me confessar que a esposa não o chupava desde a lua de mel. Enfim, o Henri, eu estava preocupada porque não havia feito a mangueirinha, fiquei com medo de cagar em tudo, e ele logo me perguntou se eu estava suja. Eu não disse nada, e ele disse que preferia assim, então eu disse que sim, estava suja, por mim tudo bem, mas eu preferia que ele colocasse uma camisinha. Ele se deitou sobre mim e eu achei que quebraria meus ossos, me apertava, estava contrariado, ria, mordia os lóbulos das minhas

orelhas. Disse que tudo bem, colocaria a camisinha. Ele era rápido nisso, e voltou, estocou na primeira. Eu urrei, a musculatura desaprendida não ajudou, mas ok. Ele me pegava pelo pescoço e tentava me enforçar, eu pedia que apertasse com mais força, que fosse mais rápido. Cravava as unhas na barriga peluda, e ele roçava os pêlos brancos do peito nas minhas pernas. Enfim, foi muito bom e isso se repetiu de modo que perdemos a noção de tempo, se interrompendo apenas para comer e dormir um pouco. Chegou o dia da minha apresentação, ele me levou a uma loja pois eu queria comprar um vestido novo, foi um lord comigo, me ajudou a escolher o vestido e pagou por ele. Me levou no seu carro para pegar umas coisas no hotel, pois naqueles 2 dias eu não havia voltado para o meu quarto, e de lá fomos para o local do evento. Eu estava tão excitada que nem lembro direito o que falei, sei que fui convincente e aplaudida ao fim, e lá estava a mocinha, a Emanuelle, tirando fotos: ela já não representava mais nada, o Henri sorria para mim logo atrás. Era o último dia do congresso, e eu havia encontrado uma razão para viver: o Henri abria a porta do carro e comia meu cu várias vezes ao dia. Foi ele quem me chamou para morar junto, entre uns tapinhas na cara, na bunda, umas pegadas fortes, uns sarros e safanões, imprensadas, encoxadas fortes, puxão de cabelo, e uma delicadeza meio fria, meio empolada nessa coisa do lord... não sei, haviam ingredientes ali, eu acreditava que estava apaixonada, e ele me dizia que estava apaixonado, eu não sei, eu tinha que acreditar naquilo, porra, era a única coisa que eu tinha; era alguém pra me fuder, e no caso do Henri era o pacote completo. Em 3 dias eu havia me transformado numa dona de casa, ele tinha uma empregada mal encarada que não ia com a minha cara, mas lavava as minhas roupas. Entrei na vida daquele cara como quem vai ao cinema, parei de twittar, parei com o Facebook, só usava o meu iPhone para fazer ligações para ele e escutar música. Henri tinha uma loja de ferragens e material de construção, não sei direito, não entendo muito dessas coisas, tentei demonstrar interesse mas ele logo sacou que eu não me excitava com carriolas, bidês e tijolos. Ele pouco ficava na loja, tinha seus funcionários, havia um jovem rapaz que era assim um Apolo, mas não sei, eu nem tentei nada com ele, eu estava apaziguada, e com o cu em couve-flor. Tentava lembrar o nome da pomada para hemorróidas...

Eu

- Qual, Xiloproct?

- Claro, isso, sim, isso mesmo, eu sabia que você saberia me dizer. Eu na verdade havia me esquecido que você saberia me dizer. Mas enfim, não estava sangrando nada, era só por precaução, eu achava que uma hora a coisa ia gritar: não lembrava nem o nome e ainda que lembrasse, eu não acharia isso na França. Meu cu latejava e logo abandonamos a camisinha, ele até me comeu na loja, mas depois nos contentamos com a casa dele. Eu tinha um certo conforto lá, aquela empregada e ele tinha um bar incrível, tinha uma academia também, que ele nunca usava, via-se pelo seu físico depauperado. Uma noite eu pedi que me chupasse, e ele chupou meu cu, eu vim trazendo sua cabeça, pelos cabelos, em direção à minha buceta e ele disse que não, que não queria. Eu então peguei a mão dele e soquei, ele se levantou, interrompendo o fluxo: o cara não gostava de buceta. Senti que poderíamos ter problemas, mas ok, ele me enrabava com força, intercalando doçura, volúpia e porrada. Quando ele saía eu comia doces, tartes, tentava preencher o vazio com calorias: até então eu não via que estava indo de volta para o bueiro de sempre. Isolada ali não avisei ninguém, e minha agente me ligava com propostas de dinheiro, trabalho, consultorias, mas eu não precisava de dinheiro. Eu precisava do pau do Henri, de preferência na minha buceta que ele não queria. Ele veio então com uns consolos incríveis, pretos, vermelhos transparentes, e eu pedi que comprasse um chicote, pois queria bater nele. Passávamos os dias no quarto, e eu já não me importava com meu iPhone, eu não precisava mais daquilo: o social morria em mim a cada dia. Meu corpo tremia, em choque com essa nova fisiologia do gozo, eu só comia açúcar e álcool, praticamente. Uma noite cheiramos, ele esticou uma carreira no pau duro pra mim, e despejou pó no meu cu, ficou escarafunchando o nariz no meu rego. Eu estava feliz, mesmo ele não querendo minha vagina; ele me queria muito e eu queria ser querida, era isso. Partimos para as amarrações e eu me deixava ser imobilizada, ele me batia, me socava a pica e eu gozava muito. Quando o amarrei, fiz o que ele não fazia: enfiei seu pau na minha buceta e rebolei, fiz o meu melhor, foi um momento glorioso para mim, mas não pra ele, que estava visivelmente contrariado. Eu não tinha mais notícias do mundo, rompi completamente com a internet, os amigos, os contatos de trabalho, minha agente, tudo. Dois meses se passaram mas parecia que eu estava ali desde sempre. No dia seguinte ele me amarrou, e aí, essa parte eu não consigo contar, eu estou muito impactada ainda, mas enfim, ele colocou um lenço na minha boca e veio com uma luva cirúrgica: foi aí que rolou um fist fucking, e eu me horrorizei.

Ela chora e deixa o cigarro cair sobre meu tapete de pele branco, muito rápido pego o cigarro, dou um trago, ela se debulha, seguro suas mãos.

Eu

- Mas Sarah, se você não quisesse teria como evitar, ou não? Não dava para simplesmente trancar o cu?

Afasta os cabelos da cara molhada.

Ela

- É... meu cu estava tão laceado que não deu. Depois disso peguei minhas coisas e voltei para o Brasil. Cá estou. Estou bem, mas amanhã tenho uma consulta com a procto.

Eu

- A Maria?

- Sim, aliás ela mandou um beijo pra você.

Eu

- Que dia é hoje?

Ela

- 7 de janeiro. Eu já não te disse isso?

Eu precisava sair, precisava respirar com esse fist fucking da Sarah, logo ela que tanto diz da necessidade de se reganhar e se gaba de; fui para a sauna do clube. Só era sócio do clube do golfe por causa da sauna. Uma sauna hetero, diga-se de passagem, havia até uma observação sobre atos obscenos no regulamento, o que acarretaria na expulsão explícita do corpo de associados, podendo-se transferir o título para outrem desde que esse fosse aprovado pelo conselho. Eram exatamente esses velhos do conselho que gostavam de dar o cu na sauna, eles eram muito velhos, uma vez gozei nas costas (escoliose?) de um senhor de 85 anos, que demonstrou uma gratidão comovente. Eu nunca tomava atitude nenhuma, e

geralmente nesses dias em que eu estava afim de desanuviar, de deixar a dor ser levada pelo vapor e o cheiro enjoativo de eucalipto, zero de erotismo, a coisa costumava acontecer. O retrocheiro era de cloro, e isso me excitava independente do meu estado de espírito. Limpeza para talvez um zero de artifício das carnes e dos anos derretendo o tônus muscular e outras doenças degenerativas. As toalhas brancas eram de ótima qualidade, ou o mínimo para um limbo do inferno, coalhado de corpos encarquilhados que, envelhecidos, ainda queimavam com a impossibilidade de um tesão adolescente. Eu tinha 40 anos, e talvez me sentisse tão vulnerável quando pensava em sexo como quando dos 18; um corpo que já não acompanhava mais, em se tratando do mercado da carne fresca e rígida dos moçoilos. Ali eu era jovem, apesar de vezemquando um ou outro nadador aparecer: havia um que ficava de sunga o tempo todo, todo mundo nu e ele lá, o mais gostoso, ombros largos, um corpinho depilado, um belo nariz e todo o viço da pele jovem, do tônus dos músculos, tudo isso e mais um pouco, todo mundo fingindo que olhava para o vazio mas olhando para ele, imaginando porque ele era tão tímido, o que nos deixava mais excitados. Praticamente não havia conversa na sauna, o que acontecia no hall, onde haviam cadeiras reclináveis, serviam bebidas e podia-se fumar. Era dali que as vezes eu fazia minhas operações de home broker. Aqueles senhores respeitáveis, casados, alguns membros do conselho, bebendo e fumando e desfilando suas pelancas e falando de dinheiro; havia um golfista também, igualmente velho, bem aparentado apesar da pele arrebetada pelo sol, copo na mão. Falava-se sempre de dinheiro, e embora eu também gostasse de dinheiro, era mais o que o dinheiro podia fazer pelo meu sex appeal que a coisa em si. Se não havia a beleza e a juventude, o dinheiro estava ali como afrodisíaco, se bem que entre eles nada acontecia, afinal faltavam jovens, e todos os endinheirados queriam jovens. Era o lugar onde definitivamente eu não pensaria no amor, o que eu precisava, não pensar no amor: os anos esmagando um rememorar de tanto amor buscado, aventurado no sexo consentido de todos nós, para chegar afinal à cumplicidade entre os homens em seus roupões brancos.

Ari tinha 69 e pintava o cabelo, uma técnica de luzes invertidas de um salão tal, a ideia fora de sua esposa. Otaviano tinha 75 e um vigor inexplicável, esmurrava as cadeiras determinado, reclamando da recente proibição do cigarro na sauna. A pele conspurcada num vermelho-pitiríase, usava um roupão atoalhado aberto. Ele quis

me pagar uma vez, mas isso é... Eu não havia parado para pensar, enfim, eu não dera chance àquilo que parecia poder dar algum sentido, porque era muito mais cômodo estar na vida cínica e estupidamente, surfando no capitalismo e no trabalho social que desenvolvo aqui, com Ari, Otaviano, esse um que se deixava impactar com nossos encontros; eu gostava do efeito que causava nele, e apesar do desprezo por aquele corpo encarquilhado, ele via no meu corpo em vias de encarquilhamento uma chama de juventude, que eu mesmo não via; eu usava o roupão de algodão egípcio de 1200 fios que trazia de casa, e sabia quando era a hora de engolir meu comprimido mágico, para então encenar o esquematismo de sempre. Meu pau ficava duro, no nosso lugar, ou seja, o lugar que os membros do conselho frequentavam, bem ali atrás no vestiário, nos armários do fundo, onde havia uma parede providencial para a privacidade do basfond (certamente ideia deliberada pelo conselho com intenções de facilitar a penetração no recinto). O de 85 anos curava seu bico de papagaio com um jato de porra, eu me sentia útil em ajudar o Isidoro.

Os últimos dias não corriam, passado viscoso e um presente ausente, com a pressão da futurologia e dos rumores de fan boys da Apple: o mundo aguardava ansioso o lançamento de um equipamento revolucionário da maçã, que dizia-se, seria capaz de facilitar a comunicação entre as pessoas. O tempo permanecia mais, e onde quer que estivesse eu não estava; inventava mundos longe demais, muros, e a realidade tamanha se refastelando na mais real das imposições. Sobrevivendo do _____ e passando na cara o creme do fundo do poço. Proibido fumar na sauna do golfe, mas antes eu me censurava por acender mais um cigarro, pigarreando eucalipto, carcomido no álcool e nos suplementos: de nada serviram as vitaminas, os treinos, a musculação, as caminhadas, as massagens, até porque haviam o álcool, o cigarro, as drogas, a poluição, a frustração e a terapia.

Ali as coisas funcionavam, eles tinham todo o aparato, gel, camisinha, e não podiam tomar viagra por causa do coração, na faixa etária deles nem viagra. Dar o cu era o mecanismo de subjetivação daqueles que ainda não estavam mortos, era o possível: o que mais depois dos 70, de ter conquistado o que o script social determina, que emoções a vida poderia lhes proporcionar? O cu, sempre. Havia uma espécie de acordo tácito, eu bem desconfiava que todos eles sabiam e trocavam figurinhas e que havia uma marcação do tipo “hoje é a minha vez, amanhã a do fulano, depois

sicrano”. Otaviano era sempre o mais animado e disposto, não havia um vez que ele não fizesse uma proposta para algo fora dali, motel, restaurante, ah me poupe! Era muito claro, assim como a interpretação dos cadernos de economia e as dedadas no meu iPhone jogando no mercado de ações: o que acontecia ali tratava apenas da rentabilização do nosso capital erótico. Cada um entrava com o que tinha, e o que eles tinham era o cu.

O que poderia haver de errado com o fist fucking francês de Sarah, com todo aquele drama, sua apologia da liberdade sexual, dos prazeres do gozar, seu trabalho sugerindo o sexo nas corporações como política de RH, o gozar a serviço do capitalismo, seu silicone, seu corpinho? Estar no mercado da carne sem se sujeitar, a essa altura? Me aterrorizava esse romantismo fora de hora de Sarah, gostaria de acreditar que tudo não passava de uma coceira no pau, que dá as vezes; cada um fazendo o que pode, coçando com a mão, comendo quem aparecer, comendo a mulherzinha, chifrando, dando o cu – pelo menos ali na sauna do clube de golfe. Se é que se pode fugir disso. Ali sempre se podia protelar isso tudo em prol de uma prática que instaurava a paz, o bem comum; eles, os velhos, me amavam como podiam, não que eu precisasse disso, não que eu esperasse isso deles; falávamos sobre economia enquanto bebericávamos um scotch. Eu acendia um cigarro pois o fulano, o revoltado com a recente proibição, acende um. Os membros do conselho não falavam nada, continuavam nos contando sobre suas maravilhosas vidas, o dinheiro que acumularam, suas esposas vivas ou mortas, netos bisnetos e tataranetos, o tesão da situação, do lugar, dos encontros, latente como um abajur que apenas permanecia apagado num canto. Para quebrar um pouco o clima eu contava alguma novidade sobre Tiger Woods, o golfista campeão, eles adoravam e me faziam muitas perguntas, era quando eu colhia informações valiosas sobre a bolsa para o meu ganha-pão de home broker. Não me julgavam por ser mais um urubu do mercado financeiro, reconheciam o negrume das minhas em suas asas, afinal a especulação sempre fora o que pagava as contas. Alguns deles realmente trabalharam, hoje quase todos na sua totalidade aposentados, sentados sobre tudo que construíram; haviam os que nasceram em berço de ouro e há gerações tudo era assim: e, enfim, eu gostava dos que desprezavam o trabalho. Dar o cu na sauna era-lhes o deleite desse fogo que não se apagava com os anos, era o amor possível, onde eles se despiam num zero de artifício, chegavam a um despojamento da

persona, onde finalmente estavam a vontade, e era assim que devia ser, a vida. Todo mundo precisava de uma desculpa, uma muleta, um pretexto, e ali o golfe fazia serviço: eu andava pelo gramado, mas nunca quis jogar esse jogo com eles.

Nos olhos deles, o amor só complicara tudo desde sempre. A sensação nunca durava muito quando eu ia embora, mas por alguns instantes, logo depois da penetração, no arfar acalorado de gemidos contidos e abafados, parecia que algum tipo de comunicação havia acontecido, ainda que não tivéssemos dito palavra, ainda que as proibições do conselho, ainda que o toque posterior a esse segundo causasse nojo e repulsa. O reconhecimento no outro de que estávamos todos condenados, e que o desejo só se tornava claro quando o objeto de desejo nos era inacessível: nada era, nunca era, não havia tacada perfeita, para todo sempre um nunca ecoando...

Voltei do banheiro pois não havia escapatória, eu estava paralisado, a música era algum clichê de 68, perpendicularmente à passagem o sofá dos heteros comendo as gostosas com os olhos, coçando a barriga e tomando cerveja. Elas passavam gloss na pista e dançam até o chão, até o chão, até o chão! Me sentei de frente, ele estava de frente, um longo tempo desde que fui ao banheiro, e eu precisava de um fio da meada para essa volta depois dos comerciais. Tremores e uma cólica que me tiravam dali, devia ser o álcool. Perguntei como ele largou o cigarro. Ele precisava falar e falava sobre qualquer coisa que eu perguntasse, só fui perceber isso 14 minutos depois. Falava sem que eu perguntasse tudo o que eu queria saber sobre ele, mudei para o mesmo sofá que ele, sentei ao seu lado, e havia um langor, íamos afundando no sofá, começávamos a nos abraçar pouco a pouco. Bêbado de autoconfiança passei o braço sobre seus ombros, ao que ele retribuiu. Dali víamos a dimensão do lugar onde estávamos, a festa e as pessoas que queriam festejar, festejar o quê, desde quando há algo para festejar? - ele me perguntou. Eu olhava diretamente para sua boca e entrava dentro dela, eu percorria mundos dentro de suas veias e espremia células, chegava aos nucléolos do seu ser, devia ser a cólica, devia ser o que, afinal? Seus lindos lábios, um tanto esturricados, se mexiam para

mim, se aproximando. Aquela proximidade me aterrava num estilhaçar de todas as convicções sobre todos os assuntos e posições. Uma fome nos olhos e algo de um matar ou morrer, ah Marcelo chegando cada vez mais perto e seus dedos pousando no meu braço, a brasa do meu cigarro apontando e se equilibrando, aumentando mais e mais. Uma hecatombe estomacal, como se Chernobyl se atualizasse na minha barriga: era isso o amor?

Estávamos de fato indo para um lugar impossível, e num salto o abracei, o apertei em meus braços querendo espremê-lo, amalgamando o sumo, uma ameaça de instante de eternidade; pensei comigo nessa hora “em 30 anos me lembrarei desse instante estando velho-impotente-olhando-para-o-mar-e-só”. Mas ali, minhas mãos sentindo o diâmetro de seus braços, sua pele eletrizando isso do que precisava ser aterrado: nos soltamos ele estava constrangido, baixou os olhos docemente e recuou uns 20 centímetros. Decidi ir ao banheiro.

No longo caminho de dez metros eu sentia plenamente os efeitos do álcool, e meu estômago tornava cada passo uma jornada, a dor de barriga do amor; um da turma dos sei-lá querendo comer alguma das minas que insistiam me ofereceu uma carreira, recusei. Uma delas me puxou para dançar, e por 30 segundos eu achei que ia morrer, que se iniciaria uma lobotomia automática, que eu perderia todos os backups, que eu me despersonificaria inevitavelmente, que aquele eu se reduziria a pó, tendo ainda que dançar e cantar o refrão de Malibu do Hole, com a força de Courtney Love.

O banheiro depois do som da porta sendo chaveada era a certeza de que o tempo então pararia; agora ali quando um portal se abria para a coisa-amor, que castigava meu intestino. Sem papel higiênico, o banheiro estava uma zona com cheiro de baunilha, estiquei o braço e abri o armário debaixo da pia, haviam rolos de papel ali. Talvez vomitar, mas preferi tomar água da torneira. Lavei o rosto e não conseguia olhar para a cara no espelho, sequei as mãos e sentei à beira da banheira, era preciso fazer alguma coisa; acendi um cigarro que é o que sempre faço quando não sei o que fazer - era ele e seu corpo e uma luz que me cegava, que descascava defesas, o cinismo escudo. Cagar seria mais fácil, mas a dor não era disso.

Talvez ali eu já soubesse que ele não, ele não me queria; que apesar de todo aquele dilatar de pupila dele e minha, aquela energia imantada que nos atraía, que havia

desde já ou desde a cena na janela da sala, procurando um cinzeiro, quando achei seus olhos, quando se deu o dilatar recíproco: um olhar que dizia que ele não me amaria jamais. Exatamente o que me atraía no amor, a possibilidade de negá-lo, o que atraía a todos que reboavam seus corpos e entornavam garrafas na sala, exibindo um ecletismo musical que, de Xuxa a Stones, agora descambava no funk. Afinal o que nos mantinha vivos era esse sonho roto, por mais que esperneássemos, e eu esperneava, eu ficava puto com Sarah por causa da insistência dela, isso de dizer sim para os instintos; não, era mais que isso. Eu tinha fases, havia o trabalho social na sauna do clube do golfe, houveram outras épocas de inverdades encenadas como uma causa, fosse a cocaína, fossem os michês da classe C, fossem os adolescentes da Augusta; se o amor fosse uma nova fase, que fosse, que medo, que fossa! – pra que isso agora, já não há tanto a representar? Era ou não representação? Se não houvesse alguém batendo desesperadamente na porta, se falar de amor, ou amar, fosse um pouco mais de possível, se o possível estivesse posto de forma incontestável desde sempre, se aquela dor de barriga não fosse tão pungente, se eu não tivesse que encarar isso de frente, se eu não pudesse ir embora pela porta da cozinha, a la française.

Fulana precisava retocar a maquiagem e o mundo tinha que rodar e eu não conseguia ficar em pé direito e eu não tinha nada a perder com o meu desespero. Ou tinha? Quem ali naquela sala tinha algo a perder? As que cantavam os refrões num inglês embromation, uma delas usando um tomara-que-caia quase caído, outra tentando ressuscitar um zippo sem fluído para acender o cigarro amassado, em unísono aproximavam suas cabeças e chegavam a fechar os olhos enquanto reboavam; os rapazes já de pé, alguns mexendo o pé ao ritmo da música, se pavoneando entre um tirinho de cocaine e outro gole, uma coçada no saco, um tornar-se mais ereto; todos entorpecidos, e?

Marcelo brilhava no sofá e conversava com uma que eu não conhecia, olho para um abismo, ele me olha e vira o rosto. Vou até a cozinha tomar um copo d'água, encontro uma discussão sobre os rumores do mundo Apple, falo sobre os novos processadores e os benchmarks, criando um plano / matando o tempo / arquitetando a fuga: a chave da porta está na porta, eu tenho que ir embora, e invento uma história para mim, um curta metragem mais real que aquele papo onde me esbarro com Marcelo oito anos atrás no banheiro do show do Belle & Sebastian, onde nos

olharíamos e reconheceríamos e protelaríamos para um-dia-quem-sabe aquela coisa que eu não sabia nem queria explicar, que ele não sabia explicar; eu queria fugir, deitar com Mike18 na lisura dos lençóis de algodão egípcio, a pele carcomida dos “rapazes” da sauna, a beleza à espreita paralisando e referendando toda a métrica, o design, as equações de perfeição, do idealizado já desnaturalizado de tanta idealização. São alguns passos, eu posso, estico os olhos e lá ele me olha, me chama com um aceno e fecha a mão em concha junto a si, aproximando-a de seu corpo. Sorri, e retribuo um riso sem dentes. Vou e é nessa hora que me lembro mais uma vez de um filme que esqueci o nome, todos os filmes passam em mim, todos os últimos capítulos de novela em slow motion, como se fosse à força.

Pra que pernas se ainda bate um coração, um coração carcomido, negligenciado, como ser inocente numa hora dessas, como conquistar alguma consistência, como fechar os olhos à beira do abismo? É o medo antes de qualquer coisa, o vertiginoso desse inequívoco lançar-se. O amor que não era e o era.

O zero de artifício naquele dia 7 talvez fosse um ocaso de palavras, o silêncio; ou surfar no clichê radicalizando nas imagens de felicidade, impingidos desde sempre. Um silêncio incessante que não sacia, um caminhão que passa para sempre, e nem os rouxinóis poderiam fazer algo. Não há rouxinóis na Augusta, enquanto vou descendo para tomar um sorvete. Há dezessete ligações não atendidas de Sarah, vejo boquinhas falando, ela me contando dos arroubos e roubadas de sempre, que se repetem ad aeternum, mas em nome de uma superfície, da última moda e desse blablá de nobreza que ela chama de uma implicação (eu chamo de decadência), pelo inevitável da finitude, pelos anos a nos carcomer e aqueles nossos 25 anos (juntos?) culminando nesse ataque.

ESTOU MORTO DESCENDO A AUGUSTA ao levantar da cama ao fazer regime ao me masturbar com mike18 ao ter negado tudo e todos. Me resta negar Sarah, me

resta negar definitivamente qualquer esperança e qualquer esforço que demande certa capacidade social que não tenho, não quero e não consigo. Ter desistido do telefone fixo foi uma vitória recente, sempre mudando de e-mail como que fazendo uma plástica. As redes sociais me enjoam mas o mundo se diz nessa subjetividade Facebook, veja como somos felizes, interessantes, informados, saudáveis, sociáveis, como nossos filhos são bonitos, nossas férias não óbvias, nossas lembranças que continuam frescas e nosso passado que deve ser nutrido em nome de. Não, eu já não sucumbia aos botões de share dos aplicativos. Compartilhar o quê, para quem, a quem interessa?

Não foi por isso que me ausentei das redes sociais ou de qualquer borogodó social. Na rua, andando a pé, aquela sensação de que a qualquer momento poderiam me encher de porrada, me acusariam de alguma coisa, me enquadrariam, prenderiam, julgariam, me açoitariam ou me conscientizariam da minha insignificância. Por trás das lentes escuras olho tudo avidamente, não é propriamente uma fome do mundo, é mais um alerta constante, um estresse despropositado. Invejo e odeio os incautos, esses que vivem a vida saboreando e aqueles que riem e vêem poesia nas banalidades, no corriqueiro. Não acredito no riso e nos que flanam e devo dizer que sinto inveja.

Meu pau ainda está duro e é bem efeito do remédio, nada mais: o que realmente me atraía no Viagra era a possibilidade de enfarto, mas eu ainda não havia chegado lá. O pau bem escondido na cueca, de modo a não denotar nenhum volume, para não atrair olhares: aquilo doía, e o que era para ser capital erótico era somente uma dor.

Quando isso começou já não me lembro bem, isso que poderia ser descrito tecnicamente como disfunção erétil: digo tecnicamente porque não se tratava de uma questão fisiológica, pelo menos na maior parte do tempo eu acreditava que não, quando acordava de pau duro depois de um sonho onde havia ainda um mínimo de possível: ao despertar, a realidade acabava com qualquer ereção. Poluição noturna aos 40 não é lá algo muito confortável... No começo achei que pudesse ser um problema físico, há todo um mercado para isso, de spams a revistas especializadas: demorou para que a ficha caísse, não sem antes eu ter me desesperado. A verdade é que sempre, desde sempre, poderia dizer que nunca cheguei lá em se tratando de sexo: entre o desejado e o possível haviam milhas e milhas, sendo o desejado isso que me era negado, aquele que eu nunca encontrei, e

outros poucos que poderiam ser contados com os dedos das mãos. Ter 40 anos e um pau mole, é, deveria afligir um homem, deveria lhe dar a sensação de que estava reduzido a nada, privado de prazer, ok, há sempre o cu e arredores, mas não era por aí. Eu havia me acostumado com aquilo, havia me libertado de certas pressões que antes me colocavam num estado de inadequação involuntária; já não mais o medo do outro, já não mais nada do outro, o outro era de outra galáxia. Sem ninguém pra dizer quem eu era, eu poderia de fato habitar outra galáxia mais confortavelmente.

Era um dia atípico e eu não gostava nada disso. Não era só a lombrada do Viagra e seu inesperado efeito prolongado: nada demais havia acontecido na sauna do clube de golfe, e eu nunca pensava muito naquilo, não era do elaborar, não havia essa preocupação toda de querer entender, não havia desejo, apesar do sexo - eu bem sabia que esse esquema já não mais por muito tempo. Capital erótico, era por isso que eu? Para capitalizar em cima de quem, se não havia ninguém, se eu estava definitivamente sozinho?

O telefone tocava insistentemente e eu optei pelo modo silencioso, o que não deixava de ser uma metáfora para a minha vida. Andar na rua sozinho não era das sensações mais agradáveis, eu poderia encontrar algum conhecido, e isso me aterrorizava. Não me referia a amigos, consegui me livrar decepcionando-os pouco a pouco: quem me chamava era Sarah, como o último dos moicanos, e eu precisava fugir dela. Eu precisava fugir das minhas coisas, de mim mesmo, quisera me refugiar longe de tudo aquilo, o amontoado de lembranças que meu apartamento evocava, memórias de dias tristes quando eu ainda esperava por alguma coisa como a felicidade. Talvez Sarah estivesse também decepcionada porque eu não quisera manter uma conversa, apesar de ter ouvido suas lamúrias, sempre o mesmo papo sobre sexo e vida, o quanto para ela tudo isso se imbricava, o quanto ela tinha coragem de se lançar nesse mundo em busca do prazer, claro, aí não entrava a fuga do fist fucking.

O que tanto ela queria falar comigo eu bem sabia: mais do mesmo sobre seu incontestável farejar sexual, seus avanços, seus momentos tórridos, suas descrições redundantes e canhestras de genitálias e desesperos eróticos. E do quanto ela era boa e estava bem e gostosa e feliz mesmo que o contrário estivesse transcrito em sua pele, mesmo que os gatos de rua soubessem de tudo. A pose. Nem sempre foi

assim, nem sempre me enojei com tais descrições, um dia gostara de ouvi-la e ria desbragadamente até, durante muito tempo tivera uma curiosidade legítima por Sarah e suas aventuras, suas conquistas, me espelhava um pouco na sua loucura, gostava dos pormenores, de como ela era perversa, como ela queria abraçar e engolir o mundo. Não nos víamos há um bom tempo, era fato, nada de significativo acontecera para que eu deixasse de apreciar nossos momentos juntos, nenhum fato excepcional em minha vida: eu apenas me cansara de toda aquela baboseira, aquele pavoneamento performático pelo qual um dia eu me apaixonara. Não, Sarah não resistiu ao tempo, eu bem sabia que ela se sentia especial por ainda resistir perante tantas relações que abandonei, mas quem me abandonava era ela; voltava, isso era verdade, mas eu não estava mais lá, eu não estava mais em lugar nenhum.

Há algo terrível na Augusta durante o dia, vê-se a precariedade dos bares e puteiros estilizados mais claramente, o trânsito praticamente parado, carros buzinando e o excesso de decibéis se misturando ao tecnobrega de radiolas, sirenes policiais, pessoas. Nunca fui feliz na Augusta, mas dessa cidade era o que mais me fazia sentir pertencer a um lugar: depois de tanto tempo sem pisar ali, eu ia percebendo, passo a passo, que aquelas ruas outrora desbravadas também haviam sido perdidas dentro de mim. E então um hotel, um hotel grande até, 3 estrelas, foi o que me fez retomar à realidade: eu já havia andado mais do que deveria, eu estava andando rumo à minha casa, mas já havia desviado do caminho, já passara e muito da rua em que precisava virar. Olhei o meu celular, 32 chamadas não atendidas, 17 mensagens de texto. Sarah.

Decidi entrar no hotel, era ali que eu deveria me esconder, apesar de não ter na bagagem roupa apropriada para um safári. Não havia quase nada na minha sacola, um roupão de banho que não serviria para muito alguns remédios, alguns cosméticos, documentos, cartões de crédito: no saguão titubeei entre os espelhos, espalhados pelos quatro cantos, redimensionando minha imagem e projetando meu combalido corpo e minha cara plácida e bovina num eterno multiplicador. Uma cara que eu não queria ver, medo da medusa, uma cara que precisava ser esquecida para que a vida pudesse continuar. Me sentei numa das poltronas Luis XV, havia um clima decadente, anacrônico, um glamour passado evocando que ali houveram dias melhores; eu me reconfortava de algum modo, entre a excitação e o medo. Sobre a mesinha, jornais do dia com as páginas em desalinho, eu não lia jornais há um bom

tempo e nem me interessava pelo que estava acontecendo no mundo, guerras e corrupções e a inércia da ciência em nada me estimulavam, muito menos os viciados e óbvios segundos cadernos com suas estrelas e listas de programas culturais imperdíveis. Achei de bom tom pegar um jornal, tirei o celular do bolso, tocava no silencioso, e era assim que eu me sentia, tocando no silencioso. Aquele hotel seria meu refúgio, arquitetei em 20 segundos: eu me esconderia de Sarah, pelo menos por aquela noite, eu abandonaria minha própria casa, abandonaria meus cacarecos inúteis à sorte de Sarah. Era só me dirigir ao balcão e fazer o check-in, Visa ou Amex? Algo me impedia, e aquela imobilidade, aqueles espelhos acabavam com qualquer resquício de certeza, por mais que as coisas já estivessem devidamente esquadrihadas. Eu teria feito uma cabana com todo aquele jornal, mas isso decerto chamaria mais atenção, e o que eu mais queria era estar invisível. Fingia ler enquanto me olhava no espelho, não conseguia resistir por mais que aquela visão me causasse estranheza, ou talvez, pânico: quem era aquele, afinal?

Um rosto reconhecível de cujos olhos jorravam um novo tom, e não digo de luz, nem de sombras, nem de olheiras nem de esperanças: eram olhos que não olhavam para mais nada que não para si. Eram olhos que encontravam um aguardado repouso.

Fui então bruscamente interrompido da minha falsa leitura,

- Marcelo?

Um rosto novo à minha frente, em dois segundos eu já me dizia que sim, era um belo espécime, havia uma proporção rara entre o tamanho de suas mãos e de sua cabeça, os ombros pequenos carregando o mundo nas costas, eu gostava daquilo. Havia um crachá no seu pescoço, não consegui ler, estava sem óculos; uma máquina fotográfica em suas mãos, uma mochila nas costas. O rosto evocava certa inocência ou despreparo, um rosto jovem que se mantinha incauto a duras penas, sugerindo enredos novos, sinopses de um certo romantismo datado. Estranho que soubesse meu nome, eu não me esqueceria daquele rosto: ficamos nos olhando, enquanto eu desastradamente dobrava o jornal sem me importar com o resultado final.

Ele

- Parece que o seu celular está tocando, você o deixou no silencioso?

Meu iPhone repousava na poltrona bem ao meu lado, tela acesa, era Sarah me chamando.

Eu

- É, estou tentando não atender.

Meu riso hipócrita e constrangido, ele pareceu gostar disso e esboçou uma gargalhada. Me olhava de um jeito humano e isso começou a me atingir, como se camadas de dureza se dissipassem entre minha pele e meu coração de madeira. Eu deveria ser divertido? Incisivo? Direto? Comecei a ficar constrangido, ou talvez o constrangimento apenas tenha sido elevado a um ponto mais incômodo daquele de toda situação social: estava em desvantagem com meu interlocutor, ele parecia saber quem eu era, o que permitia que me fizesse perguntas.

- Que bom te encontrar. O que faz aqui?

O que eu poderia estar fazendo num hotel, caçando orangotangos?

Eu

- É, estou pensando em passar uma noite aqui, sabe como é...

- Não, não sei como é.

Ele ria, e seu sorriso me invadia como um raio de sol das 17h45, não haviam palavras em mim, eu nada queria dizer, afinal o que era aquilo? Pensava que se ele me abraçasse, se ele então me tomasse nos braços sem nada dizer, ou se eu o abraçasse, ele se deixaria tocar? Havia a certeza de que aquele corpo se encaixaria no meu sem que fosse preciso se esticar ou dobrar os joelhos, e meus braços naturalmente passariam sob suas axilas e eu repousaria as mãos no seu pescoço, afagando seus cabelos com as pontas dos dedos, enquanto ele respiraria sobre meu ombro e nossos peitos se comprimiriam arrefecendo toda aquela merda de dia, de ano, de vida. E nada mais então haveria se esse momento se prolongasse, se nós não precisássemos dizer nada nem sobre quem éramos ou o que fazíamos de nossas vidas: sem artifícios, um zero de artifício, sem delongas nem demoras nem grandes explicações; sem bibliografias, citações e arrependimentos. Aquela presença criava uma imagem tão ou mais forte que a sua realidade, e essa cena era pouco a pouco sobreposta àquele sorriso, tornando a realidade turva e indistinguível. Se eu pudesse então apreender aquela cena, se fosse possível chegar àquele nada, àquele esvaziamento-preenchimento contínuo, se aquilo fosse a realidade real e palpável, e o braço que abraça fosse um braço de verdade, o dele, o meu, aí então

talvez quem sabe se anunciasse uma ereção não química, num corpo sem pênis órgãos identidades. Eu podia sentir lampejos lancinantes no pau, ainda sob o efeito do Viagra, mas era algo diferente, era...

Ele

- Marcelo, o que há, não está se lembrando de mim?

Comprimi os lábios num riso tímido e arfei, dando a entender que aquilo me deixava sem graça, e que eu estava admitindo que... Ele sorriu, ele sorria e tinha um brilho nos olhos de quem quer olhar o outro por dentro: eu não precisava saber quem ele era, só precisava que ele ficasse ali comigo para sempre naquele saguão, tendo nossas imagens multiplicadas por espelhos desgastados e carcomidos, iluminados por lâmpadas empoeiradas.

- A festa na casa da... como era o nome dela mesmo?

Foi então que veio aquele terremoto de recuerdos, culpas, cus cagados e mal pagos; era ele, o Messias de ontem ou antes de ontem ou antes de antes de ontem que pudera ser minha salvação, meu regresso para o mundo dos vivos, mas não fora.

Ele

- Eu não pensei que você fosse se esquecer da minha cara, dizia rindo com certo tom provocativo. Ainda mais depois de tudo que você me falou.

Demorei um pouco, ele estava no comando da situação, e eu não queria usar clichês como “eu estava bêbado” ou qualquer coisa ligada a drogas / álcool.

Eu

-Eu também pensei que jamais fosse me esquecer da sua cara, Marcelo.

Um silêncio. Ele olhou para os próprios pés e eu não sabia onde colocar as mãos, tudo então me pareceu ridículo e improvável, Marcelo e Marcelo naquele hotel onde eu não estava hospedado. A porta dava para a rua e amplificava o barulho dos automóveis, um segurança começou a bater boca com um mendigo dizendo que era para ele circular, ali não! Os gritos do homem nos tiravam de nossa introspecção, mas não nos sugeriam nada.

Dissemos ao mesmo tempo

Ele

- Então...

Eu

- Éééé...

Rimos. O riso dele era cristalino e um tanto quanto constrangido, o meu era falso, tenso e ensaiado.

Ele

- E se nós fossemos fumar um cigarro ali na calçada?

Havia um delay incômodo nas respostas, eu não queria esse efeito, estava amplificando minha incapacidade de lidar com a situação involuntariamente, na busca por melhores respostas ou por me safar daquela situação. O telefone piscando, aceso, e

Ele

- Você não vai atender?

Eu não queria, mas era melhor do que ficar ali plantado, sem conseguir falar nada. Era Sarah, e quem mais?

- Alô?

(Onde você se meteu, Marcelo, o que está acontecendo? Você está louco? O que eu fiz pra você? Estou preocupada, estou mal pra caralho, a gente precisa se encontrar agora, eu...)

- Posso te ligar mais tarde? Agora não posso falar.

(Me liga, mas vou te esperar no bar de ontem, estarei lá depois das nove.)

Desligou. Nem pude dizer que, enfim. Será que essa mania de enfim também havia me fisgado? Eu poderia olhar para Marcelo e dizer “enfim”, como quem dissesse “olha, faz de conta que a gente nunca se viu, que nada aconteceu, que eu não fui ingênuo ou romântico ou idiota demais, ou que você não tenha sido algum adjetivo que faça meu ego se recompor com maior propriedade de cicatrização, enfim, a porta é ali, enfim, adeus, enfim, eu não me lembro de nada”.

Ele

- Você está bem?
- Sim.
- Mas você está tremendo...
- Não tô não, é impressão sua.

Como se o mais gélido dos sopros do inverno da Islândia me atingisse, um minuano sentimental de Porto Alegre no Rio Grande do Sul, o frio cortante de um desespero distante se fazendo presente, estalando os ossos, eu tinha que me recompor, fazia 32 graus lá fora, e um segundo daquilo parecia ter a duração de um verão; se era frio ou desespero o que me impedia qualquer movimento, e aquele corpo vindo em minha direção para que eu pulasse para o lado ou não, eu não conseguia, eu perdia a respiração; um sufoco de imagens de beijos de novela e finais felizes estranhos e surreais, numa caótica edição rápida e sincopada; as pernas que não obedeciam e a cabeça que não conseguia dar ordens a esse corpo pré-julgado em limbos nefastos, coalhados por algozes; o corpo aquele do algoz que vinha e que não, ele... Ele me abraçou, e então eu percebi que estava mesmo tremendo, o efeito do Viagra passou de vez quando senti que não tocava mais os pés no chão.

Ele

- Opa!

E me segurou com força para que eu não caísse, e por mais que fosse perfeito, por mais que eu sentisse que a morte me mostrava sua cara rindo e anunciando sua ajuda, que eu quisesse ser levado naquele momento, feliz, radiante, e meus olhos se fechassem para uma ausência de qualquer imagem, tudo branco e límpido e silencioso e puro e verdadeiro, e um arrepio sincero e fora de hora, e ele me apertava querendo conter a tremedeira, e tudo isso durasse 6 eternos segundos, e eu me soltasse como que à revelia, recobrando as forças tiradas do fundo do fígado, e

Eu

- E-estou bem. Preciso ir ao ba-banheiro. Você pode me esperar aqui? Aí a gente fuma aquele cigarro.

Não olhei para a cara dele. Mas ele disse que sim, que me esperaria. Fui até o balcão e disse que queria ir ao banheiro, eles disseram que eu não era um hóspede;

disse que queria me registrar, saquei meu Amex e aquela burocracia idiota foi me trazendo de volta à vida, essa meleca morna a que chamamos de estado de normalidade. Nome, RG, preferência por que tipo de quarto? Eu ia mijar nas calças, e minha barriga doía e eu disse mais uma vez que precisava ir ao banheiro, queria um andar alto, um quarto bem confortável, o que houvesse de melhor: o moço queria que eu fosse ao banheiro do meu quarto no vigésimo primeiro andar, ah que dificuldade, eu não tinha tempo para isso, não lembro bem o que falei, só que deixei os documentos ali enquanto um rapazinho que devia ser o concierge me conduziu ao banheiro que ficava no primeiro andar e devia ser o banheiro dos funcionários. Urros de dor sobre a placidez, o que antes eu pensava que era medo: fechei a porta do quadrado e me encostei na parede, aquilo que eu queria esquecer se materializou.

Encorajados no álcool, aos corpos que preenchiam a sala e a meu próprio corpo injetado de vinho restavam algumas horas antes que o dia nascesse, antes que os menos preparados se contentassem com a embriaguez e àqueles que se contentavam com pouco, o engano mais uma vez. Os casais casados se separaram e arrumaram outros objetos de desejo, conversinhas fúteis pululavam e todos falavam um pouco alto demais; os que não tinham o que falar dançavam, até o chão, até o chão, agora os homens também reboavam e as mulheres aplaudiam, como numa viral e contemporânea dança do acasalamento. Logo o vi ali, no sofá com aquele sorriso infantilizado que lhe conferia alguma credulidade, havia uma mulher com ele, e conforme fui me aproximando ela o deixou.

Ele

- Você demorou, eu já estava preocupado.

Não havia o que responder, tudo aquilo era de uma perda de tempo que me atiçava ainda mais, floreios, preâmbulos, barrocos e enfeites detalhados que só aumentavam a urgência nossa. O nossa era por minha conta, porque eu queria acreditar que ele também, que dessa vez tudo seria diferente, e que nós estávamos indo para algum lugar, juntos. Longe.

Eu

- Onde fica a saída?

- Você quer ir embora?

- A gente podia ir para algum lugar, outro lugar...

Ele ria timidamente e passava as mãos nos cabelos e levantava as sobrancelhas, consternado, fazia bico, e ria de novo. Coragem, atitude, baboseiras da revista Nova, de todo tipo de autoajuda e terapias fracassadas, era no que eu pensava. E aproveitei para então dizer aquilo que eu queria ouvir dele, naquele torpor ele era eu, um Marcelo menos carcomido, mais jovem, mais encantado, mais viável; clichês de todas as espécies louvando a beleza, a doçura, era disso que se tratava afinal, não, basta de contemporaneidade, aquilo tinha que sair, aquilo era sincero, eram frases feitas mas que aplicavam perfeitamente à situação, era a mais pura verdade, era o último gesto de desespero e de dignidade se é que isso existia mesmo, se é que Deus existia mesmo, eu que sempre o xinguei e o mandei pra puta que o pariu, aquela tal Maria (não, isso é Jesus, mas é tudo igual); era do jeito que tinha que ser, era pra deixar bem claro, uma cerimônia de adeus à solidão, e

Ele

- Veja...

E eu passei meus braços por trás dos seus ombros, não muito sutilmente, pensei dois segundos depois, mas que bom; eu queria abraçá-lo, queria que ele me abraçasse, queria que isso ficasse claro, que ali a única coisa que poderíamos fazer, antes de nos lançarmos a um palavrório sem efeitos, seria um abraço silencioso e cúmplice, redundante e reducionista da certeza do nosso encontro. Eu não contara que me cortava de dor no ventre e junto com a pilha de papel higiênico que encontrei escondida no banheiro havia uma certa carga de coragem, ou um certo tipo de otimismo com o qual nunca tive intimidade, mas que me enchia de esperança, e dizia sussurrando em meu ouvido que a espera se fora, já era; o agora, ah, olhe, olhe bem no fundo dos olhos dele, cadê a coragem? Olhe, segure essas mãos que você tanto queria tocar, elas estão aí, são só 39 centímetros que separam as suas das dele.

E então por um fração de segundo eu cheguei a pensar que, se ele realmente me quisesse, se aquele encontro lhe sugerisse um mínimo de mágica, ele já teria feito alguma coisa. Imóvel, parado e quase congelado em um certo constrangimento, Marcelo me dizia

- Marcelo...

Eu

- Marcelo...

Não éramos iguais nem complementares, era algo de irracional e quem o anunciava era o meu pau, e nada de canto gregoriano nessa hora, aleluia o caralho: se eu estava vivo quem cantava era Thom Yorke, e ele sabia a letra de cor. So many lies, ele me abraçava, take me in your arms. Ele me abraçava com força e pressionava minhas costas, suas mãos faziam um oito que em nada se pareciam com o infinito, e era aquele o estado clichê que eu pretendia chegar, era aquela a seara do conforto de tanto desconforto ao longo desses 40 anos mal vividos, um infinito alquebrado e torto, que podia ser confundido com “que seja eterno enquanto dure”.

Genet a porra, Bukowski Deus me livre, Mishima not, Lars von Trier vai se foder, essa gente mal amada: era Shakespeare e Gilberto Braga, era a Meg Ryan quem abria as portas para o nosso amor, era uma cantora brega que cantava algo que rimava amor com flor num dois por três óbvio e estridente, qualquer coisa perto da glória, aurora boreal dentro de um apartamento, dentro de mim. O fim da espera que não me ensinara a esperança. Um cheiro indescritível e meu pau ligado diretamente ao meu coração, ambos pulsantes, vivos; tantos subterfúgios e invenções inúteis para que o tempo deixasse de corroer os restos, tanto álcool entornado e noites insones e carreiras de cocaína misturadas a tantas merdas e centros espíritas e vernissages e falsos amigos e falsos amores e falsos alarmes; tanto lodo e escuridão para chegar aqui, a esse momento de redenção; fodam-se os anjos, o Vincent Gallo nos aplaudia, e a vida que finalmente se anuncia com guitarras shoegaze nos proporcionará um par de iWings, o novo lançamento da Apple, para que cheguemos a esse lugar idílico, longínquo, longe do Facebook e dessas pessoas horríveis que mal conhecemos.

Ele

- Marcelo, peraf...

Ele ria, gargalhava, e eu achava que também devia rir, que aquela gargalhada era de quem viu o passarinho verde da felicidade; eu ria e o apertava mais, e ele me apertava mais, tatuando suas impressões digitais em minha pele: talvez devesse tocar nessa hora How deep is your love, onde agora os Bee Gees? Onde agora um hit de novela? O pescoço retesado e a boca num movimento involuntário antecipando o beijo, era um momento tenso, mas ele se solta e suspira, ele ri, sem jeito, me larga, fitando um ponto cego na sala; dois segundos de imobilidade e eternidade, e de repente é como se então ele quisesse que nos lembrássemos de onde estávamos.

Ele

- Urgh!... É...

Eu

- O que foi?

- Eu preciso te falar uma coisa. Mas porra cara, é foda!

- Fala, vai...

Ele se recuperava num excesso de compostura, arrumou a camisa, ajeitou os cabelos, pigarreou, checou as unhas, se preparava para me encarar, e quando o fez, depois de três segundos me olhando, juntou os dois indicadores e os dedões; espichando os dedos me mostrou, levantando o peito, arfante e com certa masculinidade ameaçadora.

- É isso. Veja. Não dá cara, eu gosto disso, não tem jeito.

Era como uma ressaca flashback, eu não conseguia mijar, não conseguia cagar, eu estava no mesmo banheiro buraco de sempre; eu não quis aquele plano B, eu nem lembrava da cara dele, eu sabia que ele era só mais um que assim como tantos me rejeitara e rejeitava; eu estava sem meu iPod e era como se Bon Iver cantasse Still alive who you love, e eu poderia ir para a suíte que me esperava, era difícil estar de

cara limpa e resistindo a tudo aquilo que Marcelo, enfim. Um corpo que já não mais, e saber de onde vinha aquela dor não me facilitava.

Demorei mais que devia, lá estava ele no saguão, sua imagem refletida em todos os espelhos, multiplicada, sequencial; ele lia o mesmo jornal que eu fingia ler, ele também usava óculos, eu não sabia. Se levantou quando eu cheguei, me olhando através do espelho, sorria o desgraçado, e onde, onde minha frustração, minha fúria frente àquele múltiplo espelhado?

Ele

- Você já deve ter reparado nisso, tenho certeza, mas sabe, com esses espelhos sou obrigado a concordar que somos meio parecidos?

Quando ele falava, progressivas bocas e bocas falavam e nos olhavam, ele se aproximou e quis encostar suas costas nas minhas, como se fossemos nos medir; ele era mais baixo e nossos cortes de cabelo eram praticamente idênticos, o corte da moda, nossas roupas eram quase idênticas, mudando um pouco as proporções. Ele fica na ponta dos pés e se encosta em minhas costas.

Ele

- Se eu fosse uns cinco, seis centímetros maior, aí sim.

- Aí sim o que?

- Não sei... Seríamos mais parecidos, poderíamos passar como irmãos.

- Irmãos?

- É. Você não acha?

Não. E estranhamente me lembrei da Martha Stewart dizendo numa entrevista que nós devemos aprender com os nossos erros: ela estava saindo da cadeia naquela ocasião. Me veio a lembrança do gato do meu amiguinho Lucas que em 1975 mordeu minha mão quando eu o acariciava: depois disso passei a ter medo de gatos. Aquele gato maldito se sobrepunha à imagem da Martha Stewart, e tantas outras imagens, afazeres, faltas, contas, cotas, filas, repetições, e talvez eu quisesse ver TV naquele momento, talvez eu não tivesse nada para dizer, apesar da nossa estranha semelhança; talvez desde o momento em que pousei os olhos sobre ele naquela festa maldita fosse a mim quem eu estava vendo, um Marcelo mais puro e

ainda crédulo, cheio de belas e grandiosas ilusões, romantismos, sem tantos traumas e manias de grandeza; era a alma, a minha, que ele tinha, e que ali no espelho, pela sua natureza, ele não via.

Ele

- Relaxa, cara. Vamos lá fora fumar nosso cigarro.

Saiu na frente, eu o segui até a calçada de pedras portuguesas, o velho mosaico com o mapa de São Paulo. Ele me estendeu um Lucky Strike, uma lufada de vento arrastava a nuvem de calor oleoso, úmido, haviam dois seguranças mal encarados nos olhando, eu não gostava deles. O trânsito caótico como sempre, carros comprados em 60 vezes cuspidos gás carbônico a retratar os tempos vindouros da nossa economia. Havia muito o que olhar ali naquela calçada, até onde iam meus olhos, pessoas, suas cores e seus dejetos: ele se aproximou e fez uma cabaninha com as mãos para acender meu cigarro. Quando traguei, me vieram todos os clichês, do fundo dos pulmões.

Eu

- Você não tinha parado de fumar?

Ele riu como que se repreendendo, levantou as sobrancelhas, me olhando. Nossos cabelos eram como as chamas de uma fogueira embaladas pelo vento.

Ele

- É muito difícil viver sem isso.

Eu

- É muito difícil viver.

Ele riu.

- E então?

E então que eu queria realmente acreditar que estava diante do meu pombo-torcaz, que aquele hotel e a rua Augusta fossem a Bagnols-de-Grenade de Gide; e num clichê perfeito haveriam frases perfeitas, haveria uma atuação que nos levasse a um entendimento erótico, subindo o elevador e se abandonando um ao outro. Essas imagens às quais fui talhado desde sempre vide a cultura de massa, as telenovelas e os filmes hollywoodianos de outra época que não a minha, esses instantâneos de

amor repassados geração a geração; e tocaria uma música vinda de algum lugar, e aquela música seria a nossa música: onde? Improvável, eu me dizia, faltava o álcool da entrega, da coragem, do suplício de todas as obviedades. Esticar os dedos juntando os indicadores e os dedões, um gesto que desmontava as imagens: e fora do clichê, fora da grandiosidade daquele amor projetado desde os tempos áureos do romantismo, tudo parecia imperfeito, impreciso, fadado a mais uma desilusão.

Ele

- É ano novo, e eu quero mudar minha relação de culpa com o cigarro.
- O que muda com o ano novo?
- Alguma coisa sempre muda.

Eu podia mais uma vez me lançar naquele exercício gasto de acreditar em algo que nunca encontrara: conforme ele me contava sobre a sua noite de reveillon em Floripa, como se eu realmente estivesse interessado, tudo ia se apagando. Interromper aquela digressão impetuosamente e mandar-lhe às favas era de certo modo mandar o que ainda me restaria de amor para o mesmo lugar. Longe.

Eu

- Marcelo, o que você quer?

Um longo trago. Os olhos crispados, num achaque de ultraje, um riso turvo: me cansava imaginar e antecipar o segundo seguinte como fiz a vida inteira. Ali éramos dois desconhecidos, havia uma linha, havia uma rua a atravessar, ele estava me convidando?

Ele

- Como assim, o que eu quero?

Eu já sabia o que viria em seguida, a velha desculpa do “eu estava bêbado naquela noite, não me lembro bem do que aconteceu”.

Ele

- Você deve estar com alguma impressão errada sobre mim por causa daquela noite em que nos conhecemos, e eu queria me desculpar, eu estava bêbado, não me lembro direito do que aconteceu, mas acho que podemos ser amigos.

Amigos. Eu já tivera amigos, e sabia bem da encheção de saco que eles me trouxeram, do quanto foi difícil me livrar de todos, das perguntas insistentes, do burilar de uma intimidade superficial calcada na confissão dos segredos de alcova, a competição velada, as diferenças impassíveis, a invasão e outras querelas. Do quanto me acusaram de todos os defeitos do mundo, inclusive os que eu não tinha. Teria sido mais fácil ir embora, teria sido mais fácil ter dito a cada uma dessas pessoas que eu nunca as amara, que eu nunca as sentira de verdade.

Ele

- Veja, é ano novo, se há algum mal entendido entre nós, vamos deixar isso no ano passado, man. Relaxa, não estou te propondo nada demais, apenas uma companhia para quem sabe um dia tomar uma cerveja por aí.

O tempo pairava, o cigarro ainda pela metade: eu nunca fui assim, nem quando entupia minhas cavidades nasais com a cocaína mais impura da rua Paim, nem quando me faltava dinheiro para comprar comida, nem quando não tinha onde morar. Essa inconsequência invejável, esse descompromisso como se isso fosse um passeio.

Eu

- Cerveja?

- É, cara, as coisas podem ser mais simples, vai por mim.

Boas intenções e o lugar comum de quem não sabe o que quer, eu sabia o que queria, sabia que queria não saber, não querer; antes sabia que estava cansado de ser didático e ter que me explicar, derramar aquilo que me faltava, que me carcomia os ossos. A inanição de sentimentos não é nada simples, boy. E ali, o vento, a feiúra daquele lugar, a sujeira impregnada nas coisas, nas marquises e paredes externas dos prédios, um mendigo revirando o lixo em busca de latinhas; ali nenhum portal se abria, ele não me convidava para, era consensual, mas era pouco.

Eu

- Não sei o que dizer. Não quero dizer nada.

Ele

- Por quê?

Aquele silêncio compartilhado me invadia. Não era coragem o que eu sentia, mais para revolta e vontade de sentar-lhe a mão na cara, dizer-lhe que essa carinha bonitinha, esse resquício de juventude com o qual ele me seduzia tinha data marcada para se extinguir; ele não era o Dorian Gray, nem eu: muito menos Lord Henry, e “o verdadeiro mistério do mundo é o visível, não o invisível”. Estamos nos olhando direto nos olhos, 43 centímetros nos separam, um beijo acabaria com todo esse martírio, mas veja bem, é ano novo, 2011. Novo?

Meus dedos e indicadores coçam, jogo o cigarro no chão, antevejo uma saída triunfal, não tenho forças nem para mandá-lo tomar no cu; imagino sua bunda e não quero ficar pensando em sua barriga pois isso me daria vontade de deitar minha cabeça sobre ela, isso me tiraria da linha, isso lhe daria vantagem. É só mais uma vez a mesma história, quando ele chegasse à minha idade saberia disso: tudo é intencional, baby. O romantismo é uma merda, mas estamos arraigados a ele como cabelos no ralo do box, emaranhados com excrementos e porra. E se fossemos amigos de fato, e saíssemos um dia desses para tomar uma cerveja, eu poderia seduzi-lo, no calor do álcool e com algumas belas palavras que eu sei, ele queria ouvir; poderia em último caso suborná-lo com meu dinheiro. Eu poderia acreditar naquela ciranda que se anunciava, e me contentar com 43 centímetros porque era isso que ele me dava: a ilusão, e que outra experiência com o amor eu tinha para contar?

Eu

- Tchau.

Os pés pesam toneladas, mas eu ainda podia andar, arrastando séculos de brequice: no cinema as coisas não são assim. A vida real sempre me enjoava. Ano novo, ah como isso me irrita; o novo pede que eu não olhe para trás.

Ele grita

- Espera!

Vem até mim, na pequena escadaria que dá acesso ao hotel.

Eu não espero, não quero esperar.

Eu não sabia o que queria. Ou talvez soubesse, talvez um dia eu tenha sabido. Os dias se passaram e eu passei junto. O quarto de hotel seria perfeito se fosse longe dessa cidade: o que mais eu precisaria além de uma cama, um chuveiro, uma tomada, uma cadeira? Ainda era muito, e se haveria algo que fosse permitido querer, eu queria não precisar de nada. Não querer nada. Estou no décimo segundo andar e de cima o insignificante se expande. O que já fiz para me livrar de tantos idiotas não foi o suficiente, não me deixaram em paz, e quando não são as pessoas é a cultura. Meu iPhone reclama as mensagens não atendidas, Sarah, Sarah, Sarah, terei que encontrá-la. A campainha toca e um rapaz traz a minha ficha cadastral, diz que esqueci de preencher um campo: profissão. Escrevo: fazendeiro. Ele sai.

Não posso jogar MiniFazenda no iPhone, e isso é a única coisa que me faz lembrar de uma vida em sociedade. Steve Jobs não gosta de flash e eles ainda não desenvolveram um aplicativo em HTML5 compatível com o iPhone. Comecei a jogar depois de ler uma matéria sobre a febre dos jogos sociais, criei um perfil fake no Orkut, coloquei uma foto do Jamie Bell, ele não era tão conhecido por aqui, mas parece que logo teremos um blockbuster por ele estrelado. Não importa, criei meu perfil e comecei a jogar, meu pedacinho de terra verde, meus pixels de solidão que, lendo fóruns e afins, logo se mostraram contrários à essa forjada natureza: se eu quisesse progredir, deveria fazer amigos. Isso foi fácil, há grupos de pessoas na mesma situação, geralmente crianças e pré-adolescentes viciados e sem nada mais para fazer. Também há os que, como eu, cansaram da punheta; as esposas infelizes e pouco notadas por seus maridos gordos que nada lembravam aquele que um dia, enfim; o cara e a gatinha que adoram ir pra balada, que pegam todo mundo e que são muito populares, jogam o jogo da moda; há esses que nunca vi nem me interessam, e são apenas uma foto de perfil e um avatar. Com esses avatares eu interajo. Nos concedemos favores, mandamos presentes diários uns aos outros: minha vida por madeira virtual, cimento virtual, tudo para que eu construa meu chiqueirinho virtual, onde poderei deitar e rolar celebrando a prosperidade dos alienados.

A arte nunca me ajudara a ser mais feliz, não conheço pessoas que saíram de uma instalação com grandes insights e respostas para suas existências; apesar de todos gostarmos de ver gente nua, a arte contemporânea não pode salvar vidas. O cinema

mantém seu encanto apenas durante o tempo de projeção, apesar dos longos filmes de Andy Warhol, aquele martírio todo uma hora acaba. A filosofia nunca foi pro meu bico, sempre me deu preguiça o linguajar empolado e a pretensão dos filósofos, versus um capital erótico zero. A MiniFazenda era uma novidade, era o que, se não me ajudava a ser mais feliz, me fazia esquecer: pela primeira vez na vida eu gostava de ajudar as pessoas. Era simples, bastava mandar uma vaca virtual ou um monte de palha, e todos seriam felizes pelas próximas 24 horas, inclusive eu. Me emocionavam nossos avatares, todos bonitinhos e meigos, sem espinhas e bactérias. Simétricos. A avidez com que me pediam coisas que eu podia lhes dar, e o modo como eu esperava que me presentearassem. Colhendo nenúfares em um dia ou berinjelas em 8 horas, eu passava o tempo. Talvez àquela altura do campeonato minha plantação já estivesse comprometida, desde que Sarah chegara que eu não pude me dedicar ao jogo, o dia estava sendo exaustivo, e finalmente eu chegara à conclusão que estava perdendo o controle.

Tanto controle, segurança, essas porras que fazem da vida um shopping higienizado: eu tinha sono, e isso era raro. Tentei curar minha insônia de todos os modos, remédios, porres, punheta invertida, a única coisa que funcionou foi assistir algumas aulas na USP, mas aquelas cadeiras me matavam. A cama não é grande coisa, o quarto todo não é lá grande coisa, mas eu cansei da grandiosidade: quero dormir para sempre. Antes de fechar os olhos, programo o despertador no iPhone.

Estou subindo a Augusta, doze minutos atrasado, pensando que toda a minha experiência com essa cidade se resume a essas imediações, a cerca das cercanias onde resido há mais de vinte anos: não sei onde fica o Parque do Carmo, mas sei que lá há cerejeiras; não me interessa por outros bairros, outras paragens, tudo de SP tem o mesmo cheiro, esse cheiro de esgoto que recende na noite quente. Uso a mesma roupa e isso me incomodaria antes do ano novo, mas agora não deixa de ser um modo de se dissociar da própria imagem. Ainda sonolento, os carros lançando sua luz sobre meus olhos, não vejo nada nem quero ver, as pessoas parecem não se importar. O mundo gira e ele parece não se importar, tudo está lá,

putas, adolescentes bebendo cerveja, calçadas esburacadas, taxistas em marcha lenta. Vejo Sarah de longe, na porta do bar, fumando um cigarro: como sempre impaciente, e a simples visão faz com que as memórias jorrem e eu me sinta soterrado pelo peso de um passado gasto que mais se assemelha a uma mochila cheia de pedras: junto à leve dor de cabeça, me vem a vontade de acabar com tudo. É por isso que eu estava aqui,

Eu

- Está me esperando há muito tempo?

Ela começa a falar e suas palavras mais rápidas que o movimento da boca, não quer ficar ali, quer ir a outro lugar, está exausta e muita coisa aconteceu; saímos andando.

Ela

- O que há de errado com você? Por que não atendeu meus telefonemas? Eu venho pra essa cidade porque quero estar com você, e aí...

- Isso é mentira.

Silêncio. Esses pequenos momentos, quando consigo que ela se cale e pense nas baboseiras todas que está falando, são como um bálsamo. Se ela não se importasse com o silêncio entre nós, se ela ao menos percebesse que não há nada mais a dizer, tudo soaria menos patético, e até um pouco provável.

Ela

- Há um restaurante novo logo ali, que me recomendaram, já fiz uma reserva, acho que precisamos de um lugar mais reservado, um pouco mais de tranquilidade.

Eu

- Tranquilidade, é...

Ela

- Onde você se meteu o dia todo? Eu queria ter feito várias coisas contigo, poderíamos ter passado a tarde juntos, mas você não atende essa merda e eu fiquei preocupada. As coisas estão acontecendo num ritmo frenético e eu precisava

- Sarah, eu não estou nesse ritmo frenético. Eu não quero nada frenético, eu estou cansado, aliás, só de ver você falar e fumar assim já fico cansado. Será que a gente pode deixar as cobranças de lado, pelo menos nessa noite?

Ela está visivelmente contrariada.

Ela

- Você sabe me deixar irritada.

- Posso dizer o mesmo.

O telefone dela toca, ela atende em inglês, é uma conversa sobre trabalho, logo desvio minha atenção. Continuamos subindo a rua, e me lembro pouco a pouco de outra Sarah, 20 e tantos anos mais jovem, derramada e intensa, insegura e mais verdadeira, menos photoshopada: do tempo em que pegávamos o carro nos finais de semana e íamos para o sítio do irmão dela, um cobertor estendido no chão, e a noite caindo enquanto fumávamos maconha e falávamos dos nossos sonhos sem pudores, sonhos românticos, amores imperfeitos que haveriam de se consertar; acreditávamos nisso de coração, sonhávamos com a lua e confabulávamos com as estrelas lembrando de Antonios, Leonardos, Pedros, Fernandos, Marcelos, todos tão toscos e tão insensíveis ao que causavam em nós; amanhecíamos ali e ouvíamos o galo cantar com os ânimos renovados, prontos para dormir o dia todo e mais uma vez sonhar com o dia em que esses todos despertassem para o amor com o ímpeto ideal que desejávamos, com vontade e tesão e atitude para realmente dar sentido às nossas vidas. Não éramos felizes, mas a felicidade parecia algo ainda a ser descoberto, sugeria numa vertigem de que, um dia, em breve, tudo ficaria bem. Havia tempo.

Eu

- Sarah! Cuidado!

Tenho que puxá-la pelo braço, pois ao contrário dos carros, ela acreditava cegamente em faixas de segurança. Chegamos, ainda esperamos um pouco na frente do restaurante para que ela termine a ligação, ela fala alto, exaltada, discorda do seu interlocutor, desliga abruptamente. Respira, diz que não quer se chatear.

O lugar está quase vazio, não há reserva; ela pede que eu escolha a mesa e escolho a mais escondida, sei que ela vai discordar, mas ela não diz nada. Senta

para a frente do salão, eu sento de costas, não quero ver ninguém mesmo. Parece cuidadosa, assim como sua maquiagem meticulosa e pesada: sua atitude é tão postiça quanto seus cílios, pedimos água e vinho, ela pede minha opinião, respondo distante que qualquer vinho serve. Antes que ela comece a falar sou jogado àquele passado, camadas de memórias se ativam e misturam o de 20 anos atrás, da noite passada, do ano passado e minha cara passada diante de tudo, espelhando uma inesquecível sensação de frustração.

Era 1990 e estávamos apaixonados pela Sinead O'Connor, não tínhamos dinheiro para nada e o que tínhamos era para comprar cigarro e garrações de vinho Sangue do boi, apesar de sonharmos com Beaujolais e com aquela vida da Vogue que parecia mais viva que a nossa. O sítio do irmão de Sarah não tinha nada de especial, uma casinha sem reboque na parte externa, jaboticabeiras secas e um grande pasto sem vacas. Andávamos um bom tanto nesse pasto, lanternas nas mãos, até encontrarmos o lugar ideal. E ela começava a falar e eu a ouvia olhando para o céu, geralmente começávamos falando mal da cidade, do nojo de São Paulo, para aí então falarmos das pessoas, aquelas que não nos entendiam: éramos mais, éramos melhores, éramos fortes quando nos escondíamos do mundo, e isso era tudo de melhor que poderia ser feito. Ela espirrava e eu me comovia, ela queria amar, amar, queria ser, queria chegar naquele tipo de amor que parecia muito diferente do amor das novelas. Que outro amor conhecíamos que não esse, o do clichê? Antonios, Pedros ou Fernandos, ela se dava, ela se fragilizava, ela queria cuidar de todos eles, cozinhar para eles, lavar suas roupas e pentear seus cabelos: tudo muito convincente, e eu acabava me apaixonando por todos eles, recolhendo a roupa do varal e esperando que caíssem na real. Nossas fraquezas nos uniam, nosso medo nos fortalecia, e eu via nela algo meu que não tinha coragem de expressar, uma força, um jeito. Das certezas que tínhamos uma era que aquilo não era amor; amor era outra coisa, era o desconhecido, era o que estava nos tornando graves aos 20 e poucos anos, era falta.

Ela

- Henri quer que eu volte, disse que podemos nos encontrar em Paris, que precisamos falar sobre o acontecido e que é hora de romper com todas as limitações e assumir uma posição na nossa relação, e eu não consegui falar nada. Não posso deixar isso assim no ar, eu tenho que me posicionar, eu senti pena dele, e isso me deu um certo prazer, não sei explicar. Sei que você pode me ajudar nisso baby, sei que, enfim, você pode me esclarecer o que estou sentindo, só você pode...

Eu

- Como nos velhos tempos?

-Sim, como nos velhos tempos...

O vinho chega e não me agrada, me lembro de quando o Sangue de Boi nos era um néctar, essa expertise enóloga não nos ajudou a ter mais prazer... Os segundos de silêncio que se seguem me acalmam, mas Sarah não consegue lidar com isso.

Ela

- Os velhos tempos, não sei bem o que você quer dizer com isso, há alguma intenção camuflada nessa frase, uma ironia, você está estranho.

Eu

- E você parece afoita em me ajudar, não? Como se minha vida nada importasse, como se eu estivesse te esperando para sorver todos os detalhes da sua vida, para me ocupar dos seus problemas, como se isso fosse tudo que eu precisasse: você consegue notar?

Acho que não, é obvio que não, é melhor parar, porque gastar meu latim com Sarah? Ela consulta o iPhone e checa o Facebook, seu celular é um constante apitar de notificações para que esqueça do insuportável do mundo, e ela então aponta o tal na minha cara, bate uma foto.

Ela

- Você está bonito, e essa vai para o Facebook.

Eu

- Sim, é disso que o mundo precisa, um post no Facebook às custas da minha cara, não fará nenhuma diferença, afinal é só mais um jeito de esquecer, mais um jeito de você não prestar atenção no que eu acabei de falar, não é?

- Você está ácido hoje, hein? Eu não consigo entender, o que passa, o que você quer de mim?

E ela fala e fala e fala e eu não quero nada, Sarah, nada nada de você, nada de ninguém, talvez até então eu não soubesse mas agora tudo fica muito claro, agora nesse exato momento eu entrego o bastão, o cetro, o toco do que restou da alma e passo a vez; quero que me deixem em paz e que não queiram nada de mim porque eu não posso dar, eu não sei dar, eu bem tentei nesses anos todos, mas agora, perante os fatos, especialmente hoje, especialmente agora, eu pararia o mundo para parar de sentir, isso que jorra e que na maior parte do tempo me faz mal, isso que eu não quero mais, a vida; isso que me desobriga e foda-se se é ano novo e todos agora estão contabilizando os arroubos com seus cartões de crédito: tudo continua igual e há certas coisas que não mudam nunca, coisas como eu. Sei que ela fala do Facebook porque de repente me desconcentro e vejo seus olhos brilhando, seus 2732 amigos do Facebook, onde eles estão agora, eu deveria perguntar, onde estão todos quando você fez as malas com o cu em chamas e veio pra minha casa despeitada e chorosa, resfolegando essa máscara de falsa força, atuando para sua platéia imaginária cega para tudo a não ser para si; não sei. Sei quando comecei a ter preguiça de Sarah, sei do quanto me custa olhar para isso e dizer para mim que depois de tantos anos não chegamos a lugar nenhum porque talvez nunca tenhamos sabido o que queríamos um do outro, não cabe o acaso e o afeto, esse que ajusta as medidas das coisas: somos dois estranhos e o arrastar dessa relação só fez com que nos estranhássemos cada vez mais, mais e mais empenhados em parecer algo que nunca fomos, como todos.

Eu

- Deveria ser uma noite agradável, desculpa te interromper, há certa preguiça de minha parte e não se ofenda com isso; pensando bem deveríamos ser sinceros e olhar um nos olhos do outro e dizer que estamos cagando com ofensas, entrelinhas, e se estamos aqui é por puro condicionamento, apesar de que, no meu caso, fui

praticamente encurralado. Você não me deu opções nessa noite, você está tão ocupada consigo mesmo e com essa vida photoshopada das redes sociais que é incapaz de ver outra coisa; estamos perdendo tempo, Sarah, as coisas mudaram, e nós podemos encher a cara e falar sobre amenidades, cus e homens e amores, podemos fazer um reconhecimento de cena, deve haver alguém interessante aqui agora no restaurante, alguém que se encaixe nos nossos estraçalhados sonhos de amor; ou melhor, podemos falar sobre as tendências apesar de eu andar meio desatualizado, que tal? Enquanto isso tuitamos frases espirituosas que sequer tocam naquilo que realmente nos incomoda, porque não há tempo para isso: acho que você acaba de receber uma mensagem.

Ela então baixa os olhos, cardápio nas mãos, examinando o menu; ela não quer se abalar.

Ela

- Você já sabe o que vai comer?

- Não quero comer. Não tenho fome.

- Eu... Eu não consigo entender... por que você está tão magoado? Por que despeja tudo isso em cima de mim?

O garçom se aproxima, ela liga o piloto automático, sorri, joga o cabelo, esbanja charme, contrai as rugas até onde o botox permite, faz seu pedido com graça, como se estivesse num filme. O rapaz é jovem e belo, aparenta ser mais um desses modeletes frustrados que os restaurantes de certo nível empregam; sei que há chances dele não ser nada disso, de ser alguém que pensa e sente e bate o queixo na madrugada depois do fechamento do restaurante, quando volta para casa a pé porque o metrô já fechou: em outras épocas, se o roteiro fosse esse, eu acreditaria nele, eu me espelharia em qualquer traço de dor ainda que irreconhecível, eu me interessaria e fecharia os olhos para dançar coladinho com ele *The man i Love*, mas...

Ela

- Vamos lá fora que eu preciso fumar um cigarro.

Vamos. Calçada friendly para com os fumantes, cadeirinhas cinzeiro e segurança, o wi-fi funciona ali, ela me oferece um Marlboro, acende o meu e o dela. Há sempre

algo indescritível no primeiro trago, um renovar em qualquer situação, e eu poderia falar sobre isso, essa filosofia de botequim, sobre o calor odioso desse verão que talvez seja o último.

Ela

- Talvez você esteja se esquecendo do quanto eu gosto de você e me preocupo contigo, do quanto te tenho como referência, do quanto penso em você nas coisas mais cotidianas, sempre...

- Não. Posso duvidar, mas não me esquecer. E nós, no entanto, não nos falamos há tanto tempo: pra isso o seu iPhone não presta, não é?

- Mas você saiu do Facebook, Marcelo.

- Mas há tantos outros modos, há o Facetime, e-mail, telefone, e me parece que o correio ainda funciona: lembra quando escrevíamos longas cartas um para o outro?

- Claro que lembro, tenho todas elas guardadas na casa do meu irmão.

O garçom traz nossas taças de vinho.

Eu

- Eu não, joguei tudo fora anos atrás: na ocasião li algumas, e achei tudo uma pataquada ridícula.

Um carro tocando funk se sobrepõe à nossa conversa, ela me encara como quem prepara a munição, e eu conheço aquele olhar.

Ela

- Não sei porque tornar as coisas mais difíceis, mas você sempre foi assim: eu estou feliz de estar aqui com você, mesmo com tudo que tem me acontecido, e nós podíamos aproveitar a noite...

- A velha competição de sempre, esse seu estar feliz; desde que os outros acreditem nisso, claro. Mas Sarah, agora, olha aqui na minha cara, será que você consegue olhar para algo além de si? Eu não quero mais jogar esse joguinho, e nada vai me convencer de que nessa noite e noutras tantas haja alguma felicidade ao nosso alcance.

- Competição? Assim você me ofende...

E segue-se uma série de acusações, o problema sou eu, eu me afastei e me fechei para ela e para a nossa historia sem reverências, eu me entreguei à frustração e me tornei alguém que ela não mais reconhece, mestrado no egoísmo, retroalimentado pelo umbigo; eu que nunca soube amar e que me aferrei aos velhos sonhos sendo cada vez mais mesquinho; eu que desisti de tantas terapias, psiquiatras, amizades, do Facebook; eu que jamais pude visitá-la nas suas andanças pelo mundo afora, pois é lá onde as coisas realmente acontecem, lá onde o olhar do estrangeiro se reafirma e não há testemunhas que não virtuais; eu que desisti da minha doçura e que um dia, bem lá atrás, fui capaz de demonstrar tanto carinho com certa gratuidade; eu que deixei de confiar nela e em todos, e que não falo mais de mim, como se meu espírito tivesse sido tomado por um clichê de velho lobo do mar (confesso que gostei dessa imagem); eu que me corrôo na inveja e na autocomiseração, desdenhando das conquistas alheias enquanto o medo tomava corpo no meu corpo...

Eu, interrompendo

- Sim sim, eu sei, você está certa, e tirando essa parte do Facebook tudo isso também se aplica a você, Sarah; nós estamos aqui e tenho me dito muito essa frase, capengando na minha própria surdez, ESTAMOS AQUI AGORA, pra ver se acordo do pesadelo, se acordo pra vida, mas que vida? Eu poderia falar e falar e falar, ok não é uma competição, você diz, mas estou chorando e não há lágrimas e você não vê e nem quero que veja, não quero que vejam; há tanto que você não sabe e a culpa disso pode ser mais minha do que sua, eu que não comunico, eu que não compartilho, eu que brindo ao mundo com a minha insignificância; e nisso tudo é mais você que aparece, e sempre foi assim porque eu deixei que assim fosse, eu no papel do medo e você no da coragem, enquanto tudo desabava sobre nossas cabeças mais uma pose para a foto. Deixa eu falar, porque não quero me estender, e você já falou muito, você sempre fala muito e um dia eu gostei disso, o que não vem ao caso agora; agora há outras coisas que você não sabe nem sonha e que eu não quero compartilhar porque não há o que fazer, agora não tenho vontade de voltar para a minha casa e é bom que você esteja lá, a casa é sua, esteja a vontade, mas não me pergunte nada, para cada pergunta sua há uma longa explanação entalada, esse mundo que gira em torno de você, é disso que você me culpa, de não girar em torno de você, não é de mais nada. Eu estou cansado, e...

- Você está cansado de nós?

- Nós? Talvez um dia tenhamos sido, nós, mas já não o somos há muito tempo. Não há nós, há só uma ilusão disso; você está indo bem, porque não escreve isso no twitter agora? Me dá mais um cigarro.

Estou suando em bicas e ela tem um riso débil no rosto, um riso que a defende de qualquer incômodo, desse incômodo que tanto me tange, mais do que o necessário. Um riso que a reescalona no alto. Evita me olhar diretamente, ri para o nada, tira o iPhone da bolsa, olha para o visor pensativa, quer me provocar.

Não estou lá, não estou em lugar nenhum, um suspenso sem vista pro mar, sem janelas, o sei e enquanto ela fala e fala transito por brechas que não reconheço. Onde estou, quando me perdi? Claro, há datas específicas e sou muito bom em lembrar, dias horas tudo registrado, 1996 foi um ano escroto, eu poderia decretar que foi aí que tudo começou a mudar, que as coisas começaram a adquirir um certo peso, aquele do irreconhecível, do irremediável. Seria uma explicação lógica, seria uma proposta linear para comigo chegar a uma data, a um ponto dessa trajetória: que tipo de conforto isso traria? Não o conforto que eu preciso, não que eu saiba qual seja esse conforto. Sarah não sabe das benesses do silêncio, ela que sempre soube pertencer, ou que pelo menos sabe enganar muito bem, a ponto de acreditar na farsa encenada. Sou triste porque queria ser feliz, uma felicidade imaginada através da TV, das revistas, das gentes que não conheço: sou triste? Esse momento que deveria me carcomer, me arrancar uma atitude drástica que fosse, um tapa na cara da Sarah, a rua rumo ao meu quarto de hotel, um porre ou um acenar de cabeça concordando com o que quer que fosse; esse momento de afirmar para ver além, de romper e irromper, gritar e retomar as rédeas; esse momento só traz placidez e preguiça. Das imagens de felicidade, dos finais de novela, dos amores dos filmes e da superioridade daqueles que compram na Zara como se comprassem Chanel, é de tudo isso que retroalimento o backup da minha imagem: Sarah fala, ela quer, ela diz que eu devo querer, que eu devo desejar, engolir o mundo, ter o mundo, ela pode, eu posso, vamos todos comer, deglutir esse indigesto mundo, vamos, dêem as mãos...

Não há o que dizer, o que explicar, não há palavra ou teoria que possa aplacar, Sarah não sabe e ninguém precisa saber, ninguém poderá fazer algo, sei que agora

é tarde e eu esperei demais, acreditei em todas as baboseiras que diziam que a vida começa depois dos 40. A vida esperada era a morte anunciada.

Por que entramos de novo naquele restaurante, não sei; havia a necessidade de um fim, um calar, eu pensava que de certa forma estava me desobrigando da vida, estava enfim me livrando do fardo de palavras e manuais de conduta: era o restaurante, Sarah e seus brincos que balançavam com enfáticos movimentos de cabeça de quem quer se fazer compreender. Ela tinha as certezas, ela estava certa disso, e a boca mexia e mastigava com a mesma veemência de quem sabia ter chegado lá, onde quer que fosse, enquanto o garçom bonitinho servia vinho e na base da sedução empurrava mais uma garrafa que não valia o quanto custava.

Eu devia ir, eu quero ir mas não como quem vai à padaria comprar mais um maço de cigarro; tampouco trombetas anunciando, ou seria mais conveniente uma tuba? Há tantos discursos dentro de mim, tantos falam e suas peles formam a minha, vozes se sobrepondo: me lembro que antes, vinte anos antes, quando na companhia de Sarah, essas vozes se calavam, e eu me divertia com suas pretensões, suas paixões acachapantes que não duravam mais que uma semana. Sorvia desse amor, me apaixonava pelos amores dela, e ficava chateado quando ela desistia de um por outro: todos davam no mesmo, uma noite de sexo depois de muito álcool, e nada de telefonemas posteriores. Sempre perdendo, em prol do que?

Se eu me levantasse ela poderia fazer um escândalo, e não há saúde para isso, agora em mim não há saúde, e quem via? O blablablá de Sarah potencializava as vozes que preciso calar, delineia as faltas, erros, cagadas e medos que operei a vida toda, ela não se priva de jogar na minha cara, a culpa de tudo é minha e não preciso que ela me diga isso, bem sei de tudo, bem sei que estive esperando o tempo da perfeição, quando o mundo rodaria junto com o meu movimento: não há mais tempo, não há mais nada que nos una. E ela não sabe como esquecer.

Ela

- Você mudou depois que conseguiu dinheiro, você se fechou, e até hoje não sei direito como você conseguiu dinheiro.

Aqui eu gostaria de dizer que ela só quis saber algo a meu respeito quando consegui dinheiro, uma curiosidade calcada nos mesmos mecanismos da fofoca, para lustrar o maldizer. Eu já tinha no couro da cara todas as marcas do julgamento, não precisaria de mais; quem teve que fazer o que foi feito fui eu, sozinho e passando por cima de tudo. Um preço a se pagar, e ela não dividiu as contas comigo. Claro, eu bem podia ter arrumado um emprego, cursado uma faculdade dessas especializadas em conceder diplomas; eu bem podia ter me metido em longos financiamentos, ou simplesmente ter vivido o contentamento dos justos. Ela adorava dizer que o trabalho enobrece, mas esquecera disso quando passei a pagar as contas: eu tentei, pouco, mas tentei pagar as contas com o suor do meu trabalho, suor pouco satisfatório. Ela tem razão quando sugere que leiloei minha alma, perdi os escrúpulos, cometi um crime ou simplesmente me vendi, mas só eu sei o que foi preciso fazer. O home broker tampouco poderia ser uma ocupação, era mais uma prática dos urubus: eu gostaria de dizer a Sarah que sempre tive consciência das minhas penas, que o negrume já se instalara muito antes de qualquer gesto, qualquer tramóia, qualquer manobra financeira. Se eu zelava pelo meu patrimônio, se eu tinha um patrimônio hoje, era porque alguém, em algum momento, esteve disposto a dar todo o seu patrimônio por algo que eu podia dar: a gente nunca pode dar nada de graça, não algo que valha o trabalho de uma vida. Nada vale o trabalho de uma vida, e esse dinheiro que me tirou das ruas, das humilhações que muitos bem sabem, não valia nem a vida. Esse dinheiro me trouxe a liberdade, e sempre que penso em liberdade me lembro dos anos 60, quando liberdade era... Não sei direito bem o que, mas que essa é a única liberdade da minha geração: o dinheiro.

Caberia bem uma confissão agora, Sarah come e fala de boca cheia e bebe e espuma de raiva, é tarde e não sei bem quanto tempo passou, o garçom me olha de longe, parece inocência isso em seus olhos, e eu gostaria de poder me deixar enganar, gostaria que ele então me estendesse a mão e me tirasse para dançar, e tudo mais em volta ficaria estático, em suspenso como num episódio de Twilight zone, sem o Hitchcock por perto. A música seria qualquer uma porque a música não é o que realmente importa, e dizer nessa hora que seria melhor a Sarah Vaughan que a Xuxa seria menosprezar o que realmente interessa, seria como se juntar a

esses que não sabem gozar por um excesso de pormenores: a cultura? E ele diria que estou salvo e que fomos feitos um pro outro e que agora nós poderíamos morrer, juntos.

Isso sempre funcionou, mas não agora; se há algo realmente de novo nesse ano novo é que isso não funciona mais: os cacos de realidade que me sugeriam roteiros inteiros eram apenas a certeza de que eu estivera, durante 40 anos, morrendo de inanição. Que eu conte tudo para Sarah e que ela se cale, que eu escreva um blog como tantos, que eu assuma meus pecados e falhas nas redes sociais, o que isso importa, e para quem?

Que falta faz um Humphrey Bogart vivo, mas isso é só mais uma das faltas. Não, Sarah, nós não somos os mesmos, nunca fomos os mesmos, desde sempre. Eu me levanto dizendo que vou ao banheiro, o velho truque indígena, e saio dali sem fome para ter finalmente a certeza de que me verei livre e logo dessa vida. Essa, a vida que eu não escolhi.

Na rua não me olham, e se o fazem não mais me importa: tanto tempo buscando olhares e corpos, uma juventude toda de buscas e então a decrepitude, o cansaço, até que eu aposentasse meu desejo. Todos os dias nos últimos doze anos tenho me dito que não há o que desejar, ou melhor, que não devo desejar, o que nem sempre funciona, mas no geral, no que diz ao pau, acabou. Eu que tanto quis, que nunca pude, e quando pude, não era do jeito que eu queria; era alguma coisa eu me dizia, mais do que tantos teriam, era algo para se contentar, algo pago com dinheiro, comprado, não era assim que eu havia sonhado; eu dizia “diga que me ama” e ele dizia “eu te amo” e eu achava tudo aquilo uma merda. Eram os mesmos tipinhos, garotos um pouquinho mais que adolescentes, suburbanos querendo ascender, corpinho em dia, ginga de skatista, versados na cartilha do pornô.

Dizem que no Japão o fetiche é a inocência, e essa coisa de velha tarado afim das ninfetas é mainstream. Talvez eu devesse ter ido ao Japão, talvez eu devesse ter ido à Rússia porque talvez Mike18 gostasse do meu dinheiro, a cena tenho toda aqui, estaríamos numa lagoa e haveria uma máquina de sorvete – o dinheiro se

encarregaria de produzir eletricidade e propiciar uma tomada naquele bucolismo, a máquina, os sabores de baunilha e chocolate. Recostados à sombra de uma árvore, eu e ele lado a lado, ele tomaria sorvete e riria para mim, eu meio cansado seguraria suas mãos, ele me chamaria para um mergulho e eu diria que preferia uma soneca, ele na lagoa me mandando tchau e eu chorando ternamente com toda aquela belezura.

Eu poderia ter feito algumas viagens, mas isso era antes da internet, quando eu achava que havia algo a ser visto: as tentativas posteriores, simples finais de semana em pousadinhas pretensiosas na praia quando, por algum raio, eu tinha vontade de respirar outro ar, me eram deploráveis. Nada como a cultura do verão – que funciona em qualquer estação – para deixar claro os limites da nossa própria tristeza, quando não se faz chover no fim de tardes, sem praia e sem ninguém para compartilhar uma cerveja.

Eu poderia com o dinheiro ter feito tantas coisas, é o que querem que acreditemos, o dinheiro pode tudo, ou quase tudo, e geralmente é esse quase que interessa, o que não está à venda. O que sequer permite se fazer uma oferta. Amor comprado não é amor, e o que eu queria estava mais perto das novelas, era mais pra isso que a gente não vê por aí, que só sabe que é quando não é. Confundindo desespero com intensidade, os anos foram passando enquanto eu olhava para os corpinhos cada vez menos: corpinhos que eram só carne no sentido bovino, bem qualificados no mercado. Eles são lindos; aquele ali meu deus do céu, tenho vergonha; é uma voz, um sorriso, um braço pra fora da janela do carro: eles não sabem quem eu sou, eles não querem saber, eles não me querem, eles não me vêem. E eu vou, vou descendo a Augusta pensando que haveria de haver um modo de dizer,

- Olha. Para. Olha.

E se isso realmente acontecesse eu não soubesse o que fazer, onde colocar as mãos, e pensasse que meus dentes estão num estado lastimável e teria vergonha dos meus cabelos ralos e da minha cara oleosa, as mãos que denunciam minha verdadeira idade, isso se eles não quiserem olhar para a minha cara: está tudo lá, 40 anos de inanição.

Que a percepção do tempo dependa do novo para que ele não passe tão depressa, eu já sabia. E de toda correria, de todo contar dos ponteiros do relógio, agora finalmente o tempo parava. Eu sabia, eu estava. Desobrigado da vida, talvez fosse a hora de começar a viver, mas por onde começar? O que haveria de ser essa vida que não aquilo que sempre vi na TV, nos filmes, nos livros? Uma certeza eu tinha: não era nada parecido com o que eu via nas pessoas que conheci. E eu já podia falar do passado como se estivesse morto.

Talvez a vida do Nick Carter, apesar de eu nunca ter desejado uma carreira artística, mas o Nick ... O que eu posso fazer agora é afastar a mesinha de centro e aumentar o som para dançar I want it that way, tudo começa com um sorriso automático, e quando percebo estou finalmente dançando, estou feliz cantando Tell me why / Ain't nothin' but a heartache / Tell me why / Ain't nothin' but a mistake, e digo que superei a vergonha da vida .

Por essas e outras eu nunca quis uma carreira artística, além da coisa não depender de talento, na hora do aperto a gente fica com um Nick Carter, e não com o Nick Cave. Mas que aperto é esse se me sinto quase podendo voar, se a São Silvestre de repente não me pressiona mais, se eu sei que ano que vem isso não haverá? Vem uma sensação que começa devagar, e não há bebida; um riso baixo que aumenta aos poucos e ecoa pela sala, um riso de vingança, o riso de quem finalmente conseguiu o que queria: a certeza. Agora sei para onde tudo está indo, e é com isso que devo ficar. Essa é a minha verdade, e se não há ninguém aqui comigo é porque as coisas não deram certo, eu falhei e se a vida acontece nas filas de supermercado e não entre lençóis de 800 fios é porque deve ser assim. O que sei da vida é inspirado no simulacro, nem ouço dizer porque não quero ouvir: o cinema, a novela, a internet, os livros, a cultura no geral, essa que manipula e idealiza, das linhas de fuga que mais nos prendem, das máquinas de captura, do controle social. Claro que eu quis isso do casal principal da novela das oito. Claro que eu raspei as migalhas que a vida me deu e adicionei fermentos químicos e intoxicantes para ter a ilusão de que eu também podia. Claro, claro, as consequências foram desastrosas, claro, claro. Now I can see that we've fallen apart / From the way that it used to be, Yeah, pois é garotos, não está fácil para ninguém, e de nada me adianta agora os chorosos discos do Chet Baker, a sutileza de Billie, a dor e a guitarra de Frusciante,

eu quero mesmo os Backstreet Boys. O meu legado se assemelha ao deles, é isso o que deixo, um melô que logo será esquecido.

Não me lembro quando comecei a sentir essas dores, não consigo diferenciar o surgimento dessas com o convívio de outras, anos de dor de cabeça, analgésicos, enquanto eu ficava cada dia mais amarelo, e dizia que era porque não saía de casa. Eu inventava justificativas, urrava sozinho na cama, sonhando que tudo logo acabasse: era então a dor de existir se manifestando no corpo, mais nada. Nem antes nem depois do diagnóstico usei o Google para saber o que era, os médicos sempre me assustaram, a medicina sempre me deixou tenso, doenças, que mal havia com a morte? Se eu queria certezas, que outra a vida me propiciava?

Hoje faz uma semana, ou foi ontem? Era 30 de dezembro e Nostradamus não estava em voga, dizia-se de 2012, que tudo acabaria, eu já havia passado por outras situações, 1999 era pra ter sido o fim dos tempos e única coisa que consegui foi uma ressaca homérica: viver me doía mais, mais que antes, mais que sempre, eu me contorcia, eu transpirava muito há muito tempo, e aqui eu poderia falar de sintomas, delírios, eu deveria falar de medo, eu deveria falar de morte, mas eu não quero. Um taxista me levou para o hospital, me ajudou a chegar ao saguão, eu entrei no carro mas não conseguia sair: antes pedi que desse uma volta pela cidade, eu via luzes, vultos, sentia o cheiro nauseante das gentes, sem contorno, o meu contorno se borrava, se fundia a uma memória dos lugares, enquanto o taxista dizia que “Agora estamos na Paulista”, ou “Agora estamos em tal lugar”. Eu fechava os olhos para ver.

Os médicos me viraram do avesso, aplicaram remédios, injeções, e quando acordei haviam vários deles, com aquelas caras mal preparadas de quem não sabe lidar com a finitude, poderíamos parar aí, quando eu entendi tudo. Não há mais tratamento para o seu caso, disseram ao fim, e novas palavras brilhavam, câncer de pâncreas, metástases, tumores generalizados.

Eu me sentia bem, as dores eram as mesmas de sempre, eu podia levantar e ir para casa, tive que assinar uns papéis que recusei ler, do que me serviria saber de todos

os pormenores, detalhes? Os carnicheiros sempre querem fazer alguma coisa, eu poderia doar meu corpo para o progresso da ciência, para que escarafunchassem ainda mais minha negligência.

Há outras coisas para pensar, sempre há; se eu havia chegado a esse estado responsabilizava mais esse pensar, essa elaboração de tantos pensamentos sobrepostos que sempre me afastaram da realidade, tornando-a inócua. Se não viajei o mundo era porque não havia nada para ser visto, eu já havia visto tudo, no meu quarteirão um mundo de impossibilidades, na sala do meu apartamento. Se arrastar pela vida, com ou sem esse diagnóstico, não a tornava mais curiosa, não me despertava nada, reportagens do Fantástico sobre superação, as gentes que mediante a morte surpreendiam, os milagres da ciência, o Deus misericordioso, a solidariedade: nada disso era para mim.

O que Sarah poderia fazer se, o que Marcelo poderia, se o soubesse? Eles já tinham pena de mim, e eu não podia fazer nada a respeito. O ano novo trazia essa novidade, que tudo não mais, que a paz e outras balelas de eternidade viriam: não haveria mais muito tempo, e nada mudaria no mundo, as pessoas continuariam fornicando e parindo, emporcalhando tudo, nada devolveria o tempo perdido, uma vida de procrastinação. Surfando no estresse, no tabagismo, agora eu sabia que Godot não viraria a esquina com nenhuma solução, agora eu sabia que enfim estava chegando perto de algo como a liberdade possível. Estava chegando perto da igreja da Consolação, num ímpeto um desvio de rota, não era Deus que eu queria, antes a tristeza da rua João Guimarães Rosa, a espera de um ataque eminente, um assalto, uma facada que antecipasse o fim.

As culpas arrefeciam ao contrário do calor da noite, não havia o que comunicar, sinceridade não era o meu forte, e eu nunca soube como fazer. Li alguns desse manuais para influenciar pessoas, tentei o Facebook, quis comprar em algum momento da minha vida o que as pessoas não queriam vender: o que sobressaía era um riso de escárnio e uma paralisia ainda maior do que a de antes. Nos últimos anos eu passara a maior parte do tempo sentado no sofá, fazendo o mesmo exercício, o da imobilidade. De olhos fechados o que eu via era a minha cara, e só, uma cara de quem queria ter sido outra pessoa, quem deveria ter sido outro, mais parecido com esses das revistas, da TV; parado no sofá tudo doía menos.

E agora eu poderia dizer, se eu quisesse, há coisas a dizer mas não sei como, oscilo entre paradoxos, continuo desejando e não aceito, camuflar quereres, e nem a morte é um desejo. Se há um espectro agora é o de Steve, o Jobs; eu lhe perguntaria se ele sente que fez muito pela humanidade, como diz o Gizmodo, se a dor dele é diferente da minha, se o iPhone poderia nos levar para outra coisa. Não há um app para tudo, Steve, isso era puro marketing. Não há um app que dê conta dessa coisa, você consegue ver? Não me refiro à quimioterapia do iOs, nós erramos, seus engenheiros erraram, e o futuro chegou, bem ali na Consolação. Há poucos carros na rua e posso atravessar no sinal vermelho, se agora eu fosse atropelado não haveriam garantias. Steve, não há Applecare que dê conta. Os homens não sabem mais o que dizer, de nada servem ferramentas, a nuvem, o acesso aos arquivos de uma vida em todos os lugares: os rumores de novos lançamentos me fizeram esquecer, os chips e inovações que não foram.

A tecnologia não nos deu a coisa, essa que não sabemos o que é, pode ser delírio e antes que a imagem se forme eu digo que é mesmo, para nos próximos dez minutos pensar e sentir exatamente o oposto: querer é não saber o que se quer, é chafurdar nessa oscilação dos riscos do viver. Dali eu posso ver o minhocão se projetando, me assusto com os ratos na calçada, são muitos ratos mortos de vários tons, acastanhados, pretos, gris, pequenos e médios, todos mortos e estáticos: o seu projeto fracassou, Steve, assim como o meu.

Um dia tive um projeto, um dia tive um amor que nunca fora meu de fato, um dia eu quisera abraçar as pessoas e balançar minha fragilidade por aí, como uma bunda, tocando nos cabelos dos outros para que aceitassem minha feiúra, recebendo sorrisos sinceros com dentes amarelos sem o fantasma do clareamento dental. Essa beleza, essa exatidão que eu esperava ter acesso, isso que você queria do design minimalista e funcional, onde Steve, onde isso para além dos teus produtos? Um iPhone na mão e pra quem ligar, pra quem mandar as fotos dos lugares que não visitei, o que postar, que filtro de imagem deixaria esse momento mais inspirador, para quem, para quê?

Eu queria ter dito em algum momento desses 40 anos que amei e amei e fui amado e estive vivo, não importunado; eu posso sim dizer que amei e amei, eu só sei que. Amar o mundo quando não se é amado não é mesmo um bom negócio. Se eu gritasse esse amor agora, quem conseguiria ouvir? Para onde o minhocão levaria

esse grito, o que ressuscitaria os ratos, o que nos salvaria? Não Steve, você nunca esteve comigo, e eu não preciso dessa parafernália e essa ansiedade portátil, não quero mais esse jogo, eu perdi, eu cansei da multitarefa. Seguro meu iPhone e talvez uma última operação na bolsa, mas não. Posso imaginar a curva, minhas costas doem muito mas eu hei de conseguir arremessá-lo para bem longe, miro o minhocão, não há ninguém no asfalto, me afasto e não me despeço. No ar um movimento preciso, lento, libertador: lá de onde a coisa se espatifa, um estampido abafado e a certeza de que estamos todos no mesmo barco.

O avião deve pousar em dez minutos, pedem que apertemos os cintos. Antes eu acordara no hotel, comprara uns óculos de sol vagabundos no camelô da esquina, pegara um táxi para o aeroporto, e escolhera esse destino. Longe. Alguma burocracia para comprar a passagem, “o senhor deveria ter comprado pela internet”. Não há mais internet, pelo menos para mim, não há mais uma história, estou indo para uma possibilidade, saindo da letargia, o longe.

Chegamos e nada sei desse lugar, não tenho bagagem, não tenho sintomas, ninguém me conhece nem espero nada, mas há atitudes a serem tomadas, sempre se pode tomar uma atitude quando se tem um cartão Visa Platinum. Não há táxis e tudo é meio emporcalhado, precário, assustadiço como as caras que vejo no caminho; o aeroporto é uma pista com um galpão, um bebedouro com água tão quente quanto os mais de 35 graus que o tempo parece indicar. Sem meteorologistas a vista.

Me oferecem uma carona para a cidade, o homem tem um bigode respeitável e é prestativo, faz várias perguntas, faço-o falar, ele fala enquanto entramos na caminhonete, eu não ouço. Parece ser suficiente dizer que sou um fazendeiro de férias, apesar da estranheza: ninguém tira férias por ali, ele me diz, não há nada para ser visto. Negócios, eu digo, negócios. É suficiente. Omar é o seu nome, nome que eu esqueceria antes de descer do carro, resultando numa despedida constrangida, não para ele: há quanto tempo não me faziam um favor?

O longe era ali, era agora. Onde eu deveria ter estado desde sempre, longe dos centros culturais, das desconfortáveis cadeiras das universidades, dos shoppings, dos restaurantes metidos à besta, dos artistas conceituais. Nada parecido por perto, uma rua sem asfalto, uma gente feia e judiada, que me olhava com atenção, alguns me cumprimentavam, solenemente, e eu sorria.

O hotel mais parecia uma casa de família, sendo Eurídice, a proprietária, a minha mãe. Aqui eu poderia pensar na minha mãe e que um dia ela me deu de comer, um dia ela me amou e me cobrou coisas e gestos; aqui eu poderia pensar que fui um facínora com essa família, que me ausentei e derrubei ao longo dos últimos anos, com o machado do trauma, essa árvore genealógica: eu não pensava. Era novo, a culpa não estava.

O quarto era limpo e tinha uma tomada que não teria utilidade. Paguei em dinheiro vivo, Eurídice deu um sorriso quando pegou as notas, suas mãos brilharam e tudo parecia ainda mais limpo. Tomei um banho e me deitei limpo na cama limpa, fechei os olhos e não havia nada, nem bocas nem palavras, nenhuma imagem, nenhuma vertigem. Longe, eu havia chegado lá.

Acordo 18 horas depois, certo que não sonhei. EU ESTOU AQUI, eu estou, parece óbvio quando uma lufada de vento entra pela janela entreaberta, trazendo o presente sem delongas. Passo água na cara, sem olhar para o espelho, a visão turvada oculta o que deve ser ocultado, preciso comer, preciso de roupas limpas.

Desperto olhares dos locais, há um comércio popular, e eu procuro por roupas comuns, sem as firulas das grifes, sem invencionismos de destaque, o cinza, duas calças jeans, camisetas brancas, um par de tênis, chinelos. Na porta da loja um locutor vestido de palhaço chama os clientes, tudo às moscas, e esse vazío me é como um bálsamo. Acato as sugestões da vendedora dizendo que quero roupas comuns, baratas, as mesmas roupas que as pessoas dali usam, uma bermuda que é apenas uma bermuda, uma sunga, dez cuecas. A camisa branca é um pouco maior do que deveria, não olho no espelho, não faz diferença: aqui isso não conta, não quero plumagens, quero me dissolver na massa, quero ser mais um. Dali passo na

farmácia e compro o básico para me lavar e escovar os dentes. O céu é azul e o sol é mais visível, vou para o hotel me lavar e tomo alguns analgésicos.

Saio para comer com a minha nova fantasia, usando chinelo de dedo, penso na liberdade. Todos falam que preciso conhecer o rio, o orgulho da cidade, tomar um banho nesse rio, penso em João Batista, batizados crentes, como arroz e feijão, olho para as pessoas. Eu poderia ter outro nome, mas não preciso disso, não há ninguém por perto, não há nada que me remeta ao passado, as culpas decantadas para as bordas, sei da sujeira ali, sei que será preciso sorver desse cálice de qualquer jeito, para estar preparado. O silêncio é real, nada de pensamentos em camadas, nada de nada, não há palavras, só uma fraqueza típica de quem acabou de almoçar depois de um longo período sem comer. Preciso descansar, estou quase chegando lá. O hotel é logo ali na esquina.

No sono, o sonho. Estou na minha casa em São Paulo, imóvel no sofá, vendo TV, um dia como tantos: me levanto para tomar um copo d'água, e quando volto para a sala, ali onde estava sentado, outro Marcelo. Nos olhamos sem susto e ele me diz oi. Estou parado, ele está parado, procuro meus cigarros e ao olhá-lo de novo, há um terceiro ao seu lado. Os Marcelos se multiplicam, como nas listas de chamada da sexta série, todos eles são eu, olhando um nada quando não se estranhando com os olhos, alarmados, achacados, presos naquela sala: sem motins nem grandes revoltas, há um consenso pairando, o de que estamos condenados uns aos outros, nossos quereres dissonantes, nossa falta de concordância, pesares, os mesmos fios de cabelo branco, e um deles diz que precisamos todos os mesmos dar um jeito de ficar mais bonitos. Sem enfeites e empetecações, sem modelões; sem a vulgaridade de carteiras recheadas de notas, sem grandes pretensões: reparo que cada um deles tem algo melhorado, como uma unha encravada que não há, uma seborréia que não brilho noutra, dentes mais simétricos, olheiras menos fundas. Ainda temos nossos defeitos, e todos exibimos o tom de pele da icterícia, mas essas pequenas reparações nos unem, a ponto de nos calarmos sem desconforto. A TV se silencia, e é como se passassem dias, quando batem na porta. É de força o toque,

como se a Gestapo quisesse se anunciar, o chão minando água, e nossos pés se molham, derrubam a porta e posso (podemos) ver seus rostos. São cinco ou seis que se transmutam em outros tantos, como numa transição de tela de desktop, Sarah e Pedro e Luis Gustavo e Marina e Joana e Ricardo e Hilda e Hucah e José e Juca e Jucá e Melissa e Rodrigo e Wellington e Ana e Ana Paula e Ana Maria e Ana Clara e Clara e Vitória e Helena e Odete e Raul e Leo e Leandro e Andy Warhol e Valter e Beth e Josafá e Joseilton e Vera Lúcia e Lucia Helena e Diva Helena e Adriana e Jamil e Rosana e Rosane e Rosário e Jacaré e Joaquim e Lucas e Tiago e Jesus e Jesus Cristo e Steve e Suellen e Alexander Ebert e Eulália e Elaine e Márcia e Mário e Maria Regina e Gláucia e Alexandre e Fernandinho e Tiaguinho e Rubinho e Daniel e Jeneci e Rafael e Rafael Luis e Daisy Maria e Tim e Tom e Luis Marcelo e Marçal e Denivaldo e Ari e Otaviano e Policarpo e Isidoro e Marcos e Cleber e Renata e Fabiana e Paulão e Klever e Romualdo e Rômulo e Remo e Daniela e Pereira e Siqueira e Karina e André e Björk e Cesinha e Gilda e Mariana e Hugo e Fernando e Mateus e Sonia e João e Oscar Wilde e Sigmund e Xuxa e Guilherme e Fabinho e Paulo Alexandre e Márcio e Diene e Princesa Diana e Cleide e Cleuza e Patrícia e Jesuíno e Açucena e Ângela e Silvana e Joice e Cozona e Agnaldo e Mãe e Michel e todos meus avatares, todos meus amigos imaginários, atores, atrizes, diretores, escritores, professores, censores, verdugos, carrascos, ditadores, amores, cabeleireiros, massagistas, psicólogos, médicos, empregadas domesticas, desafetos, garçons, familiares, amigos de amigos, deletados, esquecidos, amigos de redes sociais, avatares de jogos sociais, os que vi e os que passei os olhos, os que um dia na vida, um segundo que fosse, os que esqueci o nome, os que não lembro bem de onde nos conhecemos, todos dizendo a mesma coisa, e os rostos se intercalando enquanto diziam, os rostos se sobrepondo e se apagando, surgindo apenas no tempo suficiente para dizer o mesmo. O tempo de dizer eu te amo. Todos dizendo eu te amo. A sala alaga.

A cama encharcada, o corpo liso de suor, acordo e demoro a saber onde estou, o Longe não parece ali, respiro entrecortado, um tempo indeterminado até que eu

consiga me levantar. Sentado na beira da cama, recupero o contorno, o traço; um passo de cada vez, quero ir até o tal rio, quero me refrescar, eu quero, e quase não posso, não tenho forças. Visto a sunga e a roupa por cima, calafrios, bafos de um verão tropical, estou mal e seria natural se encolher deitado no chão, gritar e pedir ajuda. Talvez Eurídice acudisse, é certo que sim, mas seria se entregar à sorte dos carneiros vestidos de branco.

Em cinco minutos melhora e posso andar, saio do quarto, ganho a rua, pergunto para as pessoas, é por ali, o rio é por ali. Sem explicação meus pulmões se enchem de ar, recupero o viço, me sinto bem como há tempos não sentia, sorrio, alguns dizem boa tarde, respondo. Caminho rápido e percebo que poderia correr se quisesse, mas não há pressa. Na frente de um bar dois cães fornicando, ela amarela e despelada, os olhos alheios, submissa, ele resfolegante, tenso, teso: parece fácil para os cães o que os homens complicam, parece trivial, e ninguém se espanta, duas crianças riem da situação. Entro no bar porque quero olhar mais para aquilo, peço um whisky, me olham espantados, não tem whisky, peço uma pinga que desce como gatorade. Me lembro de Paul Simon e de Papa Hobo, e sei que estou muito longe de Detroit, o que me acalma. Os homens fumam e emanam bondade, o tempo passa de outro jeito, um jeito que não domino, sem pressa, sem ânsia; outra pinga e a cadela se afasta, brejeira, com a língua de fora. Alguém oferece um naco de carne para o cachorro, ele come com vontade. As crianças acariciam seus pelos, as pessoas se esforçam para me dar informações claras de como chegar ao rio.

Sigo alguns minutos, passos rápidos, sem imaginar, sem antecipar, sem elaborar. O rio é maior do que eu imaginei, mais fundo, barroso, turvo. Não há correnteza, e se há não percebo de primeira, parece tão seguro quanto uma banheira, me dispo com destreza, lépido como um menino, pleno como um cachorro que acabou de trepar.

Pequenas pedras sob meus pés, meu corpo uma régua, a água subindo e uma gaivota solitária, poderia ser um urubu, não tenho certeza; não há ninguém ali e tudo poderia ser meu, mas não quero nada, só quero estar, EU ESTOU AQUI. Agora sinto a correnteza, agora sinto que o movimento é sutil, há ritmo e meu corpo dialoga com a água, que vai se amarelando à minha volta. Camadas, dejetos, recuerdos, mentiras, medos e danos e restos e tantos, aos poucos desprendendo um fluído oleoso, mais parecido com sujeira, um resíduo amargo de bile, boiando e sendo levado pela correnteza. Enfio a cabeça na água, que vem até o pescoço, sei que

posso ir mais adiante, posso nadar como outrora, quero cruzar a margem, eu ando, um passo, eu posso, já não vejo a margem, já não tenho medo, já tocam as trombetas, já não há desejo, já não há artifícios, já perco os passos, os traços, os contornos, já não dá pé, já é.

Uma boca me respira e me beija, me aquece e me oferece a língua, o corpo sobre a terra, não há nada em volta. Posso sentir seus cabelos e as gotas caindo, posso sentir o peso desse corpo sobre o meu, como um lego, encaixado. Vomito a água escura, o pus de quatro décadas, ele me apóia em seus ombros, sentados e cegados pelo sol, a cena se refaz, o rio agora é límpido e cristalino, e tenho certeza que são gaivotas os pássaros que voam sobre nossas cabeças. Ele tem olhos que entram em mim e saem pelas pontas dos meus dedos, ele sorri ternamente, quero falar, quero uma palavra que seja, quero tossir, e ele coloca as mãos sobre a minha boca, para que eu desista.

Sinto seu corpo, a tal equação, o tamanho das mãos, o pulso largo nos braços curtos, o coeficiente da beleza; quero seu corpo e ele sabe disso, ele continua me salvando mesmo depois da respiração boca a boca, ele me deita e me abraça, sem artifícios. Posso finalmente descansar.

ANEXO

Um roteiro

Título: Bebendo todas

GCs:

DESABAFO: O ÁLCOOL ACABOU COM A MINHA VIDA!

DESABAFO: DEPENDÊNCIA QUÍMICA – VEJA ESSE CASO!

DESABAFO: PRESTE ATENÇÃO – NINGUÉM MERECE ISSO!

DESABAFO: SOU A ÚNICA CULPADA – E AGORA?

Personagens:

Ana: 25 anos, bonita

Mãe: 60 anos, ranzinza

Pai: alcoólatra, 65 anos

Emerson: namorado, 30 anos, rico, bonito

3 homens: que bebem com ela, 30 a 50 anos

Locações:

Casa: da mãe, classe média

Casa 2: ap de Ana, mais simples

Boteco

Bar

Quarto de hospital

Objetos de cena:

Garrafas de bebida

Brinquedos do filho pequeno

Barriga de grávida

CENA 1

Locação:

Casa – sala / INT / dia

Personagens:

Mãe

Pai

Ana

Cenas:

O pai chega muito bêbado, agride a mãe, Ana fica vendo a cena, ela odeia o pai e os escândalos que ele faz.

OFF

Meu nome é Ana e hoje vou contar a minha história. Desde pequena eu acompanhei os problemas que o meu pai tinha com a bebida: minha mãe sofreu muito com isso, porque ele perdia as estribeiras, e aquela pessoa meiga, doce e pacata que ele era quando estava sóbrio se convertia num homem cruel e impiedoso, capaz de ofender a todos e causar muita confusão. Eu nunca consegui entender o que o motivava a beber, pois ele não tinha grandes problemas, apesar de algumas vezes ter perdido o emprego por causa das bebedeiras: não haviam grandes dramas na vida do meu pai, e era isso que mais me revoltava, porque eu não conseguia entender como uma pessoa que tem uma vida tranquila pode se render à bebida desse jeito. Eu acreditava que ele era falso, que ele escondia algum segredo terrível, pois só isso justificaria aquele comportamento: eu não sabia nada sobre dependência química, e achava que meu pai agia daquela forma porque não gostava da gente.

Passagem de tempo**CENA 2****Locação:**

Casa – quarto / INT / dia

Personagens:

Ana

Pai

Mãe

Cenas:

O pai na cama, quase morrendo, a mãe cuida dele, Ana chega e fica observando, ele está morto finalmente, a mãe chora.

OFF

No fim da vida, foi bastante terrível acompanhar o estado que meu pai chegou: ele desenvolveu uma cirrose, e não podia beber em hipótese alguma, mas parece que essa recomendação médica não serviu para nada, pois ele acabou se lançando mais e mais na bebida. Minha mãe se desgastou muito, eu via o sofrimento dela e do meu pai, eles envelheceram muito rapidamente com esse problema: ele estava à beira da morte e parecia querer abreviar esse calvário, pois não aguentava ficar um dia sem beber. Meu pai bebeu até morrer, eu já havia desistido de fazer alguma coisa por ele, porque achava que ele era um egoísta, que fazia isso para obter prazer, que não se importava com os meus sentimentos. Ele foi morrendo aos poucos, mas para mim já estava morto, pois ter acompanhado a vida de bebedeiras e escândalos do meu pai fez com que eu o odiasse.

Passagem de tempo**CENA 3**

Locação:

Balada / INT / noite

Personagens:

Ana

Emerson

Cenas:

Os dois se conhecem, ele oferece bebida, ela bebe, dançam e ficam juntos.

OFF

Eu tinha 25 anos quando conheci o Emerson, que foi o grande amor da minha vida: ele era um homem incrível, desses que a gente acha que nunca vai olhar para a gente. Eu o achava bonito, poderoso, ele era muito bem sucedido na carreira, viajado, o homem com quem sempre sonhei. Começamos a ficar juntos numa balada, e depois disso começamos a namorar, pelo menos eu achava. Eu estava apaixonadíssima por ele, mas me sentia insegura, queria agradá-lo mas tinha medo de ser muito enfática, de me tornar desinteressante para ele. O Emerson bebia socialmente, e eu experimentei bebida com ele, antes eu tinha pavor por causa da história do meu pai, mas depois que experimentei vi que era muito bom: eu conseguia controlar a minha timidez, e aquela tensão que eu vivia por estar apaixonada por um cara que, apesar de estar comigo, não demonstrava o mesmo, passava.

Passagem de tempo

CENA 4**Locação:**

Quarto de motel / INT / noite

Personagens:

Ana

Emerson

Cenas:

Os dois bebendo e dançando, se beijam e caem na cama, ela está feliz, mas pouco à vontade, se sente insegura com ele.

OFF

Era muito difícil para mim estar com o Emerson sem pensar no futuro, eu queria ficar com ele para sempre, mas ia aos poucos percebendo que ele não era o tipo de homem que se deixa prender: ele nunca havia se casado, teve muitas mulheres, vivia viajando e não queria nem assumir um namoro, me dizia que isso podia matar o sentimento que tínhamos um pelo outro. Ele tinha um jeito peculiar de ver a vida, era uma pessoa sempre animada, que comemorava tudo com um copo na mão: a primeira vez que tomei um porre foi com ele, eu achei aquela sensação muito boa, era como se eu pudesse esquecer de tudo que me afligia, minhas inseguranças, meus medos, de repente tudo ficava leve e eu me sentia solta, sem amarras, mais confiante... Tudo não passava de diversão, mas eu estava descobrindo um novo jeito de me relacionar com a vida através do álcool.

Passagem de tempo

CENA 5

Locação:

Casa – sala / INT / dia

Personagens:

Ana

Emerson

Cenas:

Ele vem vê-la e sem jeito diz que a relação deles acabou, conta que está indo viajar, e que se apaixonou por outra. Ele se vai e ela chora.

OFF

Quando depois de 3 meses e um sumiço de duas semanas, o Emerson me procurou para contar que estava indo viajar, e que a nossa relação havia chegado ao fim, eu pirei, não queria aceitar, não queria que as coisas terminassem desse jeito, até porque eu sempre achei que tudo acabaria dessa forma. Ele foi delicado comigo, e disse que eu estava confundindo as coisas, que nós nunca tivemos nada sério, que era muito bom ficar comigo, que ele gostava muito de mim, mas que nunca foi um namoro, e que ele havia se apaixonado de verdade por outra mulher. Eu não me conformava com a frieza dele, me perguntava onde é que eu tinha

errado; como eu viveria de agora em diante sem o homem mais maravilhoso que encontrei na minha vida?

Passagem de tempo

CENA 6

Localção:

Boteco / INT / dia

Personagens:

Ana

Cenas:

Ela chega arrasada ao bar, e pede uma cerveja, bebe todas no balcão, sozinha, bem decadente.

OFF

No dia seguinte eu me sentia tão mal que acabei saindo mais cedo do trabalho, nessa época eu trabalhava numa agência de publicidade como ilustradora, tinha meus horários a cumprir, mas me senti tão mal que pedi para sair e fui direto para um bar: eu não tinha com quem conversar, sabia que ninguém seria capaz de compreender a dor que eu estava sentindo, e achei que beber um pouco fosse me ajudar a esquecer. Eu só queria tirar aquela dor do meu peito, sentia um grande vazio, parecia que nada mais me importava na vida, nenhum outro homem me interessava, a paixão que eu tinha pelo meu trabalho, tudo era pequeno

comparado à falta que o Emerson fazia. Foi a primeira vez que eu bebi para esquecer dos meus problemas: fiz isso em plena luz do dia, estava desesperada, e certa de que aquilo podia me ajudar.

Passagem de tempo

CENA 7

Locação:

Casa – quarto / INT / dia

Personagens:

Ana

Mãe

Cenas:

Ela de ressaca, a mãe entra no quarto, Ana chora e conta que Emerson acabou tudo, mas a mãe está puta pois acha que ela bebeu, cheira a roupa dela, acaba com ela, diz que ela vai terminar como o pai: zonza, ela ouve mas não escuta o que a mãe diz.

OFF

Claro que no dia seguinte acordei na maior ressaca, e a minha mãe percebeu que havia alguma coisa de errado, ela sabia de tudo sobre o Emerson porque eu contava para ela, nós sempre fomos amigas, e ela sabia que ele havia terminado

comigo. Pensei que elaalaria sobre isso, mas ela veio brava me perguntando se eu havia bebido, se eu estava louca, não sei como ela descobriu, talvez por causa do cheiro das minhas roupas, ou da minha cara de ressaca que não negava seu motivo de desconfiança. Eu falei que bebi um pouco, não que enchi a cara: não ia adiantar mentir, e ela fez disso uma tempestade em copo d'água, disse que eu estava louca, que aquilo era burrice, e usou a figura do meu pai para me censurar, dizendo que ele começou a beber desse jeito. Enquanto ela falava eu nem prestava atenção, mas sabia de uma coisa: beber aquele porre fez com que eu me sentisse muito melhor!

Passagem de tempo

CENA 8

Locação:

Bar / INT / noite

Personagens:

Ana

Homem 1

Cenas:

Ela bêbada, bem periguetete, se insinua, está completamente inconsciente, beija o cara, tem um comportamento inapropriado.

OFF

Sei que a partir daí, minha vida mudou, e eu passei a sair todos os finais de semana, na quinta eu já começava, e isso ia até domingo. Minha diversão era sair sozinha e chegar num bar, começar a pedir bebidas das mais diversas: misturava tudo e chegava fácil fácil à embriaguez. Nesse estado eu me transformava em outra pessoa: conversava com todo mundo, me sentia engraçada, me soltava e esquecia de vez do peso que eu carregava. No fundo eu me sentia uma idiota, achava que o Emerson havia ido embora por culpa minha, por erros que cometi dos quais nem eu sabia. Comecei a ficar com homens dos quais eu nem me lembrava o nome: no frenesi do álcool, isso era o que menos importava. Eu sentia que dessa forma poderia exorcizar meus fantasmas, mas só eu não via que estava me afundando cada vez mais...

Passagem de tempo

CENA 9

Locação:

Casa – quarto / INT / dia

Personagens:

Ana

Mãe

Cenas:

As duas brigam, pois Ana foi demitida, a mãe não se conforma, e Ana anuncia que vai embora, que cansou, começa a jogar as roupas na mala.

OFF

Meses depois eu fui demitida do meu trabalho, mas isso não me abalou, porque eu sempre fiz muito trabalho por fora, como *freelancer* eu ganharia até mais dinheiro, era só uma questão de ter disciplina e procurar ampliar a carteira de clientes. Minha mãe ficou muito chateada, ela vinha pegando muito no meu pé, e não era de hoje que a nossa relação estava mais que desgastada: ela dizia que eu estava me convertendo numa alcoólatra, era sempre a mesma coisa, ela me acusando e eu fingindo que não ouvia. Decidi que precisava dar um passo maior, eu precisava ir embora, me mudar de cidade, ir para onde as coisas aconteciam na minha profissão: minha mãe não queria que eu fosse embora, mas eu não tinha mais nada a perder, eu precisava me esforçar antes que a vida passasse e eu continuasse no mesmo lugar. Fiz minhas malas, certa de que teria muito o que comemorar num futuro breve.

Passagem de tempo**CENA 10****Locação:**

Quarto de motel / INT / dia

Personagens:

Ana

Homem 2

Cenas:

Ela acorda bêbada no motel, ao lado de um homem que não sabe quem é, na cama. Começa a se vestir, toma um gole, o cara acorda, a acham, ela sai fugindo, com a garrafa.

OFF

Quando cheguei na capital, sozinha, eu me vi largada no mundo, era como se eu não devesse nada para ninguém, e me lancei na vida. Até para aplacar um pouco a solidão, eu saía para beber e eu comecei a perder ainda mais as estribeiras: era comum eu me envolver com vários homens, não lembrar o que tinha acontecido, acordar na cama com homens que eu nem conhecia, simplesmente não me lembrava de nada. Eu bebia durante o dia para me esquecer da culpa e da vergonha que essas situações me proporcionavam, e a noite era sempre a mesma coisa: apesar da minha vida profissional estar estabelecida, eu sentia um vazio emocional tão grande que só o álcool me ajudava a preencher. Eu estava me arriscando com essa vida, não só a minha saúde como a minha integridade física, pois esses homens com quem eu saía não me acrescentavam nada, e vai saber quais eram as reais intenções deles...

Passagem de tempo**CENA 11****Locação:**

Casa 2 – sala / INT / dia

Personagens:

Ana grávida

Cenas:

Ela bebendo mesmo grávida, tenta trabalhar mas não consegue.

OFF

Quando eu engravidei entrei em desespero, primeiro porque eu nunca pensei em ter filho, era uma das minhas últimas prioridades. Segundo porque eu não sabia quem era o pai daquela criança, eu tinha vários parceiros mas estava sempre bêbada quando tinha relações, e não sabia dizer nem o nome da maioria deles. Decidi ter o filho porque não havia opções, eu não tinha estrutura para pensar num aborto, tinha medo, não ia fazer uma coisa dessas. Achei que essa gravidez veio na hora certa pois eu precisava estar mais centrada, andava bebendo demais, me jogando demais na noite, acabei perdendo vários trabalhos porque ultrapassei os prazos, e havia me queimado com vários desses clientes. Apesar de ficar mais em casa, eu não conseguia deixar de beber um dia sequer, sabia que estando grávida isso não era nem um pouco bom para o meu filho, mas eu tinha sempre que tomar algumas doses para relaxar, e fiz isso todos os dias da minha gravidez...

Passagem de tempo

CENA 12

Locação:

Bar 2 / INT / noite

Personagens:

Ana grávida

Homem 3

Cenas:

Ela grávida, bebendo, se insinuando para os homens, decadente total.

OFF

De vez em quando eu saía mesmo grávida, e fazia tudo o que sempre fiz, bebia até perder a consciência: haviam alguns lugares que nem autorizavam a minha entrada, no dia seguinte quando eu voltava eles contavam o que eu tinha feito, os escândalos, e eu não me lembrava de nada. Eu sentia que a vida andava me exigindo mais do que eu podia lidar, eu não queria pensar naquele filho, não queria lidar com a falta de trabalho, de dinheiro, e beber era a única coisa que eu podia fazer. No fundo eu ainda pensava no Emerson, e me abandonava nessa dor, nessa falta que ele fazia: me entregar para qualquer homem era o de menos, eu sentia que com isso estava me esforçando para esquecer dele, mas eu não tinha nenhum critério, pois quando eu estava sóbria não pensava em sexo, só quando estava bêbada. Era um sentimento maior que eu, e perdi as contas de quantas vezes, estando grávida, eu bebi até cair e acabei nos braços de homens completamente errados, que não representavam exatamente nada para mim.

Passagem de tempo**CENA 13****Locação:**

Casa 2 – quarto / INT / noite

Personagens:

Ana

Bebê

Cenas:

Ela bebendo com o filho no colo, o faz dormir, coloca na cama, se arruma bebendo vários goles, deixa o filho sozinho e sai para a noite.

OFF

Quando meu filho nasceu, muito abaixo do peso, ele precisou ficar quase 2 meses na incubadora. Eu não senti muito porque não tinha cabeça nem para ir ao hospital, continuei na minha vida de alcoólatra, mas quando o bebê veio para casa eu me vi numa encruzilhada. O que era aquele filho, para quê aquela criança? Eu não tinha o menor instinto maternal, não tinha leite, não tinha jeito para cuidar daquela criança que só chorava e exigia mais do que eu podia dar. Para me acalmar eu tinha que beber, e o pouco trabalho que eu tinha para fazer me parecia impossível, eu não conseguia me concentrar. Eu já estava entrando em dívidas com o banco, já não sabia mais de onde tirar dinheiro: era tanta preocupação que eu não suportava o peso de todas essas responsabilidades. Quando o bebê dormia, eu não exitava em deixá-lo sozinho em casa e sair para a noite: só a bebida trazia algum sentido para a minha vida, era como se eu precisasse me livrar de toda e qualquer razão.

Passagem de tempo

CENA 14**Locação:**

Casa 2 – sala / INT / dia

Personagens:

Ana

Mãe

Bebê

Cenas:

A mãe veio socorrer Ana e está chocada, segura o neto no colo, diz que ela está louca, alcoólatra, que tudo naquela casa é um caos, briga feio com Ana, a humilha, e diz que vai levar o filho. Enquanto a mãe fala ela bebe, e xinga a mãe.

OFF

A coisa chegou num ponto que eu precisei pedir ajuda financeira para a minha mãe, pois não tinha mais de onde tirar dinheiro. Nós andávamos bem estremecidas uma com a outra, e com isso acabamos nos aproximando: eu não convidei, mas ela acabou vindo me visitar, afinal queria conhecer o neto, e foi um verdadeiro desastre. Ela me julgou o tempo inteiro, disse que eu estava colocando a vida do meu filho em risco, que nós vivíamos na precariedade total, que eu não cuidava da criança, que ele estava abaixo do peso, sujo, que a minha casa era um chiqueiro, enfim, ela me agrediu de todas as formas. Jogou na minha cara que eu

não prestava nem para trabalhar, que eu era uma alcoólatra, queria saber quem era o pai do bebê, coisa que nem eu sabia responder. Nós brigamos muito, afinal eu não ia deixar ela me desqualificar sem fazer nada, a vida era minha, o filho era meu, mas não teve jeito: ela disse que levaria a criança consigo, pois alegava que eu não tinha condições de criar o menino.

Passagem de tempo

CENA 15

Locação:

Rua / EXT / dia

Personagens:

Ana

Cenas:

Ela bebe até cair na rua, dorme, as pessoas acham que é uma mendiga, chegam a dar dinheiro para ela.

OFF

Depois que a minha mãe foi embora levando meu filho, eu senti um certo alívio, pois estava livre novamente para cair na sarjeta de tanto beber. E foi o que eu fiz, porque isso se tornou um problema, já que a minha mãe dizia que entraria na justiça contra mim para ficar com a guarda definitiva do meu filho. Ela não me mandava mais dinheiro, e eu fui entrando numa espiral de contratempos, deixei de

pagar aluguel, as prestações do empréstimo que tinha feito no banco, tudo foi virando uma bola de neve, e a bebida era a minha única solução para esses problemas. Eu bebia a ponto de desmaiar na rua, era expulsa de bares, não conseguia me lembrar de nada: mesmo quando eu estava passando mal, de ressaca, eu bebia, tudo para esquecer dos meus problemas. Eu não tinha nenhuma noção de que estava reproduzindo a mesma história do meu pai...

Passagem de tempo

CENA 16

Locação:

Rua / EXT / noite

Personagens:

Ana

Cenas:

Ela é atropelada, fica caída no chão, as pessoas ajudam.

OFF

Me lembro como se fosse hoje, eu havia sido expulsa de um bar, depois de fazer um dos meus escândalos, não tinha dinheiro para pagar a conta, me colocaram para fora e eu sai pela rua, completamente alcoolizada. O álcool me dava uma sensação de euforia, eu sentia que podia tudo, nada mais importava, meus problemas não existiam, eu me sentia mais forte. Nessa noite eu vinha andando

entre os carros, completamente perdida, sem sentir meus pés no chão, quando de repente tudo aconteceu. Não lembro do acidente em si, só lembro de estar sendo socorrida, deitada no chão, completamente imóvel, sem ter entendido o que havia acontecido: eu fui atropelada, e podia ter morrido, porque foi um acidente grave.

Passagem de tempo

CENA 17

Locação:

Quarto de hospital / INT / dia

Personagens:

Ana

Médico

Cenas:

Ela toda enfaixada, quebrou as 2 pernas e um braço, o médico conversa com ela, diz que ela tem que se tratar, ela decide aderir ao tratamento.

OFF

No hospital eu descobri que havia quebrado as duas pernas e um braço: precisei ficar imobilizada durante meses, e na solidão daquele quarto, eu percebi que já havia chegado ao fundo do poço. Sem poder beber, parece que todos os meus problemas tomaram a proporção que lhes cabia, e que com o uso e abuso do

álcool eu não conseguia me ater: eu havia perdido tudo, meu filho, meu trabalho, minha saúde, e inclusive a minha dignidade. Minha mãe soube do acidente, mas não veio me ver: ela entrou na justiça e conseguiu a guarda do meu filho. Eu precisei passar por isso para ver que o álcool havia se tornado o meu grande problema, eu era dependente química, precisava assumir isso: tive sorte de encontrar um médico que cuidou de mim, que me mostrou a real dimensão do meu problema. Eu tive que encarar o desespero de frente, dessa vez não dava para preencher o vazio com o álcool: eu queria sair dessa sequência de erros, eu precisava me reinventar, me tratar e vencer o vício. Foram meses de solidão, de muita dor, onde eu percebi que, se não fizesse alguma coisa, talvez da próxima vez eu não sobrevivesse.

Passagem de tempo

CENA 18

Locação:

Casa 2 – sala / INT / dia

Personagens:

Ana

Cenas:

Ela arruma a casa, quer voltar a ter uma vida normal, olha os brinquedos do filho e chora.

OFF

Hoje eu estou limpa, não bebo há quase um ano, frequento grupos de apoio, fiz um tratamento, tomo remédio, e consegui me afastar do álcool, mas evito qualquer situação ou ambiente onde eu possa estar exposta à bebida. Estou empenhada em refazer a minha vida, mas vejo que destruí a base que tinha, meus clientes se foram, e hoje faço pequenos trabalhos, pois acabei com a confiança que tinha no meu meio profissional. O que eu mais quero hoje é poder cuidar do meu filho, é ter a guarda do meu filho, que está crescendo longe de mim: para isso eu tenho que provar que não tenho mais problemas com a bebida, que posso sustentar uma criança, e seria muito útil se a minha mãe me ajudasse, mas até hoje ela não confia em mim. Se eu pudesse voltar atrás, teria sido mais determinada. Quando eu penso porque comecei a beber, vejo que sempre tive a dependência química me acompanhando, era algo adormecido, que foi despertado por uma situação que hoje já não significa mais nada. Eu me arrependo de tudo que fiz, mas sei que isso não adianta nada, agora eu tenho que olhar para a frente e aceitar o meu problema, para poder vencê-lo: me sinto mais forte a cada dia, e sei que resistir é a única coisa que me fará seguir adiante.

Bibliografia / Dispositivos

ABREU, C.F. Caio 3 D – **O essencial da década de 1980**. *Dama da noite*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

AGAMBEN, G. **Profanações**. Tradução e apresentação de Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

BLANCHOT, M. **O livro por vir**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Sulina; Editora Martins Fontes, 2005.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. A literatura e a vida. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, G. **Lógica da Sensação**. Equipe de Tradução: Roberto Machado (coordenação). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GIDE, A. **O pombo-torcaz**. Tradução de Mauro Pinheiro. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

GUATTARI, F. **O inconsciente maquínico: ensaios de esquizo-análise**. Tradução de Constança Marcondes César e Lucy Moreira César. Campinas: Papyrus, 1988.

HOUELLEBECQ, M. **A possibilidade de uma ilha**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HOUELLEBECQ, M. **Plataforma**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HOUELLEBECQ, M. **Partículas elementares**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1999.

JULY, M. **É claro que você sabe do que estou falando**. Fazendo amor em 2003. Tradução de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Agir, 2008

KAHNEY, L. **A cabeça de Steve Jobs: as lições do líder da empresa mais revolucionária do mundo**. Tradução de Carlos Irineu da Costa e Maria Helena Lyra. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

LAWRENCE, D. H. **Sex, Literature and Censorship**. Editado por Harry T. Moore. Nova York: Viking Press, 1959.

LEITE, G. **Filha, mãe, avó e puta: A história de uma mulher que decidiu ser prostituta**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MEDINA REYES, E. **Era uma vez o amor mas tive que matá-lo**. Tradução de Maria Alzira Brum Lemos. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

MEZRICH, B. **Bilionários por acaso: a criação do Facebook**. Tradução de Alexandre Matias. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

MIRISOLA, M. **Memórias da sauna finlandesa**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PAGLIA, C. **Personas sexuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickinson**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PRECIOSA, R. **Rumores discretos da subjetividade – Sujeito e escritura em processo**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental – Transformações Contemporâneas do Desejo** [1989]. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 3ª edição 2006, p. 231.

SANT' ANNA, D. B. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

WARHOL, A. **A filosofia de Andy Warhol: (de A a B e de volta a A)**. Tradução de José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2008.

WHITE, E. **Rimbaud: a vida dupla de um rebelde**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.